
VERUS
EDITORA
Fenômeno editorial nos Estados Unidos
Mais de 2,5 milhões de cópias vendidas
A garota do CALENDÁRIO
DEZEMBRO
Audrey Carlan

Audrey Carlan

A garota do CALENDÁRIO

DEZEMBRO

Tradução
Andréia Barboza



VERUS
EDITORA

Editora
Raïssa Castro

Coordenadora editorial
Ana Paula Gomes

Copidesque
Lígia Alves

Revisão
Maria Lúcia A. Maier

Capa e projeto gráfico
André S. Tavares da Silva

Foto da capa
© ProStockStudio/Shutterstock (casal)

Título original
Calendar Girl: December

ISBN: 978-85-7686-566-7

Copyright © Audrey Carlan, 2015
Todos os direitos reservados.
Edição publicada originalmente por Waterhouse Press, LLC / Bookcase Literary Agency

Tradução © Verus Editora, 2016
Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.
Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

Star Books Digital

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C278g

Carlan, Audrey
A garota do calendário [recurso eletrônico]: dezembro / Audrey Carlan; tradução Andréia Barboza. - 1. ed. - Campinas, SP: Verus, 2016.
recurso digital (A garota do calendário; 12)

Tradução de: Calendar Girl: December

Sequência de: A garota do calendário: novembro
Formato: epub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-7686-566-7 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Barboza, Andréia. II. Título. III. Série.

16-36938

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

À verdadeira Mia Saunders
Você ainda não nasceu e eu já te amo.
Espero que um dia, quando você for adulta,
a minha querida amiga Sarah
compartilhe esta história com você.
Eu lhe desejo amor, uma vida plena
e paciência para
sempre confiar na jornada...

SUMÁRIO

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

Epílogo

Onde eles estão agora?

Agradecimentos

1



Sair da cama, debaixo de uma quantidade enorme de cobertores, e com o braço do meu homem ao redor da minha cintura, me segurando com força, é mais difícil do que se poderia pensar. Pegamos um voo noturno para Aspen, no Colorado, e chegamos antes do nascer do sol no dia seguinte. Wes me levou para o chalé de sua família — e eu uso o termo "chalé" por delicadeza. O pouco que vi era maior que a nossa casa em Malibu. Fomos para o quarto dele, onde caímos na cama, acabados. Aposto que dormimos antes mesmo de nossa cabeça encostar no travesseiro.

No entanto, agora eu estava bem acordada, e, pelo pouco de luz que espreitava através da cortina, provavelmente era perto do meio-dia. Afastando-me pouco a pouco, me desenrolei do abraço de Wes, tentando não acordá-lo. Saí da cama e quase congelei. Calcinha e camiseta não eram o traje mais adequado. O quarto estava absolutamente gelado. Fui na ponta dos pés até o termostato e aumentei a temperatura para vinte e cinco graus. *Vamos colocar o aquecedor para trabalhar!*

Dei a volta, encontrei o banheiro e fiz o que precisava, tão silenciosamente quanto um ratinho, antes de localizar minha mala. Peguei uma legging, um moletom de Wes e minhas pantufas felpudas. A sra. Croft tinha me garantido que eu ia precisar delas, e estava certa. Eu precisava me lembrar de agradecer a ela pelo conselho.

Muito mais aquecida e com roupas adequadas, deixei o quarto e desci as escadas. Quando cheguei à metade, parei. Do outro lado do chalé havia uma parede inteira de janelas que iam do chão ao teto, através das quais era possível ver uma cadeia de montanhas. A neve, com pontos verdes e pretos das rochas e árvores, cobria todos os picos. Era de tirar o fôlego. Não há outra maneira de descrever. Como um zumbi, caminhei até a porta-balcão e a abri completamente, deixando o ar gelado envolver meu corpo e minha alma. Minha respiração formou uma névoa aquecida enquanto eu admirava, sonhadora, o que certamente era obra de Deus.

Quando eu olhava para a praia em nossa casa, a vista me acalmava e me dava paz. Olhar para aquela grande cordilheira me deixava serena. Era majestoso e irreal, como se eu estivesse vendo uma fotografia.

Espetacular.

Do nada, braços circularam meu peito, me puxando para o calor.

O queixo de Wes se esfregou em minha pele, entre o pescoço e o ombro.

— Lindo, né?

Deixei escapar uma expiração lenta.

— É muito mais que isso.

Wes beijou meu pescoço, o calor de sua pele formigando contra a minha.

— Estou feliz que você tenha gostado, já que esta vai ser a nossa casa pelas próximas duas semanas e meia. — Sua voz era um estrondo que eu podia sentir ao meu redor e em todos os poros.

— Eu não vou reclamar — respondi, ainda impressionada com aquela beleza natural.

Ele riu.

— Você diz isso agora. Vamos ver se você gosta mesmo de neve daqui a alguns dias, quando precisarmos desenterrar o carro de dentro dela.

Apertei os lábios, enrugando o nariz. Wes adorava quando eu fazia isso. Ele olhou para mim, sorriu e plantou um beijo na minha bochecha.

— Que tal tomar o café da manhã? — perguntou.

Meu estômago roncou.

— Acho que tenho que concordar com a sugestão.

Ele sorriu e me deixou admirando a vista.

— Não fique aqui fora muito tempo. Vai congelar o traseiro.

— Espero que só as partes flácidas! — Eu me virei e bati em seu bumbum conforme ele entrava em casa.

Wes estava certo. Em poucos minutos eu estava congelando, então entrei na casa para ajudar meu noivo a preparar o café da manhã. Encontrei uma manta de chenile em uma das poltronas macias e a joguei sobre os ombros.

Wes estava ocupado na cozinha, pegando frigideiras e o bacon. Ele disse que havia telefonado antes e pedido aos caseiros para providenciar o básico. Nós iríamos precisar fazer compras, mas eles tiveram o cuidado de abastecer a casa com ovos, bacon, leite, manteiga e café. Fiquei extremamente grata por isso.

Fui fazer café enquanto Wes fritava o bacon e aquecia outra frigideira para os ovos.

— O que você quer fazer hoje? — ele perguntou, balançando as sobrancelhas de modo sugestivo.

Revirei os olhos.

— *Isso* não.

Ele fez cara de surpresa.

— Tudo bem. *Isso* sim, mas não agora — corrigi. — Eu quero ver as coisas. Conhecer a cidade, comprar mais comida e descobrir onde os artistas locais expõem a sua arte. Isso vai me ajudar a planejar a matéria. Além disso, a equipe de filmagem vai estar aqui dentro de alguns dias, então precisamos estar preparados para uma semana com eles.

Wes anuiu e continuou preparando o café da manhã. Depois que comemos, fomos tomar banho juntos, e ele me lembrou que eu queria, sim, um pouco *daquilo*, antes de pularmos no carro alugado e nos dirigirmos à rua principal.



Eu não estava preparada para a beleza extrema com que me deparei no momento em que chegamos ao centro. Animada, saí do carro e girei em um círculo. O cenário roubou meu fôlego enquanto eu absorvia a imponência das montanhas. Era como se o centro da cidade tivesse sido criado dentro de uma bacia, escondido bem no meio da Terra. As pessoas circulavam dentro e fora das lojas, com roupas de cores brilhantes que se destacavam contra o pano de fundo branco das montanhas ao longe.

— Agora eu entendo — sussurrei enquanto contemplava, de olhos arregalados, o cenário que nos rodeava.

— Entende o quê? — Wes perguntou, segurando minha mão enluvada. Mesmo através das camadas de couro e lã, eu era capaz de sentir o calor em minha palma.

— Por que este lugar é tão badalado. É impressionante. Eu já fui para Lake Tahoe e vi montanhas cobertas de neve antes. Já esquiei também, mas nada se compara a isto. — Deixei escapar um suspiro, tentando absorver tudo, mas sabendo que não seria capaz de fazê-lo. Havia muito mais a apreciar. Eu esperava que, ao longo das próximas duas semanas e pouco, aquele lugar majestoso se fundisse à minha memória, para que eu pudesse revisitá-lo sempre que estivesse à beira de uma insolação no sul da Califórnia.

Wes olhou para as montanhas imensas.

— Eu entendo o que você quer dizer. Já estive aqui muitas vezes, vai ser bom ver Aspen da sua perspectiva, com novos olhos.

Sorri e apertei sua mão.

— Aonde nós vamos primeiro? — perguntei, esperando que Wes me guiasse. Ele me puxou para o seu lado, passando o braço em volta dos meus ombros.

— Vamos tomar uma bebida quente ali — apontou para o Café Colorado — e depois caminhar um pouco. O que acha?

Eu me encostei em seu corpo.

— Qualquer coisa com você está ótimo pra mim. Obrigada por ter vindo comigo, aliás. — Esfreguei o queixo ao longo de seu pescoço.

Wes abriu um sorriso tão grande que eu tive certeza de que a luz do sol refletia em seus dentes. Pura alegria atingiu seus olhos verdes e me derreteu. Vê-lo relaxado, confortável consigo mesmo e preenchido com uma sensação de paz seria suficiente para me fazer feliz por um século.

Havia alguma coisa nele que me chamava, falava diretamente com minha essência. Ao mesmo tempo que me fazia muito feliz, me assustava. No entanto, a alegria superava o medo, e eu suspeitava de que seria sempre assim. Estávamos cada vez mais perto de fazer nossos votos um ao outro.

Era difícil acreditar que em pouco mais de três semanas eu seria a sra. Weston Channing. Eu ainda não tinha conseguido assimilar.

Enquanto caminhávamos, Wes comentava sobre lugares legais para jantar e bares que serviam coquetéis e outras bebidas incríveis, se desse vontade. Seguimos pela rua principal, onde avistei um lugar pitoresco, pintado de cor-de-rosa, logo na esquina. O nome era Padaria & Café Main Street.

— Você já comeu naquele lugar bonito ali? — perguntei.

Quando ele ia responder, uma mulher com mais ou menos a minha altura saiu de lá. Ela era magra e usava um belo casaco de couro que batia nos joelhos, com um cinto largo por cima. Um lenço pink flutuava com a brisa, chamando atenção para seu pescoço. O cabelo preto familiar caía em cachos soltos ao redor dos ombros. Tentei desesperadamente ver mais do seu rosto, mas ela estava olhando para baixo, procurando alguma coisa na bolsa.

— ... e eles fazem os melhores ovos benedict... — Ouvi parte das palavras de Wes, mas meu foco estava unicamente na mulher do outro lado da rua. Uma sensação de formigamento surgiu em meus nervos, me confundindo.

A silhueta, o cabelo e a altura da mulher me lembraram muito de alguém que eu conhecia. A sensação de familiaridade atingiu meu cérebro bem lá no fundo, e então

dei alguns passos mais para perto do meio-fio, próximo à esquina da padaria. A mulher pegou um par de óculos de sol, e, um pouco antes de colocá-los, seus olhos encontraram os meus. Ofeguei e saltei para trás, batendo em Wes, com o peso daquele olhar.

— Não pode ser... — falei com dificuldade, incapaz de formar mais palavras com a confusão de emoções que me rodeava.

Raiva.

Frustração.

Desespero.

Desamparo.

Abandono.

Tudo isso e muito mais atingiu meu corpo como um trem de carga.

— O que houve, Mia? Qual é o problema? Linda, você está branca feito um fantasma.

Pisquei algumas vezes e olhei para Wes, parado a minha frente, segurando meus braços com firmeza.

— Eu... Eu... Não pode ser ela. — Balancei a cabeça e olhei ao redor, mas a mulher tinha ido embora. Desapareceu, como se nunca tivesse estado ali. — M-m-mas ela estava bem ali! — Olhei para as outras lojas e calçadas. Nada. Sumiu.

— Quem? Quem você acha que viu? — Wes perguntou, a preocupação tingindo seu tom.

Engoli o caroço do tamanho de uma bola de golfe parado em minha garganta e, com lágrimas nos olhos, olhei para o homem que ia comprometer sua vida comigo para sempre. Ele nunca me abandonaria. Com a segurança e a força que seu toque me proporcionou, inspirei o ar frio e disse o nome dela:

— Meryl Colgrove.

Wes franziu a testa.

— Baby, eu não entendi. Quem é Meryl Colgrove?

— Minha mãe.



Wes e eu olhamos para todo lado nas ruas por uns bons dez minutos, examinando vitrines e espiando dentro das lojas. Nada. A mulher tinha desaparecido.

Ele me levou para o carro e nós voltamos para o chalé de sua família. Fiquei calada o tempo todo, perdida demais em minhas próprias emoções para conseguir formular uma palavra.

Não podia ser ela. Era como se ela tivesse aparecido do nada. O destino não podia ser tão cruel. Eram mínimas as chances de Meryl Colgrove estar na cidadezinha onde estávamos hospedados para passar as festas e gravar o quadro "Vida bela".

E se ela mora aqui?

De jeito nenhum. Eu estava vendo coisas. Além disso, tinha perdido o contato com minha mãe havia mais de quinze anos. A probabilidade de encontrá-la em Aspen parecia ridícula. Era só alguém que se parecia muito com ela — ou com a mulher de quem eu me lembrava.

Meus pensamentos giravam como um tornado. Aleatórios. Erráticos. Devastadores.

Quando chegamos ao chalé, eu tinha me convencido de que não era possível que aquela mulher fosse minha mãe. Eu tinha visto alguém muito parecido, só isso. Fim da história. Não tinha nada com que me preocupar. No entanto, meu noivo não havia chegado à mesma conclusão.

Quando entramos na casa, ele caminhou até o bar, pegou dois copos e os encheu com dois dedos de um líquido âmbar, de uma garrafa de cristal.

— Bebida? — Era a primeira palavra que ele dizia desde que eu contara que achava ter visto minha mãe.

— Claro. — Eu me sentei em uma das exuberantes banquetas giratórias do bar. Não eram o tipo de móvel que se compra em lojas de departamentos. Passei os dedos sobre os braços gastos da banqueta, que tinha um aspecto rústico chique.

Wes tomou um grande gole do uísque. O pomo-de-adão se mexeu, instigando a mulher dentro de mim.

Ele se inclinou para a frente e apoiou os cotovelos no balcão.

— O que você acha? Era ela? — perguntou calmamente.

Pela tensão em seu corpo e a incerteza em seu olhar, eu podia dizer que ele não sabia qual era a melhor maneira de começar uma conversa a respeito de uma mulher da qual quase nunca me ouvia falar. E minha reação provavelmente deu uma boa indicação de como eu me sentia.

— Não tenho certeza. — Dei de ombros. — A semelhança era impressionante.

Wes assentiu.

— Por que nós estamos aqui, Mia?

Meus ombros se ergueram quando a tensão começou a me envolver.

— Eu não sei, baby. É estranho. A Shandi, assistente do dr. Hoffman, falou que eu tinha que vir. Ela organizou tudo com a equipe e me avisou.

— Quando é que nós vamos encontrar o tal homem da montanha? O cara que fez uma "grande doação" — Wes fez gesto de aspas no ar — para o programa em nome dos artesãos da região, sendo que um deles é sua esposa?

Eu não podia negar que a coisa toda era estranha. No entanto, estava acostumada com coisas estranhas. Peculiares. Meu ano inteiro tinha sido construído sobre uma cadeia aleatória de acontecimentos que me levavam aonde eu era necessária. Até agora, havia funcionado. Eu conheci o homem com quem ia me casar. Fiz amigos para a vida toda. Encontrei meu irmão, Maxwell. Salvei meu pai. E comecei uma nova carreira, que estava amando. Tive alguns problemas no caminho, mas tudo deu certo no fim das contas. Honestamente, eu não queria perder muito tempo questionando.

Saindo da banqueta, dei a volta no bar, fui até meu noivo e passei os braços ao redor da sua cintura.

— O nome dele é Kent Banks. Acredite ou não, eu também achei um pouco estranho. Então liguei para o Max, contei tudo pra ele, e sabe o que aconteceu depois? — Sorri.

Meu irmão era absurdamente protetor com relação a mim e a Maddy. Saber que um cara qualquer tinha supostamente oferecido um bom dinheiro para eu fazer uma matéria sobre algo tão simples quanto os artesãos da cidade deixou Max intrigado. Na verdade, levou ao extremo o instinto de proteção.

Wes sorriu e me puxou contra seu peito.

— O Max chamou os cães de guarda dele?

— Se você está se referindo ao detetive particular, a resposta é sim. O Max é paranoico. Você sabe disso.

Meu noivo me abraçou apertado.

— Eu já te disse que adoro o seu irmão? Ele é um cara muito legal. — Wes olhou ao longe, sereno, porém de forma exagerada.

Eu ri e pressionei o nariz em seu peito. Inspirar sua loção pós-barba e seu perfume invernal enviou vibrações de excitação pelo meu corpo. O espaço entre minhas coxas se apertou automaticamente diante do pensamento de tê-lo mais uma vez.

— É mesmo.

— O que ele descobriu? — Suas mãos se apertaram ao meu redor e seus dedos

tocaram a parte baixa das minhas costas, massageando qualquer possível tensão causada por um dia de viagem e pela caminhada no centro de Aspen.

Gemi quando ele apertou um ponto particularmente dolorido.

— Hum, ele disse que o cara é um militar aposentado que tem formação em arquitetura. Fez fortuna projetando casas de inverno no mundo inteiro. Parece honesto. O Max disse que ia continuar investigando, mas não pareceu muito preocupado. Especialmente quando eu disse que você ia ficar comigo o tempo todo.

As mãos de Wes subiram pelas minhas costas, até meu cabelo. Ele segurou minha nuca e virou meu rosto para que meus olhos o encarassem.

— Eu nunca vou deixar que nada te aconteça. Você é a minha vida. O meu tudo. Eu não quero existir em um mundo sem você.

— Nem eu — sussurrei.

Wes se inclinou para a frente e tocou minha boca com a dele. Uma sensação muito suave. Manteve os lábios pairando sobre os meus para que eu pudesse sentir o movimento e, logo em seguida, falou novamente. Eu o ouvi direto no coração.

— Eu sempre vou te proteger. De tudo e de todos. — Seu nariz roçou o meu quando seu rosto se aproximou mais um centímetro. — Seja no trabalho, na sua família, ou de fantasmas que aparecem do nada. De agora em diante, Mia, nós enfrentamos tudo juntos.

Assenti.

— Tudo bem, baby. Nós enfrentamos tudo juntos — falei e, em seguida, encostei a testa na dele. Esse simples toque afastou toda preocupação, dúvida e receio que eu tinha sobre a possibilidade de ter visto minha mãe e sobre o que eu deveria estar sentindo a respeito.

— Posso te beijar agora? — ele perguntou. Sua voz era um estrondo baixo, o som de um homem que estava perdendo o controle. E eu queria isso. Precisava.

Sorri.

— Por favor.

2

Os moradores da cidade costumavam ir ao Zane's Tavern para se divertir, se aquecer, tomar uma cerveja e comer asinhas de frango picantes. Era o que dizia o site do lugar e, segundo Wes, a descrição estava correta. Quando estava na faculdade, depois de passar o dia esquiando, ele e os colegas de fraternidade iam a esse pub, onde pegavam as "marias-esquis" que ficavam ali, esperando a chance de agarrar um macho rico que as levasse para o chalé da família. Naquela época, Wes só queria curtir. Agora ele estava me levando pelos degraus íngremes, ao fim dos quais um conjunto de portas verdes nos recebeu. Uma grande placa retangular indicava, em relevo dourado contra o fundo preto, que havíamos chegado ao Zane's Tavern.

Parecia um contrassenso ter que descer uma escada para entrar no estabelecimento, uma vez que neva muito nessa parte do país. Faria mais sentido subir, assim a neve não se acumularia na entrada. Talvez fosse uma forma de manter todo mundo dentro do pub, gastando, sem parecer sacana.

Wes abriu a porta para mim. O local era aconchegante e imediatamente me fez lembrar do Declan's, em Chicago, onde estivéramos com Hector e Tony no Dia de São Patrício.

Aquele dia foi uma das muitas razões pelas quais Wes e eu estávamos juntos. Ele apareceu do nada, me proporcionou uma noite inesquecível e partiu, deixando para trás o cheiro de homem e de sexo. Eu sabia que havia algo mais entre nós, ainda que fizesse o máximo para combater aquele sentimento. Cheguei a passar uma noite com Alec em abril. Quando descobri que Wes estava transando com Gina DeLuca, a estrela de seu filme mais recente, fiz questão de me distanciar. Passei um mês desfrutando de um belo pau samoano para tentar esquecer o surfista sexy. Não funcionou. Na verdade, isso me fez ter mais consciência do que eu queria no fim das contas.

A mão do meu noivo estava quente em minhas costas quando ele me levou para o porão. Havia várias TVs ao redor do salão transmitindo um jogo de futebol americano. Por causa da distância, eu não saberia dizer quem estava jogando, mas a quantidade de clientes usando camisetas de time e os olhos colados nas telas indicavam que era uma partida importante.

Wes me levou para o bar e me ajudou a tirar o casaco, colocando-o no encosto da banqueta.

— A que horas esse cara vem nos encontrar? — Ele olhou para o relógio enquanto ajustava sua banqueta e se inclinava sobre a bancada. Numa época em que as pessoas podem checar o horário no celular, ver alguém usando relógio de pulso significa alguma coisa. Wes era mais tradicional e antiquado do que gostava de deixar transparecer.

— Acho que às sete.

Ele anuiu.

— Vamos tomar uma cerveja. São seis e quarenta, então nós temos algum tempo.

— Uma bebida cairia bem, com certeza. — Suspirei e apoiei o cotovelo no balcão brilhante.

Wes colocou a mão no meu ombro e apertou.

— Linda, não vai acontecer nada. Você está segura comigo. Se esse cara for um babaca, eu vou colocá-lo na linha. Não se preocupe com nada além de tomar um drinque com o seu noivo. Entendeu?

— Sim. Obrigada. — Coloquei a mão sobre a dele e me inclinei o suficiente para beijar o pedaço de pele em seu pulso onde a blusa térmica havia subido.

— O que você quer?

Apertei os lábios e olhei para a grande variedade de chopes.

— Na verdade eu vou tomar uma sidra, se eles tiverem.

O barman se aproximou.

— Ei, Weston Channing! Caramba, como você está, irmão?

O homem, com um sorriso largo no rosto, tinha uma longa barba e bigode avermelhados. Seus dentes eram perfeitos. Os olhos eram quase da mesma cor do cabelo, castanho-avermelhados. Ele usava uma camisa xadrez preta e vermelha, com um botão aberto que deixava a camiseta branca aparecer por baixo, um jeans que já tinha visto dias melhores e botas de amarrar sujas. Esse homem não era do tipo que se senta atrás de uma mesa. Não. Ele provavelmente fazia mesas com as próprias

mãos, usando madeira de árvores que ele mesmo cortava. Era um cara grande, que se encaixava muito bem no estilo lenhador.

Wes apertou a mão enorme do homem. Meu noivo tinha altura acima da média e era forte. Esse cara, no entanto, parecia poder quebrar uma tora ao meio com as mãos e um pouquinho de força. Seria páreo duro para meu irmão, Max, na categoria brutamontes.

— Alex Corvin! Como vai, cara? — Wes exclamou, apertando uma das mãos do homem e segurando a outra. Eu adoro quando os caras fazem isso. Para mim, demonstra que eles realmente se importam com a pessoa.

O barbudo balançou a cabeça, o que teve o efeito ímpar de fazer sua barba balançar também. Eu não conhecia ninguém que arrasava com uma barba grande, mas esse cara arrasava, e com muito estilo. Eu tinha de admitir que ele era sexy. Eu gosto do estilo lenhador — aposto que a maioria das mulheres gosta. Esse pensamento me fez sorrir. Eu precisava tirar uma foto dele para enviar a Gin. Ela ia me matar com suas palhaçadas, e, do jeito que eu estava nervosa, seria ótimo rir um pouco com minha amiga.

Wes colocou o braço ao meu redor.

— Alex, esta é a minha noiva, Mia Saunders. Mia, este é o Alex. Nós fizemos faculdade juntos.

Estendi a mão, e a sua engoliu a minha. Uau.

— Prazer, Mia. Nossa, Wes. — Alex sorriu e mordeu o lábio inferior. — Você arrumou uma vencedora, hein?

— Em oposição a uma perdedora? — ironizei, incapaz de segurar a língua.

Os dois caíram na risada.

Alex coçou a barba como eu tinha visto o Papai Noel do shopping fazer muitas vezes quando estava fingindo pensar se uma criança tinha sido malcriada ou boazinha.

Wes sorriu e beijou minha têmpora.

— Ah, eu definitivamente consegui a mulher certa.

Alex apoiou os cotovelos no bar e olhou para mim com ar conspiratório, então indicou Wes com a cabeça.

— Se esse cara não te tratar bem e você precisar de um homem de verdade, já sabe aonde ir, tá? — Sua voz era um grunhido sedutor.

Wes ergueu a mão e o empurrou, com a palma contra a testa dele.

— Sai fora!

Os dois riram.

— Sério, Alex, a última vez que eu te vi, você estava trabalhando em Wall Street. Não nessa vibe louca de homem das montanhas. O que deu em você para querer ficar aqui no nosso reduto, servindo cerveja e hambúrguer? — Wes perguntou, curioso.

Alex limpou o balcão à nossa frente.

— Me deixe servir vocês primeiro e eu já volto pra explicar.

Fizemos os pedidos. Ele me serviu uma sidra de pera, uma Guinness para Wes e atendeu outro casal antes de voltar para nós.

— O negócio é o seguinte. — Ele cruzou os braços fortes e mexeu na barba antes de continuar. — Eu ganhei uma boa grana em Wall Street, certo?

Wes assentiu e tomou um gole da cerveja escura. Um pouco da espuma ficou em seu lábio superior, e eu olhei para sua boca macia como se ela tivesse todas as respostas do universo. Incapaz de me controlar, me inclinei para a frente, limpei-o com o polegar e lambi. As sobrancelhas de Wes se levantaram e seus olhos escureceram.

— Não comece — ele avisou, obviamente percebendo o desejo em meu olhar.

Espantei a sensação e voltei a atenção para Alex, que tinha parado de falar.

— Continue — Wes pediu.

— Tem certeza? Ela parece animada. Eu tenho uma mesa muito boa nos fundos. Fiquem à vontade se as coisas esquentarem demais.

Meu rosto explodiu de calor. Eu tinha certeza de que a vermelhidão cobria meu peito e meu pescoço, chegando às bochechas.

— Não, cara. Não precisa. Ela vai conseguir o que está querendo quando nós chegarmos em casa. — Wes piscou para mim. Piscou. Para. Mim. O cretino ia se ver comigo. Fez parecer que só eu sentia tesão. Encostei a taça de sidra no rosto, apreciando a sensação de frio contra calor, enquanto Alex continuava.

— Acontece que eu odeio trabalhar com números, a menos que eles estejam no cheque de alguém. E adoro trabalhar com o público, conhecer gente, proporcionar um lugar agradável para as pessoas chegarem e ficarem. O estresse, a tensão, cara, tudo isso estava me matando. Então eu saí fora.

Wes quase engasgou com a cerveja.

— Você simplesmente largou tudo? Não estava ganhando uma grana preta?

Alex sorriu.

— Sim. O suficiente para comprar este bar e uma casa aqui. Agora eu posso respirar ar puro, livre de poluição. Todo. Santo. Dia. Eu amo a minha vida.

— E você tem alguém? — Wes perguntou.

Os ombros de Alex desabaram. Para um homem do seu tamanho, foi como deixar cair dois sacos de areia no chão.

— Um dia eu vou ter — respondeu, de um jeito que me fez acreditar que realmente aconteceria, porque ele estava aberto a isso.

Wes colocou a mão no braço do amigo, em um gesto de apoio.

— Fico feliz por você.

Alex sorriu e fez um gesto de cabeça em minha direção.

— E eu, muito feliz por você.

— Não posso me queixar. — Wes passou um braço ao meu redor, me puxando contra seu peito.



Assim que terminamos nossas bebidas, Wes pediu mais. E, antes que eu percebesse, havia uma pessoa tocando meu ombro.

— Hum, Mia Saunders? — uma voz profunda perguntou atrás de mim.

Girei a banqueta e olhei para cima. Mais para cima. Para o rosto robusto de um homem de cabelo grosso e escuro, que caía nos olhos. O queixo quadrado estava barbeado e tinha um daqueles furinhos que fazem uma mulher desejar colocar o dedo lá quando o beijasse. Pelo menos eu beijaria aquele homem se fosse uns trinta anos mais velha e estivesse precisando de um coroa bonitão. Ele usava camiseta térmica de manga comprida com uma camisa xadrez aberta por cima. Talvez fosse o estilo lenhador chique, pois Alex estava vestido do mesmo jeito e era uns vinte e cinco anos mais novo.

— Claro que você é a Mia. — Seus olhos pareciam esquadrinhar cada uma das minhas características, cabelo, rosto e corpo, mas de maneira superficial. Ele passou muito mais tempo observando meus olhos, o que fez um arrepio subir pela minha coluna.

Wes se levantou e ficou à minha frente, protetor como de costume. Só que dessa vez eu gostei, porque o cara olhava para mim como se me conhecesse. E isso era desconcertante.

— Você é o Kent? — Wes perguntou.

Ele estendeu a mão.

— Kent Banks. Eu sou a razão de vocês estarem aqui — respondeu de modo automático.

Wes apertou sua mão e se apresentou. Eu fiz o mesmo.

Kent apontou para uma das mesas.

— Se importam de nos sentarmos para conversar?

— Claro. Obrigada — eu disse, segurando meu copo de sidra. Wes fez o mesmo com sua Guinness quase cheia.

Kent escolheu um lugar onde não havia tanto barulho. O bar estava um pouco agitado, com o jogo no terceiro tempo. Havia brindes, aplausos e conversa alta. Eu estava acostumada com isso, tendo crescido em Las Vegas e trabalhado em bares por boa parte da vida. O barulho não me incomodava, eu conseguia facilmente me desligar.

Nós nos sentamos, e eu fui direto ao ponto.

— Então, sr. Banks, se importa de explicar por que o senhor pagou um dinheirão para que *eu*, especificamente, viesse até aqui fazer uma matéria com artistas da região, sendo um desses artistas a sua esposa?

Kent franziu o cenho.

— Eu não paguei um centavo para você vir até aqui. — Ele soltou um risinho incrédulo e se recostou na cadeira, cruzando os braços.

Olhei para Wes, que parecia tão confuso quanto eu.

— A assistente do meu chefe disse que o senhor pagou para garantir que eu viesse fazer uma matéria com a sua esposa.

O homem balançou a cabeça.

— Não é verdade.

— Hum, acho que é um mal-entendido, então. O senhor não me requisitou? — perguntei, incerta. Se ele não tinha me requisitado, por que eu estava ali? E por que ele havia ido me encontrar para conversar antes da entrevista?

— Requisitei, sim, mas não da maneira que você está dizendo.

Wes estendeu a mão para mim quando abri a boca para contra-argumentar. Nada fazia sentido, e o cara estava enrolando. Eu odeio quando as pessoas fazem isso. Me faz sentir uma idiota.

— Sr. Banks, o que a minha noiva e eu queremos saber é o motivo de ela ter sido chamada aqui. Ela, especificamente.

Kent brincou com o cardápio sobre a mesa.

— Eu achei que seria uma boa divulgação para a minha esposa. O trabalho dela é muito bom, e você faz matérias com pessoas que criam beleza. Provavelmente pelo fato de você ser tão bonita, isso flui com facilidade. A minha esposa, hum, viu o seu programa e ficou... animada. — Ele olhou ao redor do salão. Havia alguma coisa

que ele estava escondendo. Em Vegas, você aprende a ler a expressão facial das pessoas, ou seus tiques, como se diz no pôquer. Kent Banks definitivamente não estava dizendo toda a verdade.

— Animada? — perguntei.

— Sim. Ela não é o tipo de mulher que se deixa levar facilmente. Quando ela te viu na TV, eu... hum... tive certeza de que precisava te trazer aqui.

— Por que eu?

Mais uma vez, seus olhos pareciam me analisar detalhadamente. Era inquietante. Eu me senti insegura, querendo saber se faltava alguma coisa no que ele via. Eu não gostava da sensação. Normalmente eu era confiante, mas, sendo analisada por aquele homem da montanha, me senti... pequena.

— Não precisava ser necessariamente você. Podia ser qualquer um.

Ele estava tentando parecer indiferente, mas eu sabia que era mentira. Já tinha sido enrolada por homens como meu pai, Blaine e outros. Aquele cara estava sendo deliberadamente vago, e eu não sabia por quê.

— Me fale sobre você. — Eu precisava saber mais a respeito da pessoa que tinha me feito ir até ali, antes de ligar para Shandi e dar um esporro nela.

Cada vez mais parecia que aquela vaca tinha armado para mim. Provavelmente ela me queria fora do estúdio por um tempo, para poder ter o dr. Hoffman só para ela. Garota estranha. Ele era apaixonado pela esposa, uma atriz iniciante de Hollywood, mas sua assistente estava fazendo o que podia para me manter longe dele. Ela sabia que eu era louca por Wes, mas ainda assim fazia questão de me deixar longe do estúdio o máximo de tempo possível.

Então surgiu um homem de uma montanha qualquer contando uma história. Não fazia sentido. Nada disso. Quando as coisas não se encaixavam, meu pai sempre me dizia... procure mais fundo. Como Kent havia me trazido ali, tinha que haver mais. Alguma coisa que estava faltando.

Ele acenou para a garçonete e pediu uma cerveja. Depois que ela saiu, ele suspirou.

— Eu sou militar reformado. Servi em quatro missões no exército. Me formei em arquitetura depois e usei os meus contatos no governo para conseguir alguns trabalhos grandes. Eu faço isso há quinze anos, e foi o que me deu a vida que eu queria: uma companheira, dinheiro no banco, uma casa confortável e terra para cuidar. Estou vivendo o sonho americano. É tudo o que eu sempre quis.

— Filhos? — perguntei.

Seus olhos se estreitaram.

— Não. Eu sempre quis ter. Mas não tive.

— Por que não?

— Nunca era a hora certa. Eu servi até os trinta e cinco anos. Conheci a minha mulher quando estava com quarenta. Ela não quis ter filhos.

Tomei um grande gole de sidra.

— A sua mulher é artista?

Ele assentiu.

— Ela tem uma galeria na Main Street chamada 4M.

— Quatro M, o número e a letra? — Eu quis confirmar, assim saberia aonde ir no dia seguinte.

— Sim.

— O que significa?

Ele balançou a cabeça, com uma expressão sombria no rosto.

— Não tenho certeza. Uma vez ela disse que representava algo importante que ela deixou para trás.

Wes inclinou sua Guinness e terminou de beber o líquido cor de café, colocando o copo de volta na mesa.

— Bom, isso aqui não foi exatamente divertido. Olha, sr. Banks, eu tenho certeza que você é um cara legal. Pelo menos parece ser. Mas a Mia não deveria estar aqui nessas circunstâncias estranhas.

— O que isso significa? — O tom de Kent ficou áspero, quase duro.

— Significa que eu não vou deixar a minha futura esposa ser conduzida por uma assistente imatura e mal informada. Mia, linda, se você ligar para o dr. Hoffman, nós podemos esclarecer tudo isso e voltar para Malibu antes do Natal.

— Malibu. Você é de lá? — Ele pareceu surpreso, como se achasse que eu tinha vindo de outro lugar.

— Sim — respondi, pensando na oportunidade perdida de ter um Natal com neve. Eu não queria ir embora.

— Bom, você está bem longe de casa para não fazer o que veio fazer. A minha esposa é talentosa, e eu tenho certeza que, se você visitar a galeria dela e conhecer os outros artistas da região, pode encontrar algo que vem procurando há tempos. Um pedaço de si mesma — ele disse, de um jeito enigmático. — A arte tem o poder de fazer isso. Abrir a alma e deixar a luz entrar, quando antes só existia escuridão.

Eu me virei rapidamente para ele.

— Você está insinuando que eu tenho a alma escura?

Ele piscou lentamente.

— De jeito nenhum. Por que você chegou a essa conclusão?

— Bom, acho que está na hora de ir embora. Obrigada por vir se encontrar conosco, sr. Banks. Essa coisa toda é... parece... não sei... — balancei a cabeça e afastei o cabelo do ombro — ... estranha, de alguma forma.

Ele se levantou, colocou as mãos nos bolsos e me olhou. Mais uma vez, seus olhos me avaliaram, mas não me provocaram arrepios. Era como se ele estivesse vendo alguém que se parecia muito com uma pessoa que ele conhecia. Uma sósia. Maddy me disse uma vez que todo mundo tem um sósia, um irmão gêmeo por aí.

— Espero que você decida ficar, Mia. Eu tenho uma sensação boa, de que você pode encontrar algo que não esperava.

Dei risada.

— Você é vidente ou coisa parecida?

Ele sorriu.

— Não. Só um velho que sabe das coisas.

— Velho? Você não pode ter mais de cinquenta anos.

— Cinquenta e cinco.

— Ainda assim, não é velho. Jovem de coração.

— Acho que todo mundo é governado pelo coração, de uma forma ou de outra — ele falou daquele jeito esquisito que, honestamente, era bem estranho vindo de um militar aposentado/arquiteto. — Espero que você decida ficar. Eu consideraria uma bênção se você visitasse a galeria.

Uma bênção. Que escolha estranha de palavras.

Wes me ajudou a vestir o casaco.

— Vamos ver.

— Certo. Eu acho que muitos olhos vão ser abertos nos próximos dias.

Apertei os lábios.

— Tá bom.

Wes enganchou o braço no meu. Eu me virei e acenei para o homem gigante. Ele levantou a mão e moveu os dedos lentamente, como se não quisesse dizer adeus.

Wes me guiou até o carro e me ajudou a entrar. Lá dentro, se virou e olhou para mim.

— Eu não entendi qual é a desse cara.

— Ele é inofensivo. Eu vou dar um esporro na Shandi por nos mandar nesta missão inútil. Isso não foi legal.

— Não, não foi. E agora, o que você quer fazer? A equipe de filmagem chega amanhã à noite. A nossa família chega no fim da semana pra ficar até depois do

Natal. Você quer cancelar e voltar pra casa? Natal na praia? — Ele balançou as sobrancelhas sugestivamente.

Fiz beicinho e olhei para ele, piscando lentamente.

Seus ombros caíram.

— Natal na neve?

Abri um largo sorriso.

— Natal na neve.

— Tudo bem, baby. Então nós vamos ter um Natal na neve. Você quer fazer a matéria? — ele perguntou.

Ponderando sobre isso, pensei se poderia recusar. Normalmente eu usava minhas próprias ideias, mas entrevistar os artistas da cidade não era ruim. Os fãs iriam gostar, especialmente nesta época do ano, quando as pessoas se animam com assuntos relativos a artesanato e decoração.

— Eu acho que deveria — Wes refletiu. — Seria fácil. Visitar as galerias, entrevistar alguns artistas e mostrar a bela cidade onde a arte é feita. Se encaixa no clima da temporada.

— É verdade. Além disso, eu fiquei interessada em conhecer a mulher desse cara. Você não?

Wes balançou a cabeça.

— Na verdade não. Eu sinto que tem urucubaca aí.

Dei uma risada.

— Urucubaca?

— É. Sabe, tipo... ziquizira.

— Você é louco! — eu ri.

— Essa fala é minha.

— Não é mais. Acabei de passar o troféu de louco pra você.

Ele ergueu as mãos, como se estivesse carregando um troféu.

— Dedico este prêmio à minha linda esposa, Mia, cuja loucura não conhece limites. Ela é ótima em fazer loucuras, me chupa até me deixar louco... enfia tudo até...

Bati no espaço entre suas mãos.

— Me devolve o meu troféu!

Passamos o resto do trajeto rindo e falando sobre loucuras. Todos os tipos de loucuras. Quando chegamos ao chalé, nós dois estávamos meio loucos.

3



O corpo ao meu lado estava inquieto. As pernas de Wes se moviam embaixo das cobertas. Ele murmurou algo que não consegui entender. Estendi a mão, tocando seu peito. Ele se acalmou no mesmo instante. Com um simples toque. Nossa ligação era forte assim.

— Mia, minha Mia — ele suspirou.

Wes continuou a murmurar frases sem sentido. Pela janela, pude ver que o sol estava começando a surgir no horizonte. Eu tinha deixado as cortinas abertas para que a primeira coisa que eu visse quando abrisse os olhos fosse a cadeia de montanhas brancas imaculadas. Era uma vista tão diferente da Strip de Vegas ou do oceano em Malibu. Amei. Eu apreciava o fato de Deus nos dar tantos presentes sob a forma de paisagens variadas. Esta era especialmente bonita. Fiquei imaginando como seria na primavera. Tudo muito verde e exuberante. Pensei que seria divertido andar de bicicleta e caminhar por ali. Eu perguntaria a Wes sobre a possibilidade de voltarmos em uma época mais quente.

— Por favor, Mia... só... por favor.

Sua voz era um sussurro, mas dessa vez eu entendi cada palavra.

Por favor o quê? Eu me sentei e observei atentamente o meu homem. Seu peito nu estava exposto, os músculos rígidos e definidos. Ele havia ganhado peso, recuperando alguns dos quilos que tinha perdido no cativeiro. Wes malhava em casa e surfava para moldar suas formas fortes e deliciosas. Olhar para ele despertou um novo surto de desejo em mim. A área entre minhas coxas ficou molhada enquanto meus olhos se banqueteavam com seu corpo. Incapaz de me segurar, passei um único dedo pelo centro do seu peito.

Wes gemeu e virou a cabeça para o lado, como se estivesse tentando se aproximar de mim, mesmo durante o sono. Puxando o cobertor para trás, encontrei seu pau semiereto. Minha boca se encheu de água. Aquele pau era meu. Todo meu.

Nenhuma outra mulher tocaria, chuparia, foderia aquele membro, apenas eu. Eu o possuía. E, ao mesmo tempo, eu pertencia a ele, eu e tudo o que vinha comigo. Não era uma troca justa. Eu não era nenhum prêmio, mas podia fazer o que quisesse com o meu homem e ele sucumbiria. Totalmente. Completamente. Desenfreadamente.

Era inebriante saber que eu tinha poder sobre os desejos de outra pessoa, que podia lhe dar prazer à vontade.

Puxando totalmente o cobertor, montei no corpo de Wes e me abaixei. Coloquei o rosto diretamente sobre seu pau nu e inspirei. O perfume masculino almiscarado atingiu meus sentidos, e eu apertei os punhos. Wes. Só um homem cheirava assim, e eu jurava que meu corpo reconhecia seu perfume. Conectados em um nível visceral, primordial. O meu corpo conhecia o seu companheiro.

Com a língua, toquei de leve a parte mais grossa de sua virilidade. O sabor salgado e rico explodiu em minhas papilas gustativas, e o calor floresceu pelo meu corpo, umedecendo ainda mais a área entre as minhas coxas. Arqueei no ar, meu sexo apertando, querendo aquele pedaço grosso de Wes bem lá no fundo... mas não ainda.

Exalei o fogo dentro de mim sobre seu pênis. Ele se agitou de maneira quase imperceptível e gemeu, seu comprimento endurecendo diante dos meus olhos. É magnífico ver a magia do corpo masculino. A excitação atinge o lugar mais prazeroso do corpo deles com uma ferocidade que não pode ser vista em nenhum outro lugar. Enquanto eu via Wes endurecer, fiquei fascinada com a beleza diante de mim. Eu nunca tinha achado que um pau pudesse ser bonito, mas o de Wes era. Mole, pendia alguns centímetros, ainda num tamanho razoável, com pelos aparados e uniformes ao redor. Ereto, porém, seu eixo era delicioso. Eu estava convencida de que o seu comprimento tinha sido construído para me agradar. Longo, grosso e mais duro que uma pedra com a simples ideia de me foder. Eu adorava isso. Às vezes os homens levam algum tempo para se animar. Wes não. Bastava eu sugerir uma escapadinha, e o homem estava pronto para me penetrar contra a parede mais próxima. Seu apetite sexual correspondia ao meu. As metades perfeitas de um todo.

Usando a língua, comecei na parte inferior do seu comprimento e lambi em linha reta até a ponta. O corpo de Wes tensionou, seus músculos abdominais mostraram os gominhos e suas mãos voaram para minha cabeça. Não parei. Acordado ou não, meu homem amava minha boca sobre ele, e eu o queria mais do que desejava respirar.

Sugando a ponta, olhei para cima. Os olhos sonolentos de Wes estavam em

mim, piscando lentamente. Girei a língua ao redor da glande, apreciando o líquido claro que surgiu. Gemi quando essa gota salgada vibrou em minhas papilas gustativas.

— Você é uma deusa. Eu nunca vou me cansar de um amor como o nosso — ele falou por entre os dentes enquanto eu lhe dava prazer.

Gemi contra o seu pau e depois o engoli tão profundamente quanto possível. O que eu não pude alcançar com a boca, segurei com a mão. Sua cabeça se inclinou para trás, mas seus dedos se enroscaram em meu cabelo. Eu sabia que ele queria dar um impulso, mas estava se segurando. Eu o amava ainda mais por se conter assim. Se fosse o contrário, eu estaria me esfregando na cara dele em segundos. Algo que eu descobri que ele adorava.

Deitando sobre suas pernas, eu me rocei em suas coxas. A sensibilidade no clitóris controlava meus movimentos. Quando meu sexo molhado tocou sua pele, Wes respirou fundo por entre os dentes.

— Baby, eu quero essa boceta na minha boca. Agora.

Neguei e lambi seu eixo várias vezes.

— Sua vez. Não minha.

Ele segurou meu cabelo com força e levantou minha cabeça.

— Se é a minha vez, venha aqui e me dê a sua boceta. Eu quero o seu mel na minha língua quando eu gozar. Se vire. Agora — ele rosnou.

Envolvida demais, girei o corpo e montei em seu rosto, os joelhos apoiados no travesseiro. Os dedos de Wes deslizaram lentamente pela minha umidade.

— Puta merda. Você já gozou?

Balancei a cabeça, incapaz de falar com seus dedos me tocando.

— Você está encharcada, Mia. Quando precisar de mim desse jeito, é só pegar o que é seu. Agora me diz: do que você precisa? — ele perguntou, a boca a centímetros do meu sexo molhado.

Inspirei ruidosamente.

— Eu preciso gozar — admiti, de um jeito descarado.

— Então você vai. — Ele colocou a mão na minha coluna e a deslizou até a nuca. — Com o meu pau na sua garganta.

Sem esperar um segundo sequer, coloquei os lábios na lateral do seu pau e pressionei beijos de boca aberta da base até o topo. Ele expelia uma grande quantidade de líquido pré-ejaculatório quando cheguei à ponta. No instante em que a alcancei, ofeguei. Wes escolheu esse momento para colocar a língua em meu clitóris e chupar com força. O suspiro foi rapidamente seguido por um engasgo

quando ele empurrou minha cabeça para baixo e forçou os quadris para que seu membro descesse pela minha garganta, ao mesmo tempo em que seus dedos mergulharam em meu sexo.

Meu corpo explodiu como um foguete, se contraindo e recebendo os espasmos do orgasmo. Eu me sentia como um peixe no anzol. A boca de Wes no meu clitóris me proporcionava ondas de prazer, enquanto seus dedos me seguravam e eu engasgava com seu pau. Wes, percebendo minha situação, levantou minha cabeça, me segurando pelos cabelos. Uma nova onda de eletricidade, combinada com a dor na raiz do cabelo, dedos furiosos me fodendo e o clitóris sendo sugado, gerou um novo surto de excitação.

— Mia, linda, a sua boca. Coloque a sua boca lá. Me chupe que eu vou te fazer ver estrelas de novo.

Como se despertasse de um sonho, recomecei o trabalho. Cada lambida longa em sua ereção era recebida com uma longa lambida em meu sexo. Toda vez que eu o sugava, ele fazia o mesmo em meu clitóris. Eu o tomei profundamente. Ele fez a mesma coisa com a língua na minha fenda. Num determinado momento, seus dedos agarraram minha bunda e me abriram. Ele circulou a abertura proibida com a língua e voltou para o meu centro encharcado. Esfreguei o corpo contra seu rosto, buscando mais prazer. E ele me deu — sem parar.

Segurei firme a base do seu pau duro, protelando seu orgasmo iminente.

— Que porra é essa? — ele grunhiu, e eu me afastei da sua boca, para longe do seu controle. Antes que ele pudesse me punir, encaixei meu corpo em seu pau e sentei. Nós dois gritamos. Suas mãos seguraram meus quadris e me prenderam no lugar enquanto eu o cavalgava de costas. Ficar por cima, mas ao contrário, trazia uma sensação pungente. A cada impulso, parecia que eu estava sendo empalada, mas ao mesmo tempo era surpreendentemente maravilhoso. De frente para seus pés, eu me inclinei e apoiei as mãos em suas canelas.

— Cacete — ele ofegou.

Seus dedos se apertaram ao redor dos meus quadris. Quando me inclinei para a frente, seu pau entrou tão fundo que eu mal pude respirar.

— Porra — ele grunhiu por entre os dentes.

Fiquei imóvel por alguns momentos, deixando meu corpo se ajustar à nova invasão. Eu estava totalmente despreparada para a profundidade e o ângulo do seu pau dentro de mim. Eu podia jurar que, se me inclinasse para trás, conseguiria sentilo no estômago. Levantando os joelhos, deslizei para cima e para baixo em seu eixo, experimentando a nova sensação. Cada terminação nervosa estava acesa de energia

enquanto sua circunferência me esticava e seu comprimento me penetrava, atingindo aquele ponto dentro de mim repetidamente.

— Wes... — falei, pegando o ritmo. Precisando de mais.

— É isso aí, baby, me leve bem fundo. Mais forte. Você pode mais forte — ele gemeu, seus dedos dos pés se curvando à minha frente.

Quando me acostumei com a nova sensação, uma de suas mãos deixou meus quadris, e em seguida senti algo úmido na minha entrada proibida. Wes acariciava de forma circular ao redor da pequena abertura. Perdida em seu toque, movi os quadris em círculo, mexendo seu pau dentro de mim. Quando me levantei um pouco, seu polegar começou a entrar. E, no momento em que desci com força, ele me penetrou fundo com o dedo.

— Caramba. Não sei se consigo lidar... — Tentei me afastar, mas Wes não permitiu.

— Você vai receber tudo o que eu tenho pra te dar, Mia. — Wes movia o dedo para dentro e para fora, enquanto eu o cavalgava enlouquecidamente, presa em um loop infinito de estímulos. — Um dia eu vou tomar tudo, tudo o que você tiver pra dar, e vou proteger isso com tudo o que sou. — Sua voz estava cheia de emoção. Ou luxúria. Talvez um pouco de ambos. Eu não sabia. Só sabia que ele estava ali, me preenchendo, me completando, balançando meu mundo.

— Eu te amo — falei. Então me levantei um pouco, sentei forte sobre ele novamente, inclinei a cabeça para trás e gozei, me esfregando nele sem parar. Seu polegar continuou se movendo, me estimulando por completo, forçando meu orgasmo a um ponto tão alto que perdi o fôlego.

— Ah, a sua boceta tem o aperto mais doce... — ele falou, liberando minha bunda, segurando minha cintura e metendo em mim furiosamente, até que seus quadris se levantaram e ele gozou dentro de mim com um gemido longo e satisfeito. Era demais. Sensações demais. Amor demais. Apenas... demais. Eu apaguei.



Acordei com os dedos de Wes tocando meu cabelo, minha cabeça descansando em seu peito nu. Lentamente, estiquei os dedos dos pés e senti dor nos músculos do abdome, das costas e das partes baixas. Na verdade, senti como se tivesse tentado montar um cavalo em movimento e tivesse falhado. Mas eu sabia que havia ganhado.

— Ah, essa é a minha garota. Você apagou.

— Por quanto tempo? — murmurei em seu peito, sem querer mover um músculo sequer.

Ele riu.

— Tempo suficiente para eu tirar você do meu pau e te aconchegar em mim. Eu não acredito que você desmaiou.

— É, bem... foi intenso — eu disse, beijando seu peito.

Wes continuou acariciando meu cabelo e passando a mão nas minhas costas.

— Foi mesmo. Por que você decidiu experimentar essa posição?

Eu meio que dei de ombros.

— Sei lá. Eu nunca tinha feito assim antes. Você me deixou louca, eu precisava de você dentro de mim. Foi mais rápido desse jeito do que se eu me virasse.

— É verdade. E foi muito bom. Adorei ver a sua bunda se mexendo em cima de mim. Além disso, me deu uma ótima vista do meu pau afundando em você. Adoro isso, baby.

— Safado! — Bati nele e sorri antes de morder seu peitoral e beijá-lo.

— Ei, continue com isso e eu vou te deixar sem poder andar — ele alertou.

Ergui a cabeça e ele balançou as sobrancelhas.

— Sério? — murmurei e voltei a desfrutar do seu corpo. Passei as mãos para cima e para baixo em seu peito, acariciando-o da mesma maneira que faria com um cachorro peludo, embora Wes não tivesse muito pelo, além da trilha de fios loiros que seguia até o seu pau. — Você acha que sempre vai ser bom assim? — perguntei.

Considerando meu histórico, eu nunca havia estado com um homem que me deixasse louca desse jeito no departamento sexo. Com Wes, eu queria o tempo todo. Dia e noite. Suado depois da academia, coberto de areia, depois de um banho de mar, eu queria o meu homem do jeito que ele estivesse. Isso não parecia normal.

Wes levantou meu queixo para olhar em meus olhos.

— Acho que, quando se está apaixonado, é sempre bom. Nosso corpo se torna uma manifestação física do nosso compromisso. Quando tudo é honesto e real, o resultado não importa. É estar juntos, ligados física e mentalmente, pra garantir que nós ainda somos um.

Sorri, me inclinei para cima e tomei sua boca num beijo lento e profundo.

— Eu quero ter isso pra sempre com você. — Eu disse essas palavras como se fossem uma promessa, garantindo que faria qualquer coisa para manter acesa a chama entre nós.

As mãos de Wes se entrelaçaram no meu cabelo.

— Baby, nós sempre vamos ter amor. Daqui a um ano, dez ou cinquenta. Eu reconheci a minha outra metade quando te vi pela primeira vez. Nada vai me impedir de fazer você ser minha pra sempre. Daqui a algumas semanas você vai ser minha legalmente, mas isso não muda o fato de você já ser minha aqui — ele apontou para o coração.

Lágrimas se formaram em meus olhos enquanto eu o ouvia professar tranquilamente seu amor e confiança em nosso futuro.

— Não, não muda. Eu sou sua. Pra sempre. — Aconcheguei-me em seu peito e pensei no futuro. Nunca tínhamos conversado muito sobre outras coisas além de ficar juntos, de eu me mudar para a sua casa em Malibu e trabalhar com o dr. Hoffman. — Como você vê o nosso futuro, Wes? — perguntei, animada e um pouco nervosa.

Eu estava falando do panorama que a maioria dos casais visualiza antes de assinar os papéis. Em duas semanas, não haveria como voltar atrás. Não que eu estivesse com medo ou algo assim. Eu sabia que minha vida tinha sido feita para ser vivida ao lado dele, mas como? Como esposa, é claro. Amiga, certamente. Mas o que mais ele via no horizonte?

Wes refletiu.

— Você está perguntando onde eu vejo nós dois daqui a cinco anos? Tipo aqueles planejamentos que a gente faz quando termina a faculdade?

Fiz uma careta.

— Eu não fiz faculdade. Quer dizer, não terminei. Mas sim, tipo isso. O que você quer do futuro e como me vê nele?

Ele apertou os braços ao meu redor, me abraçando mais forte. Seu calor me envolveu de um jeito muito gostoso. Foda-se a Disney. O peito de Wes era o lugar mais feliz da Terra.

— Bom, eu diria que no ano que vem você vai ter mais sucesso do que imagina com o dr. Hoffman. — Levantei a cabeça e vi a sinceridade em sua expressão. — Estou falando sério. Acho que o público realmente gosta de você, e os executivos da Century estão começando a descobrir a joia que têm nas mãos. Eles não vão permitir que você vá embora ou aceite outra proposta tão fácil. Então, nós vamos ter que lidar com eles.

Voltei a me deitar em seu peito, deixando-o falar.

— Eu estou louco pra fazer as coisas que os casais fazem. Churrasco no verão, convidar os amigos, fazer as refeições juntos, surfar... — Ele sorriu enquanto eu

esfregava os lábios em seu peitoral duro. — Você vai trabalhar, e eu... bom, ainda não sei o que eu vou fazer — suspirou.

Sem olhar para ele, fiz a pergunta de um milhão de dólares — ou, devo dizer, de vários milhões de dólares —, que estava entre nós desde que ele voltara da Indonésia.

— E quanto ao filme?

Seus dedos apertaram minha pele momentaneamente. Não o suficiente para machucar, e sim para mostrar que isso estava pesando sobre ele consideravelmente.

Eu o senti se mover e ouvi o som de sua cabeça se mexendo na fronha de algodão.

— É difícil. Eu não tenho certeza do que é a coisa certa a fazer. Às vezes acho que devíamos abandonar o projeto em respeito às vidas perdidas. Por outro lado, aquelas pessoas morreram trabalhando no filme. Não seria falta de respeito *não* lançar? O dinheiro que ele pode gerar ajudaria as famílias por um bom tempo. Eu sei que muitos deles tinham filhos. Claro que eles deviam ter seguro de vida, e o contrato da produtora tinha cláusulas de indenização para o caso improvável de alguém morrer durante o projeto, mas nada substitui um ente querido. — Wes inspirou em uma lufada de ar. Sua voz falhou quando continuou. — Nós não podemos esquecê-los. Eu nunca vou esquecê-los.

Olhei para cima no momento em que uma lágrima escorreu pelo rosto dele. Movendo-me, passei uma perna sobre seu corpo, montei em sua cintura, me inclinei e segurei seu rosto para saborear as lágrimas. Beijei-as e as levei para minha boca, na esperança de ajudá-lo a carregar aquele fardo monumental.

— Você quer a minha opinião? — perguntei. Se havia algo que um cara como Wes não precisava era de conselhos não solicitados. Se ele quisesse eu daria, mas não os jogaria sobre ele como mais um fardo.

Ele limpou a garganta.

— Sim.

— Termine o filme, se puder. Doe a renda, incluindo a sua parte, para as famílias, ou então crie uma fundação para ajudar as pessoas. Acho que uma parte do problema é que você não quer se beneficiar de algo que de alguma forma provocou a morte deles. Certo?

Wes fechou os olhos. Mais lágrimas caíram. Ele assentiu rapidamente.

— Então, faça a morte deles significar alguma coisa.

Sua respiração se tornou pesada, o peito subindo e descendo rapidamente. Eu podia ver que ele estava tendo um momento difícil. No entanto, ele não me afastou

nem quis trepar comigo com força para gastar energia. Em vez disso, escolheu enfrentar a dor e as emoções, o que era um bom sinal. Significava que ele estava ainda mais próximo da plena recuperação.

— Eu gosto da ideia. Criar uma fundação ou doar o dinheiro para a caridade. Uma coisa significativa para cada vida perdida. Vou conversar com o diretor e os produtores, ver o que eles acham. Todo mundo está esperando eu me manifestar, e, francamente, nem sei como abordar isso.

Sorri e acariciei seus lábios com os dedos.

— Se esconder para tentar lidar com isso não é errado. Se esconder pra sempre, sem pensar no que foi perdido, é. Eu acho que você sabe o que precisa fazer.

Wes assentiu e segurou meu rosto.

— Você é a minha luz em uma experiência muito sombria. Você sabe disso, não é?

Coloquei a mão sobre a dele, que cobria meu rosto.

— E eu vou iluminar o seu caminho. Todos os dias da minha vida.

— O meu caminho leva a você, Mia. — Sua voz era suave.

— Sempre vai levar. Agora me conta. O que você vai fazer depois de cuidar do filme? Vai voltar a dirigir?

Ele negou rapidamente.

— Não. Pelo menos não agora. Vou voltar para o que eu sei, o que me faz bem.

— Escrever? — Sorri, a esperança revestindo meu tom.

Seus olhos cintilaram na luz da manhã.

— Escrever. Eu tive algumas ideias. Completamente diferentes de assuntos de guerra.

Voltei a deitar em seu peito, encaixando a cabeça sob seu queixo.

— É? De que tipo?

— A história é sobre uma mulher. — Ele me abraçou, colocando as mãos na curva da minha lombar.

— Que tipo de mulher?

— Uma mulher bonita. Com o corpo que os homens sonham. E um coração de ouro.

— Hmmm... e?

Os dedos de Wes tatearam minha coluna para cima e para baixo, de leve, como se estivessem pintando alguma coisa.

— Ela trabalha como acompanhante.

Eu sorri.

— Ah... E o que acontece com ela?

— Ela namora um monte de homens — ele disse de forma áspera, claramente não gostando dessa parte da história.

Eu ri em seu pescoço.

— Namora?

— Ãhã. Mas se apaixona por só um deles. Sabe como é, amor à primeira vista.

— É mesmo? Com uma acompanhante, eu acho que seria desejo à primeira vista — sugeri, mas ele não me deu ouvidos.

Segurou minha bunda e a apertou. Eu podia senti-lo endurecer debaixo de mim.

— Não. Sabe, essa mulher é especial. Não é só linda, com um corpão e um coração de ouro. Ela tem um presente.

— Que tipo de presente? — perguntei, agora curiosa de verdade.

— Bem, é o dom do amor. Se um dos homens com quem ela sai receber esse presente, vai ser feliz pelo resto dos seus dias.

Levantei a cabeça e dei um beijo molhado em sua mandíbula antes de perguntar:

— E para quem ela vai dar esse presente?

— Você não entendeu?

Eu me senti um pouco confusa quando ele virou o jogo para mim.

— Achei que tivesse entendido.

Wes riu e beijou minha testa antes de terminar:

— Ela dá uma parte do presente pra todo mundo de quem ela gosta, e todos eles se apaixonam um pouco por ela.

Suspirei em seu queixo.

— Mas e o verdadeiro amor dela? Como ela pode amar à primeira vista se dá pedaços de si mesma pra todo mundo?

— É que tem um homem que dá a ela todo o amor *dele*. Ele está disposto a se contentar com a maior parte dela, se os pequenos pedaços que ela deu aos outros estiverem sendo cuidados. Resumindo, isso faz o mundo ficar melhor, porque esses caras levam um pedaço dela com eles. Eles espalham o amor e a alegria, tornando o mundo um lugar melhor.

A ideia parecia muito definitiva e um pouco triste. Eu podia amar um monte de gente, certamente mais do que amava quando comecei esta jornada, quase um ano antes, mas não concordava que um amor pudesse substituir outro.

— É uma bela história — comentei, com uma pitada de desconforto na voz.

— O quê? Você não acha que é verdadeira?

— Até certo ponto, sim. O conceito de que todos nós temos uma quantidade

limitada de amor para distribuir é intrigante, mas eu não acho que funciona assim. Eu acredito que o amor cresce e continua crescendo com cada pessoa para quem você o dá. É como plantar uma semente. Quanto mais você rega e alimenta, mais provável é que se transforme em uma bela árvore. A partir dessa árvore, os ramos vão crescer e as folhas vão cair, mas, quando as estações mudarem, folhas novas e mais galhos vão surgir. Assim como no amor.

— Então talvez eu chame a história de *A árvore do amor*.

Sorri e virei seu rosto para beijá-lo.

— Nessa história sim eu acredito.

4

Wes estacionou em frente ao prédio de dois andares de tijolos à vista. Alguns degraus levavam à galeria Aspen Grove Fine Art. Kathy, Wes e eu saímos do carro. A equipe de filmagem estacionou a van ao nosso lado e começou a descarregar os equipamentos.

— Esta é a primeira de quatro paradas. Confirmei uma entrevista com uma escultora local, além do gerente da galeria. Eles ficaram animados em fazer a filmagem aqui — Kathy falou enquanto seguíamos até os degraus.

Fomos recebidos por um homem de terno, que se apresentou como Brice. Ele nos mostrou a galeria, explicando as diferentes peças feitas pela artista, até que uma mulher apareceu. Ela era alta e magra, com cabelos cor de fogo que se projetavam em grossas ondas sob a boina verde-escura. Seus olhos eram tão azuis como um dia sem nuvens na Califórnia. Ela usava um suéter grosso de tricô creme, um lenço multicolorido, legging estampada e botas de salto alto até os joelhos.

Quando ela estendeu a mão para apertar a minha, umas cinquenta pulseiras finas tilintaram graciosamente em seu pulso pálido.

— Oi, eu sou Esmeralda McKinney, a escultora. Muito obrigada por terem vindo. — Seu sorriso era largo e bonito. Tudo nessa mulher poderia iluminar um dia maçante e sombrio.

— Ficamos felizes por estar aqui. Que tal começarmos com você nos mostrando o seu trabalho? Os rapazes vão gravar e eu vou lhe fazer algumas perguntas. Tudo bem para você? — perguntei.

O rosto de Esmeralda se acendeu tanto que parecia que o sol estava brilhando diretamente sobre ela.

— Claro!

Ela me levou até um pedestal transparente. No topo havia um busto feminino feito inteiramente de pequenas tiras de metal. Era tão original quanto interessante.

— Esta é uma das minhas peças. O nome é *Sopro*. — Esmeralda tocou a ponta dos fios de metal abertos num leque, como se o vento tivesse soprado o cabelo da pessoa.

As câmeras estavam gravando, e era difícil não ficar hipnotizada pela peça. As linhas dos olhos, lábios e nariz eram surpreendentemente precisas, apesar de confeccionadas em tiras de metal moldadas.

— É incrivelmente detalhado. Como você começa um trabalho assim? — perguntei.

— Eu pego folhas de metal e corto em pedaços menores, sem medir. Parte da diversão é pegar tiras aleatórias e juntar num todo. Quando eu esquento e manuseio as peças, elas começam a tomar forma.

Toquei a beirada do pedestal, sem me atrever a encostar na arte em si.

— Você quer dizer que, quando começa um projeto, não sabe o que vai sair?

Ela assentiu.

— Isso mesmo. Acho que, assim como um escritor se senta na frente da página em branco esperando que a história surja, eu simplesmente deixo as peças me dizerem o que criar. Conforme eu junto as tiras de metal, uma forma se apresenta e eu sigo o fluxo. — Ela uniu as mãos na frente do peito. — É como se a peça estivesse destinada a ser aquilo. Como a vida. Você nem sempre pode planejar coisas bonitas. Às vezes a beleza toma forma bem na sua frente.

Esmeralda tinha razão. Nos últimos tempos, eu havia aprendido que a beleza se apresenta de formas que eu não podia nem começar a imaginar até que acontecesse.

Em seguida, fomos à Galeria Baldwin. A fotógrafa Jonalyn Baldwin era a dona e gerente. O interior da galeria era um espaço retangular, branco e comprido, localizado em outro prédio de tijolos, fora do centro comercial de Aspen.

Havia fotografias de tamanhos variados penduradas ao longo das paredes. No centro havia paredes isoladas, com fotos dos dois lados.

Uma asiática miúda, com cabelo preto, comprido e sedoso, preso num rabo de cavalo apertado, e olhos cor de ônix, nos encontrou na frente da galeria.

— Olá. Você deve ser Mia Saunders. Eu sou Jonalyn Baldwin. Bem-vinda à minha galeria.

Seu tom de pele era um marrom bonito. As sardas no nariz e nas bochechas eram o único desvio de uma aparência impecável. Os lábios estavam pintados de rosa-pálido, que, com o tom quente que ela usava, lhe conferia um brilho delicado. A túnica era cor de vinho, e a calça combinava. Uma grossa corrente dourada no pescoço iluminava seu rosto. Simples e chique.

— Obrigada por nos receber, Jonalyn. Estamos ansiosos para conhecer a sua arte.

— Então, por favor, venham por aqui.

Ela nos levou até uma fotografia enorme. A imagem era a metade do rosto de uma mulher, as mãos cobrindo as bochechas. Só que havia uma distorção, como se a imagem tivesse sido captada através de um vidro rachado.

— Você pode me falar um pouco sobre esta peça? — pedi, tocada pelos detalhes da foto.

Jonalyn apontou para uma área da imagem.

— Veja estas linhas. Foi aqui que eu dei o foco.

Estreitei o olhar sobre as rachaduras.

— Do outro lado deste vidro estava uma mulher linda, vestida para impressionar. Eu a posicionei inclinada sobre um balcão e olhando através de uma vitrine. Então coloquei um pedaço de vidro ondulado sobre a lente e capturei sua beleza com uma percepção alterada. Como você pode ver, a mulher por detrás da visão distorcida é deslumbrante, embora não saibamos quem é nem qual é a sua história. Talvez a beleza que *você* vê seja uma máscara.

Jonalyn havia interpretado com tanta perfeição o que viu e o motivo de ter escolhido capturar aquela imagem que me fez pausar por um momento.

Eu me concentrei na foto, tentando ver pela percepção da autora. Inclinei a cabeça e olhei para a imagem de um ângulo diferente. Quando me concentrei, pude ver que a mulher tinha lábios vermelhos perfeitos, harmonizando com as unhas pintadas e a pele linda. Através do vidro quebrado, no entanto, eu podia ver imperfeições que talvez não visse de outra maneira.

— Eu a batizei de *Beleza desvelada* — ela explicou, claramente orgulhosa.

Fascinada, eu a segui pela galeria. O jeito como ela capturava as imagens e as transformava em outra coisa era único. Um conjunto de fotografias me tocou especialmente. Pedi para o cinegrafista focalizar as duas imagens penduradas lado a lado. Uma era de uma mulher sem-teto, encostada em um edifício. Uma perna estava flexionada, o pé encostado na parede atrás dela. Um saco de lixo branco estava a seu lado, provavelmente com todos os seus pertences. Seu longo cabelo

escuro estava sujo e desgrenhado. Provavelmente não era lavado havia tempos. A mulher olhava para o lado. Seu rosto tinha linhas duras e uma tristeza que não podia ser apagada. Ela estava claramente desamparada e talvez desesperada.

A foto seguinte fora tirada através de um pedaço distorcido de vidro. A mesma mulher estava de pé, a imagem completamente alterada. Os traços em seu rosto foram abrandados; o cabelo não parecia mais sujo, era escuro e encaracolado. O saco a seu lado parecia uma bola brilhante de luz branca cuja função era iluminar sua silhueta, dando-lhe um brilho saudável.

— Quando você borra a dureza da realidade, o que encontra por baixo é... especial. — Jonalyn cruzou os braços enquanto admirava seu trabalho. E era mesmo digno de admiração.

Levantei a mão para a imagem, obrigada a me aproximar.

— É incrível a maneira como você vê as coisas.

Ela sorriu suavemente.

— É como todos nós devíamos vê-las. Uma mulher bonita pode parecer perfeita, mas, quando você olha com outros olhos, existem falhas. Todo mundo tem imperfeições. E aqui — ela apontou para a mulher triste — você pode ver uma mulher sem-teto, suja e endurecida pela vida, mas é possível encontrar o lado suave também. A vida e as nossas experiências mudam a nossa forma de olhar para fora, mas nunca vão mudar quem nós somos por dentro.

Passei muito mais tempo do que deveria conversando com ela. Wes veio atrás de nós enquanto batíamos papo em uma área isolada ao lado. Ele colocou as mãos nos meus ombros e os esfregou antes de se inclinar para a frente.

— Mia, se quiser terminar as quatro galerias hoje, temos que ir. Está começando a nevar.

Olhei para Wes e sorri. Ele beijou minha testa. O estalido de um obturador invadiu o momento. As bochechas de Jonalyn ficaram vermelhas quando ela afastou a câmera do rosto e a baixou. Eu sabia que a câmera estava sobre a mesa à nossa frente, mas não achei que Jonalyn fosse usá-la.

— Desculpe. Eu não resisto quando vejo alguma coisa que precisa ser capturada.

Sorri, sem me incomodar.

— Mas você não tem nenhum pedaço de vidro distorcido aqui.

A artista sorriu.

— Não era necessário. Qualquer que fosse a forma de capturar aquele momento, teria sido honesta. Vou te mandar a foto por e-mail.

Wes pegou minha mão e me ajudou a ficar de pé.

— Eu vou adorar. Foi maravilhoso conversar com você, conhecer a sua arte e como você a vê. Prometo mostrá-la muito bem na matéria.

— Não tenho dúvida de que você vai valorizar o meu trabalho. Obrigada, Mia. — Ela segurou minhas mãos entre as suas.

Pura classe.



Em vez de ir para a galeria seguinte, Wes nos levou até o histórico Red Onion para almoçar.

— O lugar foi fundado em 1892 e faz a melhor sopa de cebola e o melhor bolinho de caranguejo do mundo — ele exclamou, quase pulando, enquanto me conduzia pela porta.

O restaurante estava bem movimentado. As paredes eram de um vermelho profundo, proporcionando uma experiência acolhedora, como se fosse um casulo. Aquilo dava ao local uma sensação de "venha, encontre os amigos e fique à vontade". Eu me senti imediatamente em casa. O ar quente fluía através de grandes aberturas, fazendo meu nariz gelado formigar e descongelar.

Wes foi na frente e conseguiu uma mesa para seis. Três pessoas na equipe de iluminação, som e câmera era o mínimo, mas eu tinha trabalhado com eles em Nova York. O trabalho que fizemos foi bem recebido pelos executivos da Century Produções. Uma coisa de que eu precisava muito era uma assistente permanente, e eu queria Kathy.

Depois de termos nos acomodado e pedido bolinhos de caranguejo, pasta de espinafre e alcachofra servido com pão pita grelhado e os pratos principais, criei coragem de abordar o assunto com minha assistente.

— Então, Kathy, o que você está achando? — perguntei, enigmática, brincando com o canudo na minha bebida.

Kathy ajeitou os óculos estilo Woody Allen no nariz.

— Acho que está ficando ótimo. Ficou bem evidente que você estava animada com a arte da sra. Baldwin. Vai ficar bem na tela. O seu entusiasmo, quero dizer. — Ela olhou para baixo, e suas bochechas ficaram rosadas.

Assenti.

— Eu concordo. O trabalho dela é único e mostra um lado importante da beleza. O nosso público vai se identificar com essa matéria. Mas eu não estava me

referindo à arte da Jonalyn quando perguntei o que você estava achando.

As sobrancelhas de Kathy se juntaram.

— Não tenho certeza se estou acompanhando, srta. Saunders.

— Sra. Channing daqui a duas semanas! — Wes interrompeu, envolvendo o braço em volta da minha cadeira e segurando meu ombro possessivamente.

Desta vez Kathy abriu um largo sorriso e as maçãs de seu rosto pareceram brilhar.

— Você vai se casar?

Anuí alegremente.

— Sim. Quando voltarmos, vamos nos casar em Malibu. No primeiro dia do ano novo.

Ela juntou as mãos sobre o coração e suspirou.

— Que lindo. Vocês dois são perfeitos juntos — ela se emocionou.

Wes se envaideceu com o elogio. Seu braço apertou meu ombro, e ele esfregou o nariz no meu queixo.

— Eu não poderia concordar mais com você, Kathy. — E deixou beijos melados na minha bochecha, orelha e pescoço.

Eu ri e empurrei sua cabeça, querendo voltar ao assunto no qual estava tentando tocar antes que Wes se metesse.

— Kathy, eu vou ser direta, e você vai ter pouco tempo para se decidir.

Um olhar de preocupação e interesse surgiu instantaneamente em seu rosto.

— Certo. Estou ouvindo.

— Eu quero que você seja a minha assistente — soltei.

Ela olhou para o lado e depois de volta para mim.

— Eu achei que já fosse.

Suspirando, levantei meu chá gelado e tomei um gole grande enquanto assentia.

— Você é. Mas eu quero dizer a partir de agora. — Pude perceber o momento em que a ficha caiu. Seu rosto se tornou mais brilhante e um pequeno sorriso surgiu em seus lábios. — Em outras palavras, permanentemente. Enquanto eu estiver no programa do dr. Hoffman, quero que você seja a minha assistente de produção. Você vai me ajudar com os quadros, planejar tudo comigo e assim por diante. Você conhece todos os detalhes, enquanto eu só sei o que quero fazer e como me expressar na frente das câmeras. Eu preciso de alguém de confiança para me ajudar a tirar o máximo proveito desses quadros, garantindo que nós estamos contando a história certa para o público.

Kathy já estava concordando antes mesmo de eu terminar de explicar.

— Ah, meu Deus... Que oportunidade incrível! — Sua testa se franziu. — Mas eu moro em Nova York.

— Sim, eu sei disso. Inicialmente, nós podemos fazer o trabalho a distância, como estamos fazendo agora, mas não por muito tempo. O programa te pagaria um bônus para a mudança. Você poderia ir no início de janeiro para encontrar um lugar para morar, mas até o fim do mês eu preciso de você na Califórnia.

Kathy balançou a cabeça.

— Eu não entendo. Por que eu? Eu sou uma ninguém.

— Ninguém? Você conduz as coisas com perfeição. Você *me* entende e entende aquilo que estou tentando fazer. Compreende e se conecta facilmente com as pessoas que eu preciso entrevistar. Na minha opinião, você é a candidata ideal.

— Mas a assistente do dr. Hoffman me odeia...

Eu a cortei.

— Eu cuido da Shandi, mas não é ela quem decide. O chefe dela e a Leona, sim. Eu já conversei com os dois. Eles me deram carta branca para escolher quem eu quisesse, e eu escolhi você. Agora, eu entendo se você precisar de um tempo para pensar...

— Não vou precisar. Eu quero. — Sua voz era firme e confiante.

Sorri.

— Mesmo tendo que se mudar?

— O inverno em Nova York é terrível, e eu tenho parentes em todos os lugares. Além disso, esta é a minha chance de estar num programa fixo, tomar decisões importantes e trabalhar com alguém de quem eu realmente gosto. Eu detesto ficar quicando de um lado para o outro. Quero me estabelecer em um lugar e construir uma vida. Trabalhar com você e o sr. Channing é o ponto alto da minha carreira até agora — ela disse, empolgada. Eu nunca a tinha visto tão animada antes.

Limpei a garganta no momento em que o garçom trouxe as entradas. Wes engoliu um bolinho e colocou outro na boca tão rapidamente que eu me preocupei que ele engasgasse.

— Que foi? — ele perguntou, com a boca cheia.

Eu ri.

— Enfim, só tenho uma condição. — Minhas sobrancelhas se ergueram enquanto ela se preparava.

Seus ombros se endireitaram, ela ergueu o queixo, o olhar focado diretamente no meu. Era difícil não rir, mas eu a encarei e informei os meus termos.

— Você tem que concordar em me chamar de Mia. Essa coisa de srta. Saunders

já deu. — Mantive uma expressão estoica até não aguentar mais e começar a rir.

No momento em que acabamos de conversar, a mesa inteira estava vibrando. Informei ao restante da equipe que planejava trabalhar novamente com eles também, e todos pareceram felizes com a possibilidade de continuarmos juntos no futuro.



Depois do almoço, fomos até a terceira galeria e nos encontramos com um homem que se autointitulava Bob, o Madeireiro. Ele talhava madeira sentado numa cadeira de balanço que ele mesmo tinha construído. A galeria havia colocado sua cadeira em um canto perto da janela. Bob tinha uns setenta anos, adorava conversar rodeado de arte e conhecer novas pessoas.

A galeria era um grande atrativo para turistas e, desde que tinha dado a Bob um espaço para talhar madeira, elevou suas vendas em trinta por cento. Ele reduzia as toras a pedaços pequenos e exclusivos que os turistas compravam ali mesmo ou em outros lugares.

Entrevistando Bob, descobri que ele servira duas vezes no Vietnã, começando por volta de 1965. Durante as longas horas à espera de ação, ele cortava pedaços das árvores e, usando um canivete, talhava pequenos totens ou estatuetas. Ele dava as peças para seus irmãos de armas enviarem às famílias, deixando claro que seus pensamentos estavam neles. Foi dispensado no início dos anos 70, devido a três lesões em serviço: ele tinha sido baleado duas vezes na perna e uma no quadril. A perna não se curou tão bem quanto se esperava.

Muito mais confortável numa cadeira de balanço, Bob, o Madeireiro, começou a fazer do seu passatempo um trabalho em tempo integral. Mais feliz falando com sua família, amigos e o público, e incapaz de se locomover com facilidade para trabalhar em um emprego das nove às cinco, encontrou algo que funcionava para ele, que amava, e fez daquilo sua profissão.

Seu relato foi inspirador e edificante, ainda mais quando grande parte do mundo estava em conflito, lidando com a devastação da guerra e desejando a paz. A história de Bob traria uma dose de esperança até mesmo para veteranos feridos. Não era uma coisa fácil de ouvir. Ele havia sido ferido para proteger nossa liberdade e, sentado à janela de uma galeria de arte em Aspen, não se arrependia um único dia do que havia feito.

Um herói que trabalhava peças interessantes era incrível, mas não era a história que o tornava especial. Era a parte da sua experiência que cada pessoa com quem ele encontrava levava embora.

Enquanto conversávamos, ele talhou um pequeno coração de madeira cercado por ondas do mar.

— Presente de casamento — Bob disse quando me entregou a peça. Era um quadrado de dez centímetros por dez. O fundo era plano, para que pudesse ficar de pé.

— Como você sabe? — Engoli em seco.

Bob dispensou minha surpresa.

— Um velho homem conhece uma mulher apaixonada. Além disso, o brilho desse anel quase me cegou! — Ele riu.

Nós rimos juntos. O proprietário da galeria embrulhou meu presente em papel de seda e o entregou a Wes em uma sacola.

Quando estava saindo, dei um abraço em Bob.

— Obrigada por compartilhar sua história comigo. Eu sei que quem vê uma peça sua nunca esquece.

— Pessoas como você, minha querida, fazem o risco valer a pena — ele respondeu, sorrindo e acenando, enquanto Wes passava o braço em meu ombro e saíamos para o frio.

O risco valer a pena.

Quando nos despedimos de Bob, o Madeireiro, e chegamos à galeria de arte 4M, eu ainda estava me recuperando. Bob disse que eu fazia o risco valer a pena. Eu sabia que ele estava falando de lutar na guerra. Soldados lutaram e deram muito de si, de uma maneira que os civis possivelmente nunca compreenderiam. É preciso ser um tipo especial de pessoa para arriscar a vida todos os dias por mais de trezentos milhões de cidadãos que você nem conhece. Orgulho. Serviço. Para Bob, essas coisas, e cada vida, valiam a pena.

Suas palavras me fizeram pensar que tudo o que realmente vale a pena ter na vida também vale o risco. No entanto, nem todos estão dispostos a correr esse risco para alcançar o que querem da vida. Isso é triste quando se pensa a respeito.

Ao entrar na galeria 4M, um aroma de limão, hortelã e jasmim me atingiu. Parei diante das portas e deixei a mistura familiar permear meus sentidos. Eu não sentia essa combinação havia anos. Quinze anos, para ser exata.

Meu coração começou a bater com força e minha boca ficou seca. Do outro lado da sala estava uma mulher alta, com cachos negros sobre os ombros. Vestida de preto, ela ajustava uma pintura na parede à minha frente. Eu não conseguia me mover. Ela estava de costas para mim, mas o formato do corpo, o movimento fluido dos braços — como o de uma dançarina... Ela não era somente familiar: sua identidade era absolutamente devastadora. Era como ver um fantasma.

A mulher se virou, juntou as mãos e se aproximou. Seus olhos verde-claros se estreitaram e ela pegou um par de óculos de aro prateado que balançava no decote de sua blusa de mangas compridas. Ela parou, como se estivesse colada às tábuas. Eu também não movi um músculo, observando a figura diante de mim. Ela tinha mudado muito ao longo dos últimos quinze anos, mas não o suficiente para eu não reconhecê-la.

— Mia — ela ofegou.

A mão quente de Wes se fechou ao redor da minha. O único movimento que fui capaz de fazer foi apertar sua mão com força.

— Olá, senhora...? — perguntou Wes.

— Banks — ela respondeu.

Eu me encolhi, apertando sua mão novamente.

Ele não me largou, coisa pela qual fiquei eternamente grata. Se eu não tivesse essa única conexão com algo real, provavelmente teria desmaiado ou saído correndo e gritando. Talvez uma combinação dos dois.

— Sra. Banks, eu sou Weston Channing, e nós estamos aqui para entrevistá-la sobre o seu trabalho e a galeria. Parece que você e a Mia já se conhecem. Como você pode ver, ela está um pouco desconcertada, por isso, se puder esclarecer o que está acontecendo aqui, eu ficaria grato.

Meu Wes. O pacificador. O que ele não sabia era que nada arrumaria aquela bagunça. Quinze anos de perda e abandono não se apagariam com uma simples explicação. Eu já sabia disso. Eu tinha tentado durante anos resolver o mistério do motivo pelo qual a mulher que me dera a vida destruiu meu mundo quando eu tinha apenas dez anos.

— Mia, eu reconheceria você em qualquer lugar. — Sua voz tremeu. Parecia diferente, mais calma de alguma forma. Ela umedeceu os lábios, e eu observei com um fascínio terrível a mulher que achei que tinha perdido para sempre diante de

mim, parecendo melhor do que nunca. Melhor do que ela tinha o direito de estar. — Minha menina querida, há quanto tempo. — Suas palavras eram como uma faca cheia de veneno golpeando as partes vulneráveis e macias do meu corpo.

A emoção contida estava lá, mais sincera do que qualquer coisa que ela tivesse dito antes, mas não conseguiu penetrar o muro de pedra que eu havia erguido ao redor do meu coração contra aquela mulher e a lembrança que eu tinha dela durante todos aqueles anos.

Sem saber mais o que fazer, eu disse as únicas palavras que consegui pronunciar:

— Oi, mãe.

5



A mão de Wes apertou a minha a ponto de doer. Arranquei minha mão da sua e cambaleei. Ele me pegou instantaneamente, me prendendo firme a seu lado.

Kathy finalmente entrou, sacudindo a neve do casaco e estendendo a mão para minha mãe.

— Olá, eu sou a Kathy, esta é a Mia Saunders e o noivo dela, Weston Channing. Obrigada por nos receber. Desculpe pelo atraso...

— Noivo? — Minha mãe ofegou e seus olhos analisaram atentamente meu futuro marido. — Hum, parabéns. — Seu esforço para conversar como se nada tivesse acontecido e a congratulação falsamente educada soaram mal para mim.

— Quais as chances de eu entrar numa galeria de arte para entrevistar a mulher que me destruiu quinze anos atrás? — Minhas palavras eram afiadas o suficiente para cortar um pedaço de vidro. Na verdade, eu esperava que atingissem diretamente o coração sombrio dela.

Ela respirou fundo, assim como Kathy. A sala inteira ficou em silêncio.

Kathy remexeu os pés, olhando para mim, em seguida para minha mãe e, finalmente, para Wes.

— Err... eu imagino que a gravação esteja encerrada.

— Kathy, pode voltar para o chalé com o restante da equipe. Acho que temos material suficiente para o quadro com os três artistas. Vão jantar. A Mia e eu não vamos demorar. — Wes tomou as rédeas, salvando o dia, como de costume.

Kathy se aproximou, segurou minha mão e a apertou, em uma demonstração de apoio.

— Eu vou estar por perto se você precisar de uma amiga, Mia. — Ela me chamou pelo nome. Finalmente.

Ouvi-la dizer aquelas palavras significou mais para mim do que ela percebeu, mas tudo que consegui fazer foi um gesto curto de cabeça enquanto ela instruía os

rapazes da equipe de filmagem e todos deixavam a galeria.

Sozinhos, nós três permanecemos parados. Minha mãe umedeceu os lábios novamente, olhando ao redor — provavelmente para ver se alguém entraria para salvá-la daquele pesadelo. Porque era exatamente isso. Um pesadelo de proporções épicas. Eu tinha me resignado a nunca mais ver essa mulher de novo, sem saber por que — ou como — ela havia abandonado seus filhos do jeito que fez.

— Hum, que tal sentarmos ali para conversar? — Sua voz e as mãos tremiam quando ela apontou para uma área ao lado.

Eu? Fui até ela, olhei em seu rosto e vi quando seus olhos se encheram de lágrimas. Num momento de puro descontrole, levantei a mão e dei um tapa no rosto dela. O mais forte que pude. Lágrimas que eu não sabia que tinha derramado escorriam pelo meu rosto. Ela gritou com o golpe e colocou a mão na bochecha. Suas lágrimas caíam como grandes e grossas mentiras, nas quais eu não acreditei nem por um momento.

Sua voz falhou quando ela disse:

— A-acho que eu mereci isso.

— Você merece coisa pior. Muito pior — rosnei, com os dentes cerrados.

Ela limpou a garganta e empurrou o cabelo para trás.

— Por favor, Mia. Eu gostaria de explicar.

Ironizei.

— Explicar? Você gostaria de explicar? — Minha voz se ergueu ao que parecia ser um milhão de decibéis, mas provavelmente foi mais como um grito sussurrado. — Explicar o quê... mãe? — falei com sarcasmo. — Que você deixou a sua filha de dez anos sozinha? Ou talvez que deixou a sua filha de cinco anos sozinha? Não, espera... — Dei um passo para mais perto. Quando estava prestes a atacar a mulher novamente, Wes me agarrou pelos braços, me puxou contra seu peito e me manteve encostada a ele.

O rosto dela desmoronou.

— Você não entende! — ela gritou. — Eu não queria ir embora.

Bufei.

— Você não tem ideia do inferno em que colocou a Maddy e eu. Depois que você sumiu, o pops se tornou alcoólatra. Com dez anos, eu cuidava dele e da minha irmãzinha!

Seus olhos se arregalaram.

— Ah, sim. Aposto que você não planejou isso. Você abandonou a gente e o meu pai foi parar no fundo do poço. Metade do tempo ele esquecia até que tinha

duas filhas. A Maddy e eu ficávamos sem comer durante dias. Dias!

As mãos de Wes apertaram meus braços. Eu não tinha certeza se era uma demonstração de apoio ou se ele estava me segurando para eu não arrancar os olhos dela. De qualquer forma, ele estava me ajudando a me manter de pé.

— Eu tive que roubar comida dos cassinos e fuçar caçambas de lixo pra nós duas não morrermos de fome! — rosnei. — Você não tem ideia do que fez com a gente.

Minha mãe chorou e caiu de joelhos, com as mãos no peito.

— Mia, meu Deus. Me desculpe, meu amor. Me desculpe. Eu achei que estivesse fazendo a coisa certa. Eu não sabia! — Seu corpo balançava com os soluços. A culpa no ar era pesada.

— Desculpa? — Balancei a cabeça. — Você está pedindo desculpa por ter ido embora ou por não ter feito isso antes? — Minha voz fervia como ácido, tão corrosiva quanto.

— Não, eu nunca quis ir embora. Eu precisei. Foi o melhor a fazer. Para manter vocês duas em segurança! — Ela colocou as mãos na frente do rosto e chorou.

— Em segurança? — gritei. — Teria sido seguro ter uma mãe que pusesse comida na mesa para as filhas, que garantisse água quente no chuveiro e roupas limpas para elas vestirem. — A emoção obstruiu minhas palavras, mas eu não me importei.

— Meu Deus! Eu não imaginei que ele fosse sentir tanto a minha partida. Eu amava o Michael. Queria que ele seguisse em frente...

Gargalhei e tentei partir para cima da mulher, que estava desmoronando. Wes me segurou novamente.

— Linda... — Seu tom era de comando, mas suave. — Eu entendo que você esteja nervosa, mas violência não é o melhor caminho. Diga para ela o que você precisa dizer, depois vamos embora.

Seus olhos verdes estavam cheios de raiva também. Assenti e me agachei, ficando na altura dela.

— Você era tudo para o meu pai. O sol, a lua, o chão que ele pisava. Nós éramos imitações fajutas de você.

Ela balançou a cabeça e repetiu:

— Não, não, não, não. Não era para ser assim. — Seu corpo tremeu novamente com um ataque de lágrimas.

— E o que você esperava? Que ele se comportasse do mesmo jeito que o Jackson Cunningham?

Ela olhou surpresa para mim.

— Você encontrou o Jackson? — ofegou.

— O Jackson está morto — respondi, inexpressiva.

Seu corpo sacudiu como se tivesse levado um tiro no peito.

— O quê?

— Ele morreu há alguns anos. Mas não antes de deixar um rastro. O rastro do dinheiro, com o meu nome no testamento. Imagine a minha surpresa quando o meu irmão, Maxwell Cunningham, veio me procurar.

— Max... — ela sussurrou, seu rosto se contorcendo de dor escancarada.

Assenti.

— Sim, eu sei sobre o Maxwell... o meu irmão. E nós também sabemos que a Maddy é filha do Jackson.

As sobrancelhas dela se estreitaram.

— Isso não é verdade! — ela retrucou.

— Você acha que nós não confirmamos? Madison não é filha biológica de Michael Saunders. Ela é filha do Jackson. Nós fizemos o exame de DNA para comprovar. — Cerrei os dentes. — Você acha que eu acredito que está surpresa com essa informação? Você traiu o meu pai mais de uma vez. Eu me lembro de ter visto o Maxwell quando nós éramos crianças.

Ela balançou a cabeça e pressionou as têmporas com a palma das mãos.

— Não, não, não, não. Eu não estou entendendo. Não me lembro de nada disso — ela chorou.

— Mentira! — gritei, alto o suficiente para ela se esconder atrás dos joelhos.

Wes me segurou pelas axilas e me levantou.

Um estrondo explodiu atrás de nós, como uma porta se fechando. Kent Banks entrou. Ao ver minha mãe no chão, ficou de joelhos e a envolveu em seus braços enormes.

— Que diabos está acontecendo? — ele rosnou.

— Por que você não me conta? Foi você quem nos trouxe até aqui! Você sabia que ela era minha mãe!

Ele levantou a cabeça para encontrar meu olhar. As narinas de Kent se abriam e fechavam, e sua boca formou uma carranca profunda.

— Sim, eu sabia que você era filha dela. Ela me contou quando te viu na TV. Me falou sobre você, a sua irmã e o seu irmão. Eu pensei que estivesse fazendo uma coisa boa. Reunindo a família...

Bufei.

— Você é louco? Esta mulher me abandonou! A mim e aos meus irmãos.

Merda, minha irmã e eu nem sabíamos que tínhamos um irmão até poucos meses atrás. Teria sido bom saber *pela nossa mãe*! — ironizei.

— Saiam daqui! — Kent rugiu.

Ao ouvir o tom do homem, Wes se colocou na minha frente.

— Eu não tenho certeza se a minha noiva terminou de falar com a mãe dela.

Minha mãe estava murmurando algo, encolhida contra Kent. Ele a ergueu no colo, como uma princesa.

— Acho que você já falou o suficiente. Tem muita coisa que você, obviamente, não sabe. Eu te ligo mais tarde.

Bufei novamente.

— Não se dê o trabalho. Não tenho mais nada a dizer para este projeto patético de ser humano.

Com isso, me virei e saí da galeria. Wes me seguiu rapidamente.

Comecei a descer a rua, a raiva fervendo em minhas veias e me impulsionando para a frente. Minha respiração era entrecortada no ar congelante.

Quando finalmente parei, não tinha certeza de onde estava ou do que estava fazendo. Só sabia que me sentia com frio e sozinha. Ofeguei, deixando escapar um soluço, e senti que estava perdendo o equilíbrio quando braços fortes me ergueram e me abraçaram apertado.

— Eu estou aqui, linda. Eu estou aqui. Vamos pra casa.

— Eu não vou conseguir encarar ninguém. — Chorei contra seu peito. A dor em meu coração o espremeu e se tornou insuportável. Como se ele estivesse se quebrando ao meio.

— Não precisa. Deixa comigo. Eu vou cuidar de você — ele sussurrou e me levou até o carro.

O tempo pareceu passar em uma névoa até que finalmente eu estava sendo levada pelas escadas, despida e abrigada em uma nuvem quente. Assustei quando senti um calor em minhas costas, até me ver envolta em um corpo que reconheceria em qualquer lugar. Eu estava enrolada em Wes Channing. Agarrei-me a ele, a nossa vida e a tudo o que me fazia sentir segura. Seu abraço era firme e inflexível. Em seus braços, envolvida em seu amor, fechei os olhos.

Acordei no dia seguinte ainda cercada por Wes. Ele me manteve dentro da segurança de seus braços a noite toda, sem me soltar. Pisquei algumas vezes e, em seguida, vi o rosto de Wes. Sua respiração vinha em lufadas suaves contra mim. Levantando a mão, passei a ponta do dedo em seu nariz. Ele se mexeu e abriu os olhos preguiçosamente. Os olhos de Wes eram diferentes de quaisquer outros. Eram de um verde brilhante, muito parecido com grama recém-cortada. Ele sorriu de maneira suave, se inclinou alguns centímetros e beijou meu nariz.

— Como você está? — Sua voz estava profundamente rouca, e eu a senti por todo o meu corpo, até os dedos dos pés.

Eu poderia mentir e dizer que estava bem, mas ele saberia que eu não estava falando a verdade. Porém aceitaria. Ele era esse tipo de homem. No entanto, eu estava cansada de esconder minha dor, de manter erguido o muro ao redor do meu coração. A única pessoa que merecia esse tratamento era a perdedora da minha mãe. Isso não mudava o fato de que eu gostaria que as coisas fossem diferentes. Desesperadamente.

Meninas precisam da mãe. Alguém que esteja lá para beijar seus machucados, juntar os pedaços de seu coração quando um menino as magoa, ensiná-las a ser mulheres das quais o mundo possa se orgulhar e, acima de tudo, ensiná-las a ser mães, a cuidar de outra alma mais que da sua própria.

— Eu não estou nada bem, Wes — admiti. Demorou muito para que eu abrisse o coração, mas eu o faria por ele, a única pessoa no mundo que me amava mais do que a si mesmo. Eu sabia disso com todo o meu coração.

— É, eu não imaginei que você estivesse. O que está acontecendo aqui? — ele apontou para minha cabeça.

Fechei os olhos, saboreando seu toque. Para mim, aquilo era mais que um gesto. Era uma ligação. Algo a que eu podia me agarrar quando tudo ao redor parecia estar desmoronando.

— Ver minha mãe na galeria dela... parecendo perfeita, saudável... — Balancei a cabeça e apertei sua mão, que estava entre nós.

— Dói saber que ela seguiu em frente. Que ela estava numa boa enquanto você e os seus irmãos sofriam pela ausência dela. Especialmente você e a Madison. Eu entendo, baby. — Sua voz era suave e compreensiva.

Levei sua mão à boca e beijei todas as juntas.

— Por que machuca tanto? — Lágrimas se formaram em meus olhos e deslizaram pelo meu rosto.

— Porque, não importa o que ela tenha feito, quanto tenha te machucado, ela

ainda é a sua mãe. Você a ama.

Inspirei fundo.

— Não se pode amar um fantasma.

— Ah, baby, mas você pode. E você ama. Eu posso ver isso no seu rosto. E sabe de uma coisa?

— O quê? — Funguei. Não queria dar àquela mulher nem mais uma lágrima.

— Amar a sua mãe não é errado. Mesmo que ela tenha te machucado tanto.

E as lágrimas vieram mais fortes. Eu não podia segurá-las, ser a Mia forte que eu era com todo mundo.

— Não é errado? Uma mulher que me deixou sozinha, para cuidar de mim e da minha irmã, quando eu só tinha dez anos?

— Seu pai tinha responsabilidade nisso também, linda. Se você vai culpar alguém, ele tem que ser incluído.

Bufei.

— Ela o destruiu numa tacada só. — Balancei a cabeça. — Eu queria que você tivesse conhecido o meu pai antes de ela ir embora. Um pai amoroso, um bom marido. Ele venerava o chão que ela pisava. E pra quê? Pra ser deixado pra trás, feito lixo. Ela arruinou a nossa família. Não só isso... Ela arruinou a família do Max também. — Engasguei com um soluço.

Wes baixou o queixo.

— Eu não acho que isso seja verdade. O Max é um dos homens mais amorosos que eu conheço. É muito evidente. Ele pegou você e a Madison e tornou vocês duas parte da família dele poucos minutos depois de descobrir quem vocês eram. Isso diz muito sobre o tipo de homem que Jackson Cunningham era. Ele deu ao filho tudo o que podia, apesar de o menino não ter mãe. Ele amou o filho e o ensinou a amar. E o Max aprendeu muito bem. Ele ama a esposa, os filhos e as irmãs. Pode não ter tido mãe, mas a vida dele está longe de ter sido arruinada.

Refleti sobre o que Wes disse. Ele estava certo, é claro. Jackson Cunningham podia ter amado muito a minha mãe e ter sido magoado por ela, mas seguiu em frente. Cuidou do filho, o ensinou a ser homem. Um bom homem. O melhor. Mostrou a ele a importância da família.

— Eu preciso falar com o Max e a Maddy.

Wes se virou e me enrolou em seu peito.

— Eles vão estar com a gente daqui a dois dias. Você realmente quer ligar e preocupar os dois agora?

— O Max vai ficar irado se eu não fizer isso — respondi.

Wes sorriu.

— É, isso é verdade. Ele tem um temperamento explosivo quando se trata de você e da Maddy. O que você vai dizer?

Eu me inclinei para ele.

— Não sei. A verdade. Ele merece saber. Depois ele decide como quer lidar com a questão.

— E quanto à sua mãe?

Eu me encolhi.

— O que tem ela?

— Você vai falar com ela de novo? Alguma coisa não se encaixou na noite passada. Ela pareceu surpresa ao te ver, pediu desculpas e falou o tempo todo que você não sabia da história toda.

— Provavelmente porque ela não gostou de ter que encarar o que fez.

Wes suspirou.

— Talvez. Não sei. Ela caiu no chão muito rápido. Pareceu entrar em colapso de uma forma que não se vê muitas vezes, mesmo em um confronto difícil.

— Quem sabe? Ela deve estar tentando se convencer de que tinha uma boa razão para nos deixar. Todos nós. E, vou te falar, eu não engulo isso. Não tem nada que ela possa dizer que me faça perdoar o que ela nos fez passar. Nada.

O telefone tocou quatro vezes, o que era incomum para Max. Ele era uma daquelas pessoas que mantêm o celular no bolso de trás, e eu sabia que não estava trabalhando.

Finalmente, no quinto toque, ele atendeu. Um bebê gritando podia ser ouvido ao fundo.

— Um minuto, um minuto... O seu sobrinho está colocando a vizinhança abaixo. O garoto se cagou todo. Até as costas, mana. Tem cocô por todo lado, até no cabelo. Agora, como será que ele fez isso? — Max gritou ao telefone.

Percebi rapidamente que eu estava no viva-voz e esperei enquanto ouvia Max passar o garotinho para Cyndi. Homem típico. Sorri pela primeira vez desde que vira nossa mãe, no dia anterior.

— Ele cagou nas costas inteiras! — Max reiterou.

— E o que você quer que eu faça? Limpe o seu filho! — Cyndi retrucou e eu ri.

— Cyndi, amor da minha vida, eu pago um milhão de dólares pra você limpar o nosso filho — Max propôs.

— O seu dinheiro é meu, esqueceu? — ela rosnou de volta, soando um tanto irritada.

Eu não tinha necessidade de participar daquela situação, nem queria.

— Pessoal, que tal me ligarem depois?

— Mia, querida, é você? — Cyndi interveio.

— Sim, oi! Desculpe interromper. Eu precisava falar com o Max sobre uma coisa... hum... muito importante, mas ele pode me ligar de volta depois que limpar o bebê Jack.

Eu a ouvi suspirar.

— Não, não. Tudo bem. Max, eu vou lavar o nosso filho, mas você vai ter que trocar a fralda dele por dois dias seguidos! — ela disparou.

Ouvi ruídos de crepitação e, então, apenas a voz de Max. Ele devia ter desligado o viva-voz.

— Meu anjo, é melhor que seja importante. Ter que trocar a fralda de um garoto como o Jackson é terrível. Parece que tem alguma coisa morta dentro do intestino dele. Terrível!

Sem querer fazê-lo esperar, além do fato de os meus nervos estarem prestes a explodir, soltei de uma vez o que precisava dizer:

— Eu encontrei a nossa mãe.

A linha ficou em silêncio por um longo tempo.

— Você conversou com ela?

— Se por conversar você quer dizer gritar, repreender e dar um tapa na cara dela, então, sim, acho que podemos dizer que eu conversei com a nossa mãe.

— Onde você a encontrou? — ele perguntou.

Eu ri para dar ênfase, não porque fosse engraçado.

— Escuta essa. Ela é uma das artistas que eu vim entrevistar no Colorado.

— Ela está no Colorado?

— Nesta mesma cidade. Sim.

— Meu Deus — ele sussurrou.

— Sim, exatamente. — Soltei uma respiração pesada.

— Você está bem? — Seu tom continha preocupação genuína, e eu o amava por isso.

Pensei em mentir, dizer que estava bem, da mesma forma que pensei em fazer com Wes esta manhã na cama, mas não pude. Ele merecia mais que isso. Ele

merecia honestidade.

— Não, não estou. Não tenho certeza de como lidar com isso. Foram quinze anos de abandono.

— E trinta pra mim — ele disse, sombrio.

— Ah, Max, eu sinto muito. Nós precisamos lidar com isso juntos. Quando você chegar, no fim de semana, vamos conversar e descobrir o que fazer com essa informação.

— Você acha que eu vou deixar você lidar sozinha com esse tsunami? Amanhã, o mais tardar, eu estou aí. Vou pegar todo mundo e vamos adiantar a viagem.

— Max, sério, isso pode esperar. — Tentei racionalizar, mesmo que o quisesse a meu lado mais do que qualquer outra coisa.

— Você está mal? — ele quis saber.

Suspirei.

— Você sabe que sim, Max. Foi um baita golpe.

— Então eu estou indo. Ponto-final. Vou falar com a Cyndi. Temos que começar a fazer as malas. Os quartos estão disponíveis ou vamos precisar de um hotel?

Um alívio imediato me envolveu.

— Eu te amo, Max. Muito mesmo.

— Querida, você sabe que eu também te amo. Este é um assunto de família, e, se um de nós está tendo maus momentos, os outros precisam estar presentes. Agora, tem um quarto pra gente ou eu preciso arrumar um hotel, meu anjo?

Engoli o caroço de estresse que revestia minha garganta.

— Está tudo pronto pra você e a sua família. O Wes até pediu um berço para o Jack. O caseiro colocou no quarto. E tem uma cama desmontável para a Isabel.

— Ótimo. Mia, não se preocupe mais com isso. Estou aí amanhã. Assuntos de família nós resolvemos juntos. Certo, maninha?

— Assuntos de família nós resolvemos juntos. Entendido, Maximus — repeti, acreditando em cada palavra.

Ele riu.

— Certo. Ligue para a Maddy e veja se ela quer ir antes. Se ela quiser, o meu avião pode fazer uma parada em Las Vegas antes de ir para o Colorado.

Claro que Max seria a voz da razão em tudo isso. Seguindo suas instruções ao pé da letra, liguei para Maddy e contei a ela o que estava acontecendo. Minha irmã ficou tão chocada quanto eu. Ela e Matt concordaram em tirar uns dias de folga da faculdade e vir mais cedo, já que teriam férias de Natal de qualquer jeito. Pedi a

Maddy que ligasse para Max e confirmasse a data e a hora em que ele a pegaria no aeroporto.

Então, fui em busca da minha sanidade — sob a forma de um surfista que faz filmes e tinha se tornado um cara das montanhas. Eu o encontrei na cozinha, preparando o café da manhã.

— O que você quer fazer hoje? — Wes perguntou enquanto colocava panquecas num prato.

— Vamos esquiar — sugeri, precisando sentir o vento em meu cabelo, a sensação gelada no rosto e a velocidade das montanhas me lembrando de que eu estava viva. Que isso também passaria.

Minha família estava a caminho, e juntos nós lidaríamos com a mulher que havia quebrado cada um de nós de uma forma que nunca poderia ser reparada ou esquecida.

6



— Você vai me contar o que nós estamos fazendo aqui no bosque ao redor do chalé, no meio da neve? — perguntei, puxando o gorro mais para baixo, na tentativa de cobrir as orelhas. Meu cabelo estava preso num rabo de cavalo baixo, jogado sobre um dos ombros. Se não fosse assim, o gorro já teria caído. Cabelos como o meu não se deixam domar.

Wes sorriu e pegou minha mão, me puxando pela neve. Com a outra mão ele arrastava um trenó, e em cima deste havia uma bolsa marrom fechada com zíper.

— A que horas você disse que o Max e a Madison chegam? — ele perguntou, evitando me responder.

Eu o segui, passando por cima de um tronco caído, que parecia estar lá havia muito tempo.

— Hoje à tarde, por volta das seis. Por quê?

— Bom, se eles vêm para o Natal, você não acha que devíamos ter uma árvore decente? — Sua respiração estava pesada quando soltou minha mão e o trenó e subiu uma pequena colina.

Uma árvore. Uma árvore de Natal de verdade. Fazia tanto tempo que eu nem conseguia lembrar. Eu nem tinha certeza se Maddy já tinha tido uma. Uma família sem dinheiro não se preocupa com essas coisas. Por causa das circunstâncias, nunca nos incomodamos com isso. Estávamos mais interessadas em saber se teríamos o que jantar ou não. Eu tive que contar a Maddy, quando ela estava com cinco anos, que Papai Noel não existia. Não haveria presentes embaixo da nossa árvore inexistente, vindos de um homem gordo, alegre e mágico. Maddy e eu fazíamos presentes uma para a outra. Quando crescemos, trocávamos um presente ou outro, mas nada extravagante.

— Por que você está me olhando assim? — Wes perguntou, a cabeça inclinada e a expressão atenta.

Dei de ombros.

— Eu nunca tive uma árvore.

— Você nunca teve uma árvore de Natal? — O choque ficou evidente, a julgar pela forma como sua boca se abriu e as lufadas de ar gelado ondularam ao seu redor. — Me lembre de dar um soco no seu pai quando ele estiver melhor — ele disse, com um grunhido exasperado.

Então Wes desceu a colina rapidamente, segurou minha mão, me ajudou a subir e apontou para longe.

— Está vendo aquelas ali? Seriam perfeitas para uma árvore de Natal.

Além da clareira, havia uma área com pinheiros menores, que mais parecia uma plantação de árvores de Natal.

— E como você está pensando em tirá-la do chão?

Wes sorriu.

— Cortando, linda. Vamos lá. — Ele pegou a corda do trenó e, juntos, nós descemos a colina para ter uma visão melhor das árvores. Cada uma delas tinha pelo menos dois metros de altura. Eram enormes.

— Não estou muito certa quanto a isso. Matar uma árvore para usar como decoração não parece legal. Talvez a gente devesse comprar uma artificial.

Wes riu.

— Que absurdo. Vai ser o nosso primeiro Natal juntos. O primeiro que você passa com o seu irmão, e com a minha família também. Vai ser especial. Mas nós precisamos de uma árvore adequada. Portanto, escolha uma. — Ele estendeu a mão para a frente.

Wes tinha razão. Eu nunca tinha tido uma árvore de Natal, ou pelo menos não me lembrava. Como casal, nós estávamos criando memórias e tradições incríveis, ao lado da nossa família. O entusiasmo pelas novas lembranças me atingiu, afastando qualquer preocupação com o futuro do meio ambiente e a perda de uma única árvore em uma floresta com milhares delas.

Durante vários minutos, circulei ao redor de cada árvore. Depois de ter descartado umas dez mais ou menos, encontrei a perfeita. Era imensa, muito verde e tinha cheiro de terra. Seus ramos eram separados igualmente, de um jeito que permitiria exibir os enfeites muito bem. A árvore capturou minha atenção, e eu a imaginei com lâmpadas coloridas, brilho e todo o clima do Natal.

Wes veio até mim e passou o braço sobre meu ombro.

— É essa?

Sorri para meu noivo e assenti.

— É essa.

Ele se inclinou e beijou minha bochecha. Antes que pudesse se afastar, ergui a cabeça e o beijei na boca. Foi um beijo longo, profundo e muito molhado. Sua língua dançava na minha, recebendo tanto quanto dava. Ele lambeu meu lábio, provocando uma excitação que ficara em compasso de espera desde que eu encontrara minha mãe. Agora a emoção estava de volta com força total, e tudo por causa do amor desse homem.

— Eu te amo — eu disse, nossos lábios ainda se tocando.

Ele sorriu contra minha boca. Senti o movimento de seus dentes quando ele disse:

— Eu te amo mais. Agora, vamos cortar a nossa árvore?

— Como? — Olhei para o trenó.

Wes foi até a bolsa e pegou um machado de dentro dela. Retirou o protetor de plástico na extremidade da lâmina e o jogou de volta na bolsa.

— Você vai mesmo fazer isso.

Ele franziu a testa.

— Por quê? Você não acha que eu consigo?

— Ah, eu tenho certeza que você consegue. Só parece ser muito trabalhoso.

— Mia, meu amor. Quando a coisa vale a pena, o trabalho vale a pena.

Com isso, ele golpeou com o machado e bateu a lâmina bem na base da árvore. Ela balançou, e flocos de neve e folhas caíram com as batidas.

Enquanto Wes cortava nossa árvore de Natal, peguei o celular e tirei uma foto, que mandei para Ginelle.

Quantos paus uma marmota pode derrubar?

Em poucos segundos, o telefone apitou.

Quantos paus uma marmota pode derrubar? Hum, não sei exatamente. Um pau samoano, eu diria uns 20.

20 o quê?

Centímetros, idiota. A neve congelou o seu cérebro?

Sua vaca maldosa.

É preciso ser uma pra reconhecer a outra. Além disso, foi você que me mandou a foto de um homem cortando o pau. ☺

Gargalhei. Ginelle era doida. Balancei a cabeça, rindo. Que figura. Isso me fez lembrar que eu ainda não tinha contado a ela sobre minha mãe. Com certeza ela ficaria puta da vida e teria muito a falar sobre o assunto. Provavelmente era esse o motivo de eu não ter contado ainda. Eu ia contar. Depois. Do quê? Eu não sabia. Achei que teria essa resposta ao longo do caminho. Ela poderia até ficar chateada comigo. Mas eu sabia que, mesmo chateada, Gin iria me perdoar, compreender e amar. É isso que melhores amigos fazem. Ela sabia tudo a meu respeito — as coisas feias e as bonitas — e me amava de qualquer jeito. Da mesma maneira que eu a amava.

— Do que você está rindo? — Wes perguntou.

Sua respiração estava pesada. O suor umedecia a testa e escorria pelas têmporas. Um homem trabalhando duro. Por mim. Tentando fazer meu Natal inesquecível.

— Nada. É só a Gin.

— Ela está bem?

Sorri, sabendo exatamente o que — ou melhor, *quem* — estava deixando Gin tão bem-humorada. Pensei no que aconteceria quando Tao voltasse para o Havaí. Será que ela iria embora com ele? Eu achava que Ginelle não sairia de Malibu logo depois de eu ter conseguido um emprego para ela e lhe dado um lugar para morar, mas isso não significava que ela não iria querer. Nós precisávamos conversar sobre esse assunto... entre outras coisas.

— Sim, sim. Ela está com o Tao, lembra?

Ele franziu a testa.

— Quem é Tao mesmo?

— Irmão do meu amigo Tai. Ela o conheceu no Havaí.

Wes pegou o machado de novo e bateu com força bem no meio do talho que já tinha feito na árvore.

— Você quer dizer o cliente número cinco. — Sua voz agora estava desprovida de emoção.

Os cabelos na minha nuca se arrepiaram.

— Sim. Tai Niko. Meu *amigo*. — Enfatizei a palavra para que ele soubesse a verdade sobre o que o nosso relacionamento era agora e o que tinha sido.

— Aquele com quem você passou um mês trepando enquanto eu corria atrás de você? — Ele bateu o machado na árvore novamente. Lascas de madeira voaram com a força do golpe.

Ofeguei.

— Isso não é justo, e você sabe. Você estava com a Gina na época, se bem me lembro.

Ele assentiu.

— Sim. A pior decisão da minha vida — admitiu, fazendo uma carranca profunda.

Eu não iria concordar com ele. Gina sempre foi um assunto delicado para mim, mas eu superei o relacionamento deles. Tudo bem... mentira. Eu *aceitava* o que eles eram um para o outro agora, e era melhor que Wes aceitasse Tai, porque o samoano gigante era um dos meus melhores amigos.

— Você diz isso agora. E, de qualquer forma, eu estou de boa com a Gina, e você precisa fazer o mesmo em relação ao Tai. Ele vai vir para o nosso casamento.

Wes bateu na árvore e recuou, levantando a cabeça.

— O quê? Você não tinha me contado isso. — Agarrou firme o machado, suas juntas tão brancas quanto a neve ao nosso redor.

— Ele e a noiva, Amy, são dois dos meus vinte e cinco convidados. E nós vamos ao casamento deles no verão, no Havaí.

— São eles que vão casar no verão?

Suspirei.

— Sim, Wes. São eles. O meu amigo Tai. O mesmo homem que pegou um avião em junho e ajudou a cuidar de mim até que eu me recuperasse depois do ataque. Assim como o Mason.

— Deveria ter sido eu! — Ele se virou e baixou o machado, golpeando a árvore com tanta força que o tronco finalmente cedeu e ela caiu para a frente. O ar ao nosso redor pareceu vibrar enquanto a árvore enorme tombava.

— Terminou? — perguntei, frustrada, com as mãos nos quadris e a cabeça

inclinada. Ele conhecia aquele meu olhar. Seus ombros caíram.

— Eu não gosto de lembrar que outros homens tomaram conta de você. Tá bom?

— Eu sei. Eu entendo. E eu não gosto de lembrar que você ficou com a Gina. Mas é passado. Isso não muda o fato de que essas pessoas significam muito pra mim, ainda que em um nível diferente de antes, e você sabe disso.

— Você disse que a noiva dele também vem? — Wes perguntou, em voz baixa.

Fui até ele e coloquei a mão em seu ombro enquanto ele se concentrava na árvore caída.

— Sim, baby. A noiva dele, Amy, é uma querida. Ela sabe da nossa história. O Tai e eu tivemos um envolvimento durante um único mês da nossa vida inteira. Não tivemos mais nada desde o dia em que eu peguei o avião para ir embora, no fim de maio. Eu vou me casar com você em duas semanas. Ela vai se casar com o Tai daqui a seis meses. Nós somos amigos. Nos importamos um com o outro. E é isso. — Fiz o melhor que pude para expressar meus sentimentos sinceros por Tai. A última coisa de que eu precisava era que Wes tivesse ciúme de mais um homem em minha vida. Eu já tivera o suficiente disso.

— Desculpa. É que... só pensar em você com alguém que não seja eu me tira do sério. Não é justo, mas você está certa. Nós dois temos um passado, e você foi maravilhosa quando eu tentei ajudar a Gina com o trauma dela. Desculpa. Você me perdoa? — Ele se virou e passou os braços em volta da minha cintura.

— Eu sempre vou te perdoar. E vou te mostrar isso quando nós levarmos esta árvore para o chalé e descongelarmos nossos corpos num banho bem quente. — Balancei as sobrancelhas com a sugestão. — O que você acha?

Ele se moveu rapidamente, e, antes que eu percebesse, estava em seus braços, meus pés no ar e minha boca na dele. Exatamente onde eu sempre queria estar. Ele se afastou com um beijo barulhento e deixou meus pés tocarem o chão novamente.

— Você está sugerindo que a gente faça sexo de reconciliação? — perguntou.

— Hum, pode crer! — Eu ri e ele me beijou mais uma vez.

— Aceito! Agora segure o trenó que eu vou amarrar a primeira árvore de Natal da nossa família.

Wes e eu passamos uma hora arrastando a árvore para o chalé, carregando-a pelas escadas e até o pátio, onde ele a sacudiu por um bom tempo. Aparentemente, era necessário sacudir a coisa para desalojar eventuais moradores, folhas soltas e a neve restante. E então — sem brincadeira — ele usou o soprador de folhas, na velocidade baixa, para secar a árvore. Como se estivesse secando cabelo. O processo foi fascinante, do início ao fim.

Depois passamos uma hora no chuveiro, nos reconciliando. Bem mais divertido que a caça à árvore, mas eu não compartilhei minha opinião.

Agora eu estava no sofá, abrindo caixas e mais caixas de enfeites, luzes e outros adereços natalinos não de um, não de dois, mas de *quatro* baús enormes. Para uma família que não vinha muitas vezes ao chalé, eles haviam se encarregado de deixá-lo com cara de casa. Eu já tinha decorado a lareira, onde Wes acendeu o fogo. Folhagens e viscos falsos foram estrategicamente colocados ao lado de alguns castiçais de prata que ele me disse terem sido presentes dos avós para os pais quando estes se casaram, muitos anos atrás. Coloquei esses tesouros inestimáveis em destaque e acendi algumas velas vermelhas para valorizar ainda mais a decoração.

Wes e eu enfeitamos a árvore com luzes e muitos penduricalhos. Além dos comprados em loja, havia uma caixa cheia de enfeites caseiros especiais. Na parte de trás estavam os nomes de Wes e Jeananna.

Wes sorriu quando peguei o molde de gesso de uma pequena mão. Cada dedo estava pintado de uma cor diferente e salpicado com glitter dourado. Na parte de trás, escrito com a letra caprichada da mãe dele, eu li "Wes" e "cinco anos".

— Quando eu era pequeno, a minha mãe punha a Jeananna e eu para fazer enfeites. Depois ela guardava tudo aqui pra gente usar no próximo Natal em Aspen. Era uma tradição. — Ele levantou a mãozinha e sorriu.

— Nós podemos fazer isso com a Isabel. Pedir para ela criar um enfeite e depois guardar na caixa.

Wes se sentou no sofá ao meu lado.

— E um dia os nossos filhos vão fazer isso também.

Filhos. Nós tínhamos conversado um pouco sobre esse assunto, mas foi algo superficial, e acabamos concordando que queríamos ter um dia.

— Quando você quer começar a aumentar a família, Wes? — perguntei, nervosa.

Ele pegou minha mão e beijou todas as juntas de um jeito doce. Era uma coisa nossa. Exclusivamente nossa.

— Vai depender de quando você vai querer fazer uma pausa. Se fosse por mim,

a gente começaria imediatamente. Eu faço trinta e um este ano. Mas você só tem vinte e cinco e uma carreira pela frente. Não que você precise trabalhar — ele me lembrou.

— Que tal tirarmos um ano só pra nós dois e voltarmos a falar sobre esse assunto no ano que vem, nesta mesma época?

— Parece um bom acordo, linda — Wes concordou com facilidade. Cara, ele realmente era incrível.

— Uau, foi fácil — brinquei.

— Por que não seria? Casamento não tem a ver com conseguir tudo o que a gente quer. Os meus pais sempre fizeram acordos. Eu acho que esse é o segredo. E a honestidade. Se eu sentir necessidade de ter filhos antes de um ano, vou conversar com você. Vamos descobrir se nós dois estamos prontos. Eu acho que essa é a melhor maneira de lidar com qualquer coisa que venha pela frente. Você não? — perguntou.

Pensei nisso enquanto girava um enfeite na mão.

— Sim, acho que você está certo. Se formos honestos e estivermos dispostos a ceder, vai dar tudo certo.

Ele sorriu e beijou meu rosto.

— Vai dar tudo mais que certo. Contanto que eu me case com você, a mulher dos meus sonhos, não tem nada que a gente não possa resolver juntos.

Suas palavras enviaram uma onda de felicidade para o meu coração, envolvendo-o em alegria. Eu me virei para o meu homem e o beijei, então começamos a dar uns amassos no sofá. Assim que ele me colocou no colo e enfiou as mãos dentro da minha blusa, cobrindo meus seios, um ruído alto soou através da sala.

— O que é isso? — parei, com as mãos debaixo da camiseta dele.

Ele beijou meu pescoço, todo relaxado.

— Campainha. A sua família chegou.

— A minha família chegou — respondi, ainda meio perdida. Então, a ficha caiu. *Minha família havia chegado*. — Uhuu! — Dei um pulo. — A minha família está aqui. Eles estão aqui! — gritei, correndo até o enorme conjunto de portas duplas com minhas meias de Papai Noel.

Abri as portas e vi o rosto carrancudo do Max.

— Jesus Cristo, meu anjo. Estou congelando! Você tinha que escolher um lugar com neve para passarmos o nosso primeiro Natal juntos, não é? Sim, você tinha! — Max me repreendeu e eu pulei, passando os braços em volta do seu pescoço e

beijando sua bochecha. — Tudo bem, eu acho que você está perdoada. — Ele ficou vermelho conforme eu os conduzia para dentro.

— Mads — sussurrei, feliz em ver minha menina.

— Mia! — Ela envolveu seus longos braços ao meu redor e me apertou com tanta força que perdi o fôlego. — Que saudade! — A voz dela estava cheia de emoção. — Não posso acreditar que estamos no Colorado! Que demais.

— Demais é a palavra do dia — disse Matt, antes de me dar um abraço com um braço só. — Obrigado por nos receber, Mia.

— Obrigada por ter vindo, Matt.

Max saiu de novo e em seguida subiu os degraus com uma cadeirinha de bebê coberta com uma manta azul. Ele me entregou o embrulho, que pesava uma tonelada. Com que diabos ele estava alimentando o meu sobrinho? O cobertor se moveu e eu espiei lá dentro. Jackson estava sorrindo e mordiscando a mão. Levei o bebê para o calor da sala e o coloquei no chão, perto da árvore. Puxei o cobertor para que ele pudesse olhar para as luzes, em seguida voltei para ajudar a descarregar a bagagem.

Depois que todos estavam acomodados e tomando bebidas quentes, a família nos ajudou a terminar de decorar a árvore. Como eu suspeitava, Maddy amou ter uma árvore de Natal. Seus olhos estavam enormes enquanto observavam o que havíamos feito. Coloquei o braço ao redor da cintura dela e inclinei a cabeça em seu ombro.

— Linda, né?

— É, Mia. Muito linda. Obrigada. Por isso, por nos reunir aqui. É... eu não sei. Demais.

— É, sim. E nós vamos curtir tudo isso juntas — prometi a ela.

Max se aproximou e se enfiou entre nós duas para que descansássemos a cabeça em seus ombros fortes. O grandalhão estava exatamente onde gostava: cercado pela família. E nos abraçou ainda mais forte.

— Amanhã a gente conversa sobre ela — eu disse para os dois. — Hoje, não. Hoje vamos comemorar o fato de sermos uma família, fazer uma refeição juntos e compartilhar a magia da estação.

— Concordo — Maddy disse, com a voz rouca.

— Como as minhas meninas quiserem. Família cuida da família. — Max apertou os braços, puxando-nos ainda mais perto.

Suspirei e curti a sensação de estar olhando para minha primeira árvore de Natal com meus irmãos. Mesmo com o assunto sobre o aparecimento da nossa mãe

pairando sobre a nossa cabeça, nós ainda tínhamos isso. Família. Não importava o que acontecesse. Nós éramos mais fortes pelo que havíamos enfrentado. Isso nos fazia valorizar ainda mais o que tínhamos. Momentos como aquele eram novas e belas lembranças que eu levaria comigo até o último dia da minha vida.

7



Havíamos terminado o café da manhã, e Wes e Cyndi estavam arrumando a cozinha. Matt foi entreter Isabel, que já o estava chamando de tio, o que, segundo Maddy, ele adorava. Matt era filho único e parecia estar gostando de ter sobrinhos, o que o fazia ganhar pontos comigo. Ele valorizava a família. No entanto, era bom que não cismasse de engravidar minha irmã tão cedo.

Max, Maddy e eu nos sentamos em frente à lareira. Maddy dobrou as pernas compridas embaixo do corpo, enquanto eu cruzei as minhas. Max estava todo sério: joelhos paralelos, cotovelos sobre eles e as mãos cruzadas na frente do corpo.

— Tudo bem, meninas. Precisamos decidir como vamos lidar com a nossa mãe. Chega de protelar. Então, Mia. Conte pra gente o que aconteceu na galeria.

Contei o máximo da história que consegui lembrar, incluindo o tapa que dei, coisa de que certamente *não* me orgulhava, e sua tentativa patética de dizer que não sabia que Maddy era filha biológica de Jackson. Contei que ela alegou não se lembrar de nada, incluindo as vezes em que me levou ao cassino para manter o caso com o pai de Max. Contei que ela havia dito que sua intenção era nos manter seguros e que eu não conhecia toda a história, como se ela soubesse de algo que pudesse tornar aceitável o que fez conosco. Não nesta vida.

Max levou a mão aos lábios.

— Eu quero vê-la de novo. Dizer o que penso. E acredito que seria bom todos nós irmos juntos. Ouvir o que ela tem a dizer e fazê-la nos ouvir também. O que vocês acham?

Não consegui esconder a carranca que apareceu em meu rosto.

— Você acha que ela realmente vai se importar?

Max deu de ombros.

— Não sei, mas não faz diferença. Isso não tem a ver só com ela. Tem a ver conosco, com o que nós três passamos. Nós temos o direito de dizer na cara dela

como ela nos prejudicou. Maddy?

Ela estendeu a mão para mim e eu entrelacei nossos dedos, lhe dando apoio. Cumplicidade entre irmãs. Sempre tivemos isso. Agora que tínhamos um irmão, precisávamos abrir ainda mais essa porta e deixar Max entrar de vez. Não éramos mais apenas ela e eu. Havia também Max, sua família, Wes, Matt... Todos eles tinham interesse nessa reunião, porque ela afetava quem eles mais amavam. Ou seja, nós.

Maddy soltou um suspiro profundo.

— Eu estou assustada. Não sei nem o que dizer para alguém de quem eu não lembro. — Sua voz era quase um sussurro.

— É justo — Max assentiu. — Mia, você acha que disse tudo o que precisava?

— Não sei — ironizei.

— Bem, o que vocês acham do seguinte? Vocês vêm comigo para me dar apoio enquanto eu falo tudo o que preciso pra nossa mãe. — Ele disse isso como uma afirmação, mas definitivamente havia uma ponta de estresse.

Max não gostava de pedir ajuda. Em circunstâncias normais, ele provavelmente nunca o faria. Esse pedido me atingiu como um caminhão de duas toneladas.

— Max... — A emoção obstruiu minha garganta.

Ele balançou a cabeça.

— Eu sei que vocês duas foram abandonadas e que ela magoou muito vocês. E fez o mesmo comigo. Nem ficou tempo suficiente para ver o meu primeiro dente nascer. Merda, a mulher virou pó antes mesmo que eu precisasse cortar o cabelo pela primeira vez. Eu gostaria de vê-la. Colocar um rosto na mãe que eu conheço só de nome. E gostaria que as minhas irmãs estivessem lá comigo. Me dando apoio.

Eu me levantei, fui até Max, me sentei ao seu lado e o abracei.

— Desculpa. Eu estava sendo egoísta. Não tem a ver só comigo. Tem a ver com todos nós. Você foi magoado também. E está certo. Nós precisamos ir até lá em grupo. Porque é isso que nós somos agora. Uma família. Certo?

— Certo! — Sua voz estava muito afiada, cortante como vidro.

Maddy engatinhou pelo sofá e se aconchegou ao lado de Max.

— Eu quero estar lá com vocês. Enquanto vocês estiverem comigo, eu vou estar com vocês. Tá bom? — Os olhos dela estavam vidrados e tristes. O fogo crepitava e cintilava nas profundezas verde-claras.

— Está resolvido, então. Vou ligar para o Kent e marcar alguma coisa — eu disse.

Max concordou e nós ficamos sentados em silêncio, perdidos em pensamentos,

observando o fogo.



Kent Banks estava ansioso para se encontrar conosco. Disse que havia coisas que precisávamos saber antes de ele aprovar uma reunião cara a cara com a nossa mãe. Com esse pedido, acabamos por nos encontrar em uma mesa no Zane's Tavern. Wes e Matt ficaram no bar, batendo papo com Alex. Perto o suficiente para ficar de olho caso as coisas ficassem tensas, mas longe o suficiente para nos dar a ilusão de privacidade. Eu já tinha estado com Kent antes. Ele parecia estranho, mas inofensivo, embora extremamente protetor com relação à esposa. Tecnicamente, eles nem eram casados. Eu me perguntava se *ele* sabia disso, já que em todos esses anos ela nunca havia se preocupado em se divorciar do meu pai.

Meu pai. Deixei escapar uma respiração lenta. Outra decepção. Ele estava ignorando minhas ligações desde que eu saíra de Vegas, depois que o acomodamos em sua casa com duas enfermeiras. Elas diziam que ele respondia bem ao tratamento, mas estava muito para baixo. Eu tinha fé de que ele ia ficar forte e sair do ciclo interminável de autodepreciação, mas talvez fosse demais esperar por isso. Nessa fase, eu só precisava rezar para que ele ficasse longe da bebida e continuasse a terapia. Eu tinha feito mais do que devia durante o último ano, definitivamente mais do que ele merecia. Agora era com ele.

Aprendi uma lição muito valiosa com tudo isso. O amor nem sempre é gentil. Pode ser impiedoso, cruel e covarde, mas isso não significa que ele deixa de existir. Eu estava lidando com isso, e Wes estava me ajudando a curar a ferida emocional que se abriu quando a mulher que me deu a vida me abandonou.

Uma lufada de ar frio soprou em meu rosto quando Kent entrou. Ele nos viu imediatamente e se sentou na cadeira da ponta da mesa. Nenhum de nós queria estar perto dele, de modo que Maddy e eu ficamos de um lado e Max fez seu corpo grande ocupar o outro. Se Kent percebeu a tática, não disse nada.

Ele esfregou as mãos para afastar o frio.

— Obrigado por terem vindo.

Max, o macho alfa da mesa e o único que tinha o desejo de ver a nossa mãe, falou primeiro. Estendeu a mão para cumprimentar Kent.

— Eu sou Maxwell Cunningham. Você conheceu a minha irmã, Mia Saunders. Esta é a nossa irmã caçula, Madison Saunders.

Tanto Maddy quanto eu abrimos um sorrisinho, mas não estendemos a mão.

— Tenho certeza que vocês estão ansiosos para que eu vá direto ao ponto. Mas para fazer isso eu preciso começar do início — Kent disse, com a voz baixa e estável.

Max concordou e fez um gesto para que ele continuasse. Maddy e eu ficamos em silêncio.

Kent inspirou lentamente.

— Quando eu conheci a Meryl, ela estava perdida, viajando de carro por aí, totalmente largada. Ela estava imunda, não tomava banho havia dias, talvez semanas. Depois eu descobri que ela só tinha algumas mudas de roupa e poucas outras coisas. Imaginei que ela estivesse fugindo de um homem violento, e na época ela não negou isso. Me deixou presumir o pior.

Bufei e revirei os olhos. Kent olhou para mim, mas continuou.

— Eu a conheci na biblioteca da cidade. Fui lá pegar um livro para uma pesquisa da faculdade. A Meryl estava lá para se aquecer.

A mão de Maddy apertou a minha debaixo da mesa. Ouvir sobre outra pessoa sofrendo da mesma forma que nós havíamos sofrido atingia muito mais a alma suave da minha irmã do que a minha. Só que não havia motivo para isso. Nossa mãe tinha uma casa acolhedora. E optou por abandoná-la. Não haveria nenhuma empatia da minha parte.

— Eu comecei a vê-la regularmente na biblioteca. Depois de uma semana, percebi que ela não tinha trocado de roupa, o cabelo ainda estava sujo e, francamente, ela fedia. Mas havia alguma coisa nos olhos dela. Uma faísca quando ela olhou para mim que me fez muito bem. Um dia eu a chamei para ir para casa comigo e me ofereci para ajudar com qualquer coisa que ela estivesse escondendo. De novo, ela não negou que algo estivesse acontecendo, então eu lhe dei um chuveiro, comida e um teto. Os dias se transformaram em semanas, e eu gostava de ter a Meryl em casa. Ela me ajudou a passar de ano na faculdade, limpava a casa, preparava as refeições e tinha um talento especial para a arte.

— Qual o objetivo disso, sr. Banks? Tudo o que você está dizendo só mostra que ela mentiu pra você do mesmo jeito que mentiu pra gente. Ela não estava desabrigada. Ela estava sem teto por opção. O marido dela, o meu pai, nunca a agrediu. Nunca. Ela o destruiu e vai te destruir também — eu disse, a amargura preenchendo todos os espaços.

Kent balançou a cabeça de forma dramática.

— Não, por favor. Me ouça. Há coisas que você não sabe.

Max se inclinou para a frente, sua resposta tão afiada como a lâmina de uma

faca.

— Então vá direto ao ponto.

Kent ergueu as mãos em súplica.

— Eu percebi, depois de alguns meses, que ela começou a fazer coisas estranhas. Coisas irracionais. Eu chegava em casa, o chão da cozinha estava coberto de farinha e ela dançando como uma bailarina ali. Pessoas normais não fazem esse tipo de coisa. Em outra ocasião, ela virou um vidro de xampu no piso de madeira e usou o chão como escorregador.

— Sim, essa era a nossa mãe. Ela fazia essas coisas o tempo todo. Nos dava sorvete no jantar, em vez de comida. No meio do inverno, nos levava para dançar debaixo da tempestade. O pops trabalhava duro naquela época para que ela pudesse ter tudo o que queria, então não presenciava muito essas coisas. Quando ele chegava em casa, muitas vezes ela já tinha ido para o cassino, dançar nos shows. Durante anos, eles foram como dois navios se cruzando durante a noite.

Kent assentiu.

— Então você viu. O comportamento estranho. Mais que estranho, absolutamente maníaco. Como se alguns parafusos dela de repente se soltassem. Ela tinha picos de excitação, e eu me perguntava se estava usando drogas. Em outros momentos, era quase necessário um milagre para tirá-la da cama.

— Isso era o de menos, sr. Banks. — Eu me lembrei das inúmeras vezes, quando eu era criança, em que ela agia feito uma louca em vez da mãe que deveria ter sido. Nada disso importava na época, porque eu a amava.

— O que isso tem a ver com ela agora? — Max interrompeu.

— Tudo. Eu levei muito tempo para convencê-la, mas finalmente consegui que ela fosse examinada. Vocês sabiam que a sua mãe tem um transtorno bipolar severo? — Kent indagou. A mesa estava tão quieta que era possível ouvir nossa respiração.

— Transtorno bipolar. Tipo uma depressão? — perguntou Max.

Kent balançou a cabeça, sério.

— Ela sofre de depressão, sim, mas é mais que isso. Ela tem oscilações de humor. A mudança é tão rápida e profunda que a Meryl precisa de medicação pesada para controlar. Ela está indo muito bem com os remédios. Pode trabalhar normalmente. Nesse processo, nós descobrimos que ela é uma pintora talentosa e é capaz de levar uma vida feliz e tranquila. Aqui em Aspen, comigo. O humor ainda oscila, ela ainda sofre com a depressão e a mania, mas, com a medicação, os ciclos são menos graves e vêm com menos frequência. A medicação está controlando tudo isso.

Kent respirou fundo, parecendo reunir os pensamentos, aparentemente sabendo que o que tinha a dizer a seguir não seria bem recebido.

— Eu não sei o que ela fez antes. A mulher que ela era na época em que eu a conheci jamais teria sido capaz de criar filhos sem medicação. Sua condição era grave, e claramente ela não tinha sido tratada, nem tinha como se tratar sozinha, durante a maior parte da vida. Eu não me surpreendo por saber de algumas coisas que ela fez.

Meus olhos se estreitaram em sua direção.

Mais uma vez, suas mãos se ergueram em um gesto apaziguador.

— Eu não estou dizendo que o que ela fez com vocês foi certo. O que estou dizendo é que, sem tratamento, num estado maníaco, ela pode ter pensado que era perfeitamente natural levar as filhas, no inverno, para dançar na chuva. A mania cria a sua própria lógica, a sua justificativa. E essa justificativa pode fazer total sentido. Durante esses anos, na fase de mania, ela pode ter se sentido completamente certa de suas ações. Mas, quando a fase maníaca terminava e a depressiva começava, ela certamente perceberia que as filhas estavam ou estiveram molhadas, com frio e fome. Na melhor das hipóteses, pensaria que era uma péssima mãe e, na pior, que era um perigo para as próprias filhas. Ela carrega a cruz dos próprios erros todos os dias da vida dela. — Ele balançou a cabeça quando nenhum de nós respondeu.

Particularmente, eu não tinha ideia do que dizer. Tantos pensamentos, sentimentos e emoções nublavam meu julgamento, arranhando minhas vísceras. Eu precisava de tempo para pensar. Tempo para processar.

— Agora, mesmo que aquela conversa a tenha deixado mal, ela ainda quer ver você, Mia. Ela não sabe que vocês todos estão aqui, mas imagino que vá querer vê-los também. Explicar. Pedir desculpas. Mas vocês são adultos agora. Não podem esquecer o que aconteceu no passado, mas talvez consigam entender. Em primeiro lugar e mais importante, ela é a minha esposa. Nós estamos juntos há quase catorze anos...

Eu o interrompi.

— Você sabe que não estão oficialmente casados? Ela nunca se divorciou do meu pai. — Minha voz era baixa, mas tinha um tom mordaz.

Kent assentiu.

— Eu sei que o nosso casamento não tem valor legal, mas essas formalidades não importam muito para mim. Eu protegi essa mulher por muito tempo e vou continuar fazendo isso, até dar o meu último suspiro. Então, se vocês só querem

machucá-la, acho melhor que a deixem em paz e cada um siga o seu caminho. — Ele colocou as mãos sobre a mesa, num gesto de encerramento.

Max se levantou, erguendo a mão.

— Me deixe conversar com as minhas irmãs sobre isso. Nós vamos discutir o assunto e entramos em contato mais tarde.

Kent se levantou, apertou a mão de Max e fechou o zíper do casaco.

— Estou ansioso pela resposta de vocês. Eu sei que estão magoados e que o que eu contei hoje é um choque. Foi um choque para mim também, mas às vezes a vida faz isso. O que define o seu caráter é a maneira como você lida com a dor. — Essas foram as últimas palavras de Kent. Depois ele se virou e saiu pela porta sem olhar para trás.

Max se sentou com um suspiro pesado.

— Então, o que vocês acham?

Minhas sobrancelhas se ergueram.

— Wes, baby, uma rodada de tequila, por favor? — pedi em voz alta.

— Pode deixar — ele respondeu, fazendo o nosso pedido.

Maddy deu um sorrisinho.

— Da última vez que você bebeu tequila demais, acabou fazendo uma festinha sexual no quarto ao lado com o samoano tatuado, sem perceber que eu estava lá. — Maddy me lembrou da noite de bebedeira com Tai, no Havaí. Festinha sexual. Só a minha irmã mais nova usaria uma expressão tão inocente para descrever uma noite obscena, safada e pornográfica.

Entrelacei o braço no dela.

— Não repita isso perto do Wes — sussurrei em seu cabelo, que cheirava a cereja e baunilha.

Max sorriu e fechou os olhos.

— Não é a imagem que eu quero na minha mente agora. Valeu por tentarem descontrair o clima, mas o que vocês acham do que esse cara falou sobre a nossa mãe?

Suspirei e abracei Maddy mais apertado, querendo seu apoio e imaginando que ela poderia precisar do meu também.

— Sinceramente, eu não tenho certeza. Faz bastante sentido. Tudo o que ele disse sobre o comportamento estranho dela é verdade. Os altos com a nossa mãe foram tão altos quanto as estrelas no céu, mas os baixos... eram difíceis de lidar e fáceis de acontecer. Nós nunca sabíamos como ela ia se comportar. Geralmente, quando ela não estava no que ele chamou de estado maníaco ou severamente

deprimida, estava mudando de emprego, arranjando dívidas, esquecendo coisas tipo pegar a gente na escola ou queimando a comida porque não lembrava que tinha colocado no forno. As situações que eu lembro se encaixam no que ele descreveu.

— Isso muda o que você pensa dela? — Essa era a pergunta de um milhão de dólares.

Dei de ombros.

— Talvez. Acho que um pouco. Isso definitivamente me ajuda a entender por que ela era daquele jeito. Mas não explica por que ela foi embora. Por que não se consultou com um médico sobre aqueles problemas. Por que não procurou ajuda. Quando ela nos abandonou, estava com quase quarenta anos. Como uma doença dessa pode passar despercebida por tanto tempo? Eu me odeio por dizer isso, mas parece muito conveniente.

Maddy escolheu esse momento para falar.

— Talvez ela tenha ido embora justamente por não estar em seu juízo perfeito, Mia. Será que ela acreditava que estava nos salvando? Que sabia que alguma coisa estava errada com ela?

O queixo de Max se apertou.

— Isso não responde por que ela me abandonou quando eu era criança, mas ficou com o seu pai por dez anos.

— Não, não responde. A menos que o seu pai tenha visto alguma coisa que o meu não viu. Que ele tenha pedido para ela conseguir ajuda, e ela acabou fugindo.

— Acho que nós não vamos saber até falar com ela. Eu devo ligar para o Kent e marcar um encontro? Eu gostaria de fazer isso antes do Natal, antes que o resto da família chegue. E quanto à família do Matt? Eles vêm? — Max perguntou para Maddy.

Ela balançou a cabeça.

— Não. Como o Matt está com a gente, eles foram para um cruzeiro que estavam loucos pra fazer. Os dois nunca quiseram deixar o Matt sozinho no Natal, mas dessa vez perguntaram se ele se incomodaria com essa viagem. Eu disse a eles que aproveitassem, que nós passaríamos as festas com vocês, já que é o nosso primeiro Natal juntos. Mas no ano que vem vamos querer passar com eles também. Se estiver tudo bem. — Ela inclinou o queixo e olhou para mim e depois para Max.

Sorri e segurei seu queixo, forçando-a a olhar para mim.

— Ei, a sua família com o Matt é tão importante quanto a do Wes e a da Cyndi, tá? Nós vamos fazer o máximo pra ficar juntos durante os feriados. Tem muito

espaço aqui. E, com os planos do Wes e do Max para os dois ranchos, vai ter muito espaço no Texas também.

Os olhos dela se arregalaram.

— Que planos?

Max sorriu e juntou as mãos embaixo do queixo.

— O Wes quer comprar uma das fazendas e o terreno perto da nossa casa.

— Vocês vão se mudar para o Texas? — Maddy começou a se remexer na cadeira, como se tivesse formigas na calça.

— *Argh*. Não. Sim. Mais ou menos. Max, você é terrível! — Apontei um dedo acusador para ele, que apenas sorriu. — O Wes quer ter uma segunda casa. Quer lugar melhor do que a região onde estão o Max e a família dele? E, como você e o Matt estão pensando em se mudar para o Texas daqui a alguns anos, é lá que você vai estar também.

— Meu Deus! Isso. É. Demais! Eu vou ter o meu irmão e a minha irmã no mesmo lugar! — Ela abriu um sorriso tão grande que fez o salão parece mais claro.

Wes veio em nossa direção com uma bandeja de tequila. Não três. Uma bandeja. Cheia. Ele a colocou na mesa, puxou uma cadeira e se sentou. Matt deslizou ao lado de Max.

— Ouvi dizer que estavam precisando de bebidas aqui. Certo? — E sorriu. Eu amava aquele sorriso. Ele traduzia leveza, momentos nus na cama e domingos preguiçosos pela frente. Dias intermináveis amando e sendo amada. Assim seria minha vida quando Wes se tornasse meu marido. Eu não via a hora.

Cada um de nós pegou um copo.

— Ao futuro — eu disse.

— A possibilidades infinitas. — Maddy sorriu.

— À família — Max terminou.

Nós cinco bebemos e comemos toneladas de comida, até que Matt se ofereceu para parar de beber e ser o motorista da vez. O restante de nós manteve o pique, pois todos tínhamos recebido um golpe duro a respeito da nossa mãe. O que havia a fazer senão viver o hoje? E foi o que fizemos. A noite toda.

Kent marcou o encontro para dois dias antes do Natal. O clima pesava sobre cada um de nós enquanto Max nos levava por um caminho de cascalho, até uma mansão

de madeira muito parecida com o chalé da família de Wes. Não ficava distante. Levamos cinco minutos para chegar à casa de Kent e Meryl Banks — esse era o sobrenome que ela usava agora.

Ele atendeu a porta e nos levou até uma ampla sala de estar. Havia janelas mostrando a vista, mas não uma parede inteira, como no chalé de Wes. Este tinha janelas redondas perfeitas, como se veria num navio, só que muito maiores, com cerca de um metro e meio de circunferência, talvez mais. Um conjunto de portas-balcão ao longe, perto da cozinha moderna, parecia dar acesso ao pátio ao ar livre. A cozinha tinha luminárias azul-royal que pendiam no cômodo todo branco. O único ponto de cor eram as luzes e as cerâmicas nas bancadas de granito. Tudo era ultramoderno, mas ainda assim aconchegante. Toques de tecido rompiam a monotonia do branco por todo o ambiente.

A característica mais impressionante, e o ponto focal da sala, era uma pintura pendurada acima da enorme lareira. Era a imagem realista da paisagem do lado de fora da casa na primavera, quando a vista deveria ser verde, cheia de cor. O artista tinha muito talento e um olho incrível para detalhes.

Na extremidade mais distante do sofá de grandes dimensões estava a nossa mãe. Ela usava uma legging preta e um suéter branco volumoso. O cabelo preto fazia muito contraste com o suéter, brilhando em uma tonalidade quase azul.

— Venham, sentem-se. — Kent fez um gesto para os sofás.

Nós três rodeamos a parte de trás do sofá e nos sentamos juntos, em frente a Meryl. Kent se sentou ao lado da companheira. Ela segurou sua mão e a apertou no momento em que ele se sentou. Eu vi a cor sumir de seus dedos enquanto ela o segurava, como se ele fosse a corda que a ligava a sua própria sanidade. Talvez ele fosse, agora que eu sabia que seu estado mental era tão frágil.

— Mia, obrigada por ter vindo. Maxwell... Madison... — Sua voz falhou e lágrimas escorreram por suas bochechas. — É tão bom ver vocês. Eu nunca pensei que os veria novamente... — Ela parou em um soluço sufocado.

Kent entregou um lenço a ela, que o usou para secar os olhos e o nariz.

— Vocês parecem tão... Meu Deus, vocês são todos lindos — ela disse, num tom cheio de admiração.

Olhei para ver como Maddy estava. Suas bochechas estavam vermelhas e seu nariz escorria. Ela o limpou na manga da blusa. Eu? Não tinha mais lágrimas para chorar. Tinha passado anos chorando por aquela mulher e, mais recentemente, dias. Eu me sentia seca... oca.

— É bom finalmente conhecer a mulher que nos deu à luz — Max falou,

abraçando Maddy. — Para a Maddy e para mim, é como se fosse a primeira vez.

Nossa mãe assentiu, com mais lágrimas escorrendo pelo rosto. Limpou a garganta.

— Eu sei que nada que eu diga pode apagar a dor que causei...

Cerrei os dentes, sem querer chamar atenção, porque não se tratava apenas de mim. Ela tinha abandonado nós três.

— Mas estou melhor agora e posso entender o dano que provoquei. Eu sei, Mia, que você está muito zangada comigo. Se eu soubesse que a minha partida seria pior do que a minha permanência, nunca teria ido embora.

— Por que você foi? — Fiz a única pergunta que precisava fazer havia quinze anos.

Ela umedeceu os lábios e se endireitou no sofá.

— Na época eu não estava pensando com lucidez. Eu me via muitas vezes parada na cozinha sem saber o que estava fazendo. Recebia ligações da escola para avisar que eu não tinha ido buscar vocês. Perdia trabalhos sem perceber. Um dia, eu abri os olhos e me vi de pé no meio da estrada, andando descalça em direção ao deserto. Eu estava de camisola. O seu pai trabalhava à noite, e eu estava entre empregos no cassino. Vocês duas estavam sozinhas em casa. Eu não fazia ideia de onde estava.

— Parece terrível — Maddy falou, sempre a primeira a tentar consertar as feridas do mundo e todas as pessoas nele.

Meryl assentiu.

— Foi, sim. E essas perdas de noção de tempo, os lapsos de memória, tudo isso acabava em situações perigosas, e eu não sabia como parar. A gota-d'água foi uma vez em que eu estava tão deprimida que bebi uma garrafa inteira de uísque do seu pai. Eu estava convencida de que ele estava me traindo.

Bufei, sarcástica. Ela olhou para cima, e suas bochechas ficaram vermelhas.

— Eu sei que era eu quem estava traindo o seu pai. Bem, eu não sabia direito. Na maioria das vezes eu ficava confusa a respeito de onde estava e em que momento. Mas, de qualquer maneira... naquela última noite, eu bebi uísque. Coloquei vocês duas no carro e sentei atrás do volante.

O queixo de Max se apertou, e eu quase pude ouvir o ranger de dentes enquanto ela falava.

— De alguma forma, eu dirigi para fora da estrada, para o deserto. Um bom samaritano viu o meu carro sair da estrada, chamou a polícia e me seguiu. Por fim, o carro parou quando eu desmaiei no volante. Os policiais vieram, pegaram vocês

duas e me prenderam por dirigir bêbada. O seu pai pagou a fiança, e eu fui acusada de negligência infantil e provavelmente seria presa por um tempo. Só que...

— Você foi embora — terminei, cravando a faca em seu coração.

— Eu não sabia que estava doente. Ninguém sabia.

8



— E quanto a mim? — Max indagou.

Fiquei me perguntando a mesma coisa.

Ele completou:

— Você me abandonou cinco anos antes de conhecer Michael Saunders.

Meryl inspirou lentamente e assoou o nariz.

— Sim, você está certo. O Jackson era um bom homem. Ele queria cuidar de mim, formar uma família. Na época, eu ainda achava que seria uma dançarina famosa. É preciso lembrar que, naquele tempo, a minha doença ia e vinha. Era um caos. Meus pensamentos eram confusos. Eu achava que o Jackson queria me colocar numa gaiola dourada. Me prender me fazendo engravidar.

Ele bufou.

— Te prender?

— Você está entendendo errado. — Ela chorou ainda mais. — Eu fiquei grávida de você logo depois que conheci o Jackson. O meu transtorno estava fora de controle. Eu não confiava em ninguém. Eu amava o seu pai, mas não estava apaixonada por ele. Não era o tipo de amor que dura para sempre. Eu estava cada dia mais confusa. Não sabia o que estava acontecendo. A minha terapeuta diz que provavelmente era depressão pós-parto, agravada pelo meu estado mental. Quando os hormônios de uma mulher bipolar ficam desequilibrados desse jeito, o resultado pode ser desastroso.

— Sim, acho que desastroso define bem — Max falou, sem emoção.

— Isso não significa que eu não me importasse ou não te amasse, Maxwell. Eu me importava. Ainda me importo! Muito. Mas eu não sabia cuidar de você. Eu tinha pensamentos horríveis sobre o Jackson, sobre me matar e matar você. Fiz a única coisa que poderia fazer... — Mais lágrimas desciam pelo seu rosto e seu nariz escorria.

— ... ir embora — ele completou. Essas palavras me destruíram e aumentaram o peso em meu peito.

Ela assentiu.

— Eu sabia que o Jackson tinha dinheiro, poder e uma rede de apoio. Ele iria cuidar de você até que eu colocasse a cabeça no lugar. Mas isso nunca aconteceu. E então, quando eu conheci o Michael, ele foi tão gentil e amoroso. Cuidou de mim. Me venerou. — Ela soluçou. — No início, nós dois éramos loucos e excêntricos, e eu gostava disso na gente. Éramos nós dois contra o mundo. Logo depois, em um dos meus momentos maníacos, nós nos casamos em uma capela em Las Vegas. Em pouco tempo eu engravidei da Mia. E, bem... vocês sabem o resto. — Ela fungou e secou as lágrimas.

— Por que você nunca mais procurou a gente? — Maddy perguntou, com a voz baixa e triste.

— Ah, querida, eu quis procurar. Todos os dias. Mas eu tinha medo. Medo do que vocês iriam dizer. Medo do que o Michael iria dizer. Medo de ir para a cadeia. E depois eu tive medo de perder o Kent. O único homem que percebeu que tinha alguma coisa errada e me conseguiu ajuda.

— Então você não sabia que a gente existia? — perguntei a Kent.

— Não. A Meryl desabou quando viu você no programa do dr. Hoffman. Então ela me contou tudo, toda a verdade. Eu entrei em contato com a produção. Contei a eles que era seu padrasto e que sabia onde a sua mãe estava, que ela estava desaparecida havia muito tempo e que eu queria reunir a família.

Suspirei, deixando todo o ar sair dos meus pulmões. Shandi filha da mãe. Nós poderíamos ter sabido dessa bomba bem antes. Eu não via a hora de colocar as mãos naquele pescoço fino.

— O que você espera que aconteça agora? — perguntei friamente, os olhos focados como um laser na mulher arrasada a minha frente. Infelizmente, o monstro dentro de mim não dava a mínima para o sofrimento dela. Nós três tínhamos sofrido por anos enquanto ela vivia nas montanhas, pintando alegremente a paisagem e passando os dias como artista e dona de casa sem responsabilidades. Mas ela tinha responsabilidades. E sempre se esquivou delas.

Ela passou a mão para cima e para baixo em sua coxa.

— Hum... eu realmente não pensei nisso. Estava mais preocupada em tirar esse peso que ficou no meu peito durante quinze anos. E eu juro que não tinha ideia a respeito da sua paternidade, Madison. Eu bebia muito naquela época. Para atenuar a dor. O Jackson ia até Las Vegas a negócios e muitas vezes tentou me levar de volta

para o Texas, mas eu não queria. Eu dizia para ele que estava casada. Ele gostava da Mia. — Ela sorriu suavemente para mim. — As visitas dele são um borrão de altos e baixos causado pelo álcool. Eu não me lembro de quase nada.

Maddy brincou com seu anel de noivado, girando-o no dedo.

— Mas eu deveria saber. Vendo vocês dois juntos... é incrível como vocês se parecem com o Jackson. Ele teria ficado tão orgulhoso de você, Madison.

Minha irmã assentiu e seus ombros tremeram. Max a puxou para seus braços, onde ela enterrou a cabeça e chorou.

Apontei o polegar em direção a eles.

— Está vendo isso?

Os olhos assustados de Meryl se arregalaram.

— Isso é o que você causou. Eu não tenho certeza de como podemos superar o que aconteceu... com todos nós.

Meryl umedeceu os lábios e, em seguida, mordeu o inferior.

— Eu entendo. Acho que a minha maior esperança é que a gente possa recomeçar. Eu sei que nunca vou ser a mãe que vocês queriam ou mereciam, mas eu sou sua mãe e gostaria de tentar conhecê-los. Se vocês permitirem.

Dei de ombros, sem saber como responder. Eu a odiei por tanto tempo e guardei tanto rancor pelo fato de ter nos abandonado que era bem difícil agora aceitar essas novas informações e apagar o passado. Eu entendia que ela tinha uma doença mental. Logicamente, eu entendia que muito do que ela havia feito não era sua culpa. Mas isso não mudava o fato de que eu tinha anos e anos de dor para superar antes de ser capaz de encontrar a compaixão dentro de mim para ter um relacionamento com ela novamente.

A voz de Max estava rouca e áspera como rochas raspando o concreto quando ele disse:

— Apesar de estar chateado, eu gostaria de tentar.

Meryl piscou e sorriu.

Claro que ele gostaria. Max era a personificação do homem de família. Isso era tudo para ele, que era rápido em perdoar e ainda mais rápido em amar. Esse era o seu maior dom e a sua falha mais vulnerável. Desejei ser mais parecida com ele.

— A minha mulher, Cyndi, e eu temos dois filhos. A Isabel tem quatro anos, e o Jackson, pouco mais de dois meses. Seria bom para eles conhecerem a avó.

Meryl levou as mãos aos lábios. As lágrimas começaram a cair novamente.

— Netos. Ah, meu Deus, Kent, nós temos netos! — ela exclamou, a felicidade revestindo cada palavra. O peito de Max inchou com orgulho óbvio.

Fechei os olhos, esperei e ouvi a resposta na voz trêmula de Maddy.

— Eu também. Eu gostaria de tentar. Mas vai ser difícil. Eu não conheço você. E, hum, o meu noivo e eu moramos em Las Vegas. A Mia mora em Malibu, e o Max, no Texas.

A voz de Meryl estremeceu com esperança quando respondeu:

— Tudo bem. Nós podemos começar com telefonemas e e-mails. Depois, talvez o Kent e eu possamos viajar. A minha galeria está indo bem. Eu tenho um dinheiro guardado que posso usar para isso.

Kent esfregou os ombros dela.

— Você quer encontrar os seus filhos e netos, Meryl, e eu não vejo problema em pegarmos um voo para isso. Temos todo o tempo do mundo para compensar, querida.

Argh. Eu não queria gostar daqueles dois. Kent estava provando ser um homem gentil, solidário e paciente. Ele seria um excelente avô para os filhos de Max.

Nesse momento, todos os olhos se voltaram para mim. Fechei os meus, não querendo ser julgada por meus sentimentos. Eu passara anos amando aquela mulher e, mais ainda, sentindo a falta dela... Depois, por fim, passara anos a odiando.

— Mia? — ela perguntou. — E você? Existe alguma parte sua que sente a minha falta e deseja que as coisas sejam diferentes? — Sua voz falhou e mais soluços vieram.

Minhas mãos estavam fechadas em punhos, as unhas enterradas na carne macia das minhas palmas.

— Eu senti a sua falta todos os dias, durante anos. Toda vez que um menino me magoava, eu sentia falta da minha mãe. Sempre que o meu pai esquecia de dar comida pra gente, eu sentia falta da minha mãe. Toda vez que o pops enchia a cara e apagava de tanto beber, eu sentia falta da minha mãe. Todos esses anos de sofrimento... Eu tive que cuidar do meu pai e ser a mãe e a irmã da Maddy. Por sua causa, eu roubei, fiquei sem comer mais vezes do que consigo contar e menti sobre a nossa vida para cada orientador escolar e cada médico que encontrávamos.

Meryl ofegou.

— Eu lamento tanto...

— Tenho certeza que sim. E eu lamento por ter precisado roubar quando não era nem uma adolescente. Lamento por ter precisado lavar a nossa roupa na pia com detergente quando tinha doze anos. Lamento que a minha irmã e eu nunca tenhamos tido um Natal de verdade, nem festas de aniversário, onde seríamos mimadas, como as mães de todos os nossos amigos faziam. Mas, acima de tudo, *mãe*

— pronunciei a palavra com os dentes cerrados —, eu lamento por não termos sido suficientes pra que você buscasse ajuda. Que o pops não tenha sido homem o suficiente para assumir a responsabilidade e te ajudar. Não só por vocês, mas por *nós* também. A Maddy e eu. Eu não posso nem começar a explicar a loucura que foi descobrir que eu tinha um irmão cinco anos mais velho que eu. Vinte e cinco anos, mãe! — grunhi. — Vinte e cinco anos que eu poderia ter tido o Max. Você faz alguma ideia de como teria sido a nossa vida se a gente soubesse que ele existia? Ele agora é tudo pra gente! E você... *você* o afastou da gente. Com doença mental ou não. Você sabia que tinha um filho e não falou uma palavra sobre isso. Só por isso, eu não sei se posso te perdoar, se tenho espaço no meu coração agora. Talvez no futuro, mas, definitivamente, hoje não.

Com isso, fiquei de pé. Meu corpo inteiro estava tremendo.

— Vou esperar no carro — falei para Max, que já estava de pé com Maddy, provavelmente planejando me segurar para que eu não batesse nela de novo. E eu queria. Ah, como queria, mas isso não aliviaria a dor no meu coração. Não fecharia o buraco que ela tinha causado durante todos aqueles anos. Só o tempo iria curar essas feridas.

— Me desculpe! — Meryl se lamentou atrás de mim.

Eu não me virei. Em vez disso, tampei as rachaduras ao redor do meu coração que haviam sido abertas ao ver minha mãe. Calafetei e vedei com concreto, lambuzei com gesso e passei os braços em volta do peito em uma gaiola de proteção. Ela não quebraria esse muro. Ainda não.

Em última análise, independentemente da sua doença ou transtorno, eu precisava que ela se preocupasse mais comigo do que consigo mesma. Eu imaginava que um problema grave como o dela fosse difícil, mas precisava de pessoas solidárias no meu mundo, pessoas que se preocupassem umas com as outras. Naquele momento, eu não tinha espaço para ajudar a juntar os cacos do meu passado com uma mulher que não tinha feito nada além de me deixar para trás.

Meu corpo tremia enquanto eu caminhava pelo chalé em direção ao quarto. Quando cheguei lá, tirei toda a roupa, exceto a regata e a calcinha boxer. Afastei o edredom grosso e deitei na cama. Agarrando o travesseiro de Wes, afundei o rosto

em seu perfume. Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, um corpo quente se colou ao meu e um braço pesado envolveu meu peito.

— Quer conversar? — Wes perguntou.

Levantei sua mão, levei seus dedos aos lábios e beijei cada uma das juntas.

— Na verdade, não.

— Quer transar? — ele perguntou, com uma pitada de humor. O velho Wes voltava cada dia com mais força. Eu estava mais que grata por esse milagre médico e mental.

Deixei escapar um suspiro relaxado.

— Na verdade, não.

Ele esfregou o nariz quente no meu pescoço.

— Essa vai ser a sua resposta pra tudo hoje?

Dei de ombros.

— Talvez.

— Linda, você precisa falar sobre isso. Me dizer o que está se passando nessa sua cabeça bonita. — Para ilustrar, ele começou a massagear meu couro cabeludo.

A massagem era divina e exatamente o que eu precisava para ajudar a aliviar um pouco do estresse depois de ter visto Meryl.

— Eu sou uma má pessoa — finalmente admiti.

Seus dedos pararam momentaneamente e depois voltaram a se movimentar.

— Não é, não. Me diz quem colocou essa ideia na sua cabeça pra que eu possa socar essa pessoa.

Eu ri. Tão protetor.

— Bom, não precisa ir muito longe, porque essa pessoa sou eu.

Ele passou os dedos ao longo de todo o comprimento do meu cabelo, afastando-o do meu ombro.

— Certo, então me explique por que a mulher que eu amo, adoro e venero pensa tão mal de si mesma.

Deus, como eu o amava. Mesmo em momentos como esse, quando eu queria me esconder e me isolar de qualquer interação pessoal, ele era o único que podia fazer isso passar. No caminho de volta para o chalé, Maddy e Max tinham tentado conversar comigo, descobrir o que eu estava sentindo, mas eu os afastei. Na verdade, fui meio cruel com eles, pedindo que me deixassem em paz com meus problemas e parassem de encher o saco. Não foi um dos meus momentos de maior orgulho.

Beijei seus dedos de novo, descansando os lábios no calor familiar de sua pele.

— O Max e a Maddy estão dispostos a permitir que a Meryl se aproxime.

— E isso faz de você uma má pessoa porque...

— Porque eu não estou disposta a isso. Ainda estou com raiva. Ainda mais chateada do que antes. Ok, eu entendo que ela nem sempre teve controle sobre a própria mente, mas e nos momentos em que ela estava bem? E quando estava lúcida? Ela poderia ter estendido a mão, ligado pra gente, procurado os filhos. Poderia ter se divorciado do meu pai, pra ele poder seguir em frente. O sumiço dela deixou um buraco gigantesco na família Saunders, que nunca pôde ser preenchido. E, pior: eu não sei se ela está preocupada com isso. Nós só conversamos sobre o fato de que fomos abandonados por causa da doença dela, mas é bem mais que isso.

— Ficar com raiva é normal. Baby, até eu estou com raiva por você. Mas em algum momento a raiva vai diminuir, e então, quem sabe?

— E o fato de ela nunca ter contado pra gente sobre o Maxwell? Na minha opinião, isso é imperdoável. Se Jackson Cunningham não tivesse colocado o meu nome no testamento, eu jamais conheceria o Max. Não teria havido nenhuma reunião de família feliz, nada de sobrinha e sobrinho. Nenhum rancho no Texas pra ser a nossa segunda casa.

Wes gemeu no meu pescoço e me beijou.

— Eu te entendo. Você está certa. Acho que ela poderia ter encontrado uma maneira de esclarecer esse assunto. Aliás, se ela está medicada desde que conheceu o Kent, isso significa que ela esteve lúcida durante quase todos os anos em que ficou desaparecida. Por que ela não entrou em contato?

Naquele momento, contei a Wes que ela tinha sido presa por dirigir bêbada e acusada de negligência infantil. Mas quer saber? Praticou um crime, cumpra a pena. A probabilidade de o estado de Nevada prender uma mulher diagnosticada com transtorno bipolar logo após o incidente acontecer era quase nula. Além disso, eu sabia que muitas pessoas detidas por dirigir embriagadas nunca tinham sido presas. Claro que ter colocado duas crianças no banco de trás e assumir a responsabilidade pelo risco provavelmente a faria ficar afastada das filhas durante um tempo, mas nós saberíamos onde ela estava. Saberíamos sobre o Max. O pops não teria se tornado um bêbado. Pelo menos havia uma possibilidade de ser assim.

— Olha, Mia, você não pode se culpar por se sentir assim. Você foi a mais afetada pelo abandono. É claro que precisa de um tempo pra filtrar essas informações na sua cabeça dura. — Ele esfregou meu couro cabeludo de novo e eu gemi. — Dê um tempo pra você mesma. É muita coisa acontecendo. Todos nós enfrentamos muita coisa nos últimos meses.

Assenti, me virei e apoiei a cabeça em seu peito, vestido com uma camiseta. Ele

cheirava a cola e biscoito. Inspirei mais fundo.

— Por que você está cheirando como uma criança de cinco anos no jardim de infância?

Ele sorriu.

— A Cyndi, o Matt e eu estávamos fazendo enfeites caseiros com a Isabel. Você estaria interessada em fazer o seu primeiro enfeite para a nossa árvore? — Ele sorriu e eu me inclinei o suficiente para beijar aquele sorriso. O beijo se aprofundou por um momento, então eu me afastei.

— Criar memórias? — Levantei uma sobrancelha.

Ele sorriu e concordou.

— É melhor você acreditar. Só as melhores.

— Você faz chocolate quente pra mim? — Fiz beicinho. Wes não conseguia negar nada quando eu fazia beicinho.

Recentemente ele havia descoberto que eu gostava de chocolate quente com marshmallow. Encontrei uma caixa no armário quando fiz o café, de manhã.

— Eu faço qualquer coisa que coloque um sorriso de volta no seu rosto e o espírito de Natal de volta no seu coração.

— Eu te amo. Você sabe disso, né?

Ele afastou uma mecha do meu cabelo.

— Eu não tenho certeza se conseguiria lidar com tudo isso sem o seu apoio. Você torna tudo mais fácil. Eu posso conquistar o mundo se você estiver ao meu lado — admiti.

Ele beijou a ponta do meu nariz.

— É assim que deve ser. Você acha que não me salvou quando eu cheguei da Indonésia? — Seus olhos assumiram um tom verde-escuro, estreitando-se em pontos de foco. — Meu Deus, Mia. Eu teria ficado louco se não tivesse você. As coisas que eu te fiz. O que você me deixou fazer... Você me trouxe de volta à vida. Eu devo tudo a você.

— Você não me deve nada. Lembre-se: eu dou, você dá. Enquanto nós estivermos juntos, sempre vamos ter o que precisarmos. — Sorri e esfreguei o nariz no dele. — Agora, eu só preciso de uma xícara gigante de chocolate quente, meias e música natalinas, a risada de uma criança e a minha família. Preparado pra me dar tudo isso? — desafiei.

Wes se moveu rápido, me levantou e me colocou sentada na beira da cama. Foi até o armário, pegou uma legging e a jogou para mim. Em seguida abriu a gaveta e tirou um par de meias verdes com bolinhas vermelhas e brancas que iam até os

joelhos. Os dedos eram marrons. No alto havia um par de olhos negros e, no tornozelo, uma grande bola vermelha brilhante. Não era o tipo de meia que se pode usar com sapato, mas era muito divertida. Ginelle tinha comprado para mim, recomendando: "Pra você pirar com o Rudolph".

Wes me ajudou a calçar as meias e vestiu uma de suas camisetas térmicas de manga comprida por cima da minha regata.

— Deliciosa — ele murmurou.

Dei risada, olhando para minha aparência. Eu não sabia como ele podia amar alguém tão pateta, mas com certeza estava grata. Ele me segurou pela mão e nós saímos do quarto, em direção à sala de estar.

Maddy estava abraçada a Matt no sofá, olhando para o fogo. Cyndi brincava com o bebê, fazendo barulhinhos para ele. Isabel estava concentrada em fazer outro enfeite enquanto Max a ajudava. Todos os olhos se voltaram para mim quando entramos na sala.

Era a hora da verdade. Eu precisava ficar ao lado de todas aquelas pessoas que me amavam, e esperava que a reação delas não fosse mais do que eu poderia aguentar.

— Muito bem. Estou cansada de ficar deprimida. Ainda estou brava com a nossa mãe. Não estou pronta para lidar com ela na minha vida todos os dias, mas preciso muito de todos vocês. Então, se vocês puderem perdoar minha manha e minha falta de educação, eu peço desculpas e espero que vocês possam esquecer tudo isso.

Max sorriu.

— Ei, mana. Quer fazer um enfeite? A Bell escolheu um especialmente para a tia Mia.

Olhei para Maddy e ela abriu um sorriso enorme.

— A menina mais linda do mundo — eu disse, engasgando de orgulho com quanto eu a amava, e a Max, por seguirem em frente como se nada tivesse acontecido.

— Mas só quando sorri! — Isabel gritou da mesa. — Eu sei essa. O papai fala pra mim!

Fui até ela, me inclinei e beijei o alto da cabecinha loira.

— Ele fala? — confirmei, capturando o olhar de Max.

— Sim. Aprendi com uma mulher muito sábia que eu conheço — ele admitiu.

Saber que o meu irmão estava pegando coisas minhas e compartilhando com a filha aqueceu meu coração de todas as maneiras.

Em pouco tempo, a música de Natal começou e nós estávamos cantando. Momentos depois, uma enorme caneca fumegante de chocolate foi colocada à minha frente.

— Para a minha rainha — Wes piscou.

— Ah, rainhas! — Isabel gritou. — Eu tenho uma coroa pra você decorar, tia. Aqui, esta é pra você, esta é pra Maddy e esta é pra mamãe. Todas nós podemos ser rainhas e princesas no Natal! — Ela guinchou e riu ao mesmo tempo.

Sorri e peguei a pequena coroa de espuma. Espalhadas em volta da minha sobrinha, havia canetas com glitter, cola, pedrinhas e afins. Tudo de que um verdadeiro artesão precisa para conseguir elogios pelo Natal caseiro. A menina estava no paraíso do artesanato. Eu, por outro lado, não tinha ideia do que deveria fazer primeiro. Então, me sentei ao lado dela e a criança de quatro anos me ensinou a fazer um enfeite.

Apesar das questões a respeito da minha mãe, esse já estava se provando o melhor Natal de todos, mas ficaria ainda melhor quando a família de Wes chegasse no dia seguinte, véspera de Natal. Tínhamos planejado um banquete. Cyndi ia assar o peru com recheio caseiro, enquanto eu planejava seguir a vida sem a lembrança nojenta de colocar as mãos em uma carcaça morta. Embora eu adorasse o sabor, a ideia me dava calafrios. Entretanto, eu ia preparar uma torta ou alguma outra coisa com Maddy. Nós duas juntas podíamos assar quase qualquer coisa.

Um dom que talvez tenhamos herdado de uma bailarina que dançava num piso forrado de farinha.

Essa era provavelmente a única característica que a mulher que nos deu à luz me transmitira. Eu podia me parecer fisicamente com minha mãe, mas era bem diferente dela. Eu jamais seria uma mulher com quem não se pode contar, não importava quais fossem as circunstâncias.

9



— Bate o sino do Batman menino, o Robin quer também. O Batmóvel perdeu a roda e o Coringa foi embora, hey! — Isabel gritou a plenos pulmões enquanto batia em todas as portas pelo corredor.

Eu gemi, girei e me sentei.

— Nós nunca vamos ter filhos.

Wes riu, me puxou pela cintura e se aconchegou em minhas costas. Ele estava deliciosamente quente. Senti-o cutucar minha bunda com uma ereção matinal considerável.

Com um sorriso maligno, deslizei para longe e saí da cama.

— De jeito nenhum! Nã-não! Vamos guardar isso para amanhã à noite. Vou vestir uma roupa especial pra você no Natal.

— E por que isso significa que nós não podemos transar agora? — Suas sobrancelhas se uniram.

Fui até o armário e peguei as roupas que usaria hoje. Um jeans skinny escuro, botas Ugg peludas caramelo e um suéter creme com decote V. Simples, mas bonito o suficiente para encontrar meus futuros sogros e comemorar o feriado com eles.

Suspirei.

— Porque eu quero esperar. Agora vamos, levanta. Vamos tomar banho e ajudar na cozinha. A sua família vai estar aqui em poucas horas, e eu quero que a casa esteja perfeita.

Wes tropeçou ao sair da cama. Tudo o que vi foi uma boxer bordô e um pau duro. Caramba, ele era realmente sexy.

Quando me pegou olhando para ele e umedecendo os lábios, envolveu o pau e as bolas com a mão através da cueca. Tenho certeza de que, nesse momento, um fio de baba escorreu pelo meu queixo.

— Rapidinha no chuveiro? — ele perguntou, puxando minha camiseta sobre a cabeça.

Engoli em seco ruidosamente.

— Ah, sim. Rapidinha no chuveiro — cedi.

Ele riu e me empurrou para dentro do boxe.



Música de Natal. *Ok*.

Decoração. *Ok*.

Guloseimas na mesa. *Ok*.

Tortas esfriando. *Ok*.

— Como estão o peru e o resto das coisas? — perguntei a Cyndi enquanto ela esguichava algum tipo de caldo na ave dourada.

— Tudo nos conformes. Deve ficar pronto em umas duas horas. Vamos fazer a caçarola de batata, a caçarola de vagem e os pãezinhos mais perto da hora de comer.

Olhei para a árvore e arrumei alguns enfeites, querendo deixar tudo perfeito.

— Linda, relaxa. A minha mãe vai adorar — Wes falou, me pegando no ato do TOC. Um traço de personalidade que não era característico meu.

Bom, eu esperava que Wes tivesse razão. Claire Channing podia ser rica, uma socialite da alta roda, mas também era uma mãe *de verdade*. Ela havia criado os filhos com valores e ética. Claire também cozinhava muito bem, razão pela qual Cyndi estava fazendo a maior parte dos pratos, e não eu. Embora eu planejasse conquistá-la com minhas incríveis sobremesas.

— Eu só quero que tudo esteja perfeito — eu disse, num tom abafado.

Wes me abraçou por trás e descansou o queixo no meu ombro. Nós dois olhamos para a árvore. Tive que dar o braço a torcer. Ela brilhava como se tivesse saído das páginas de uma revista de decoração. Pelo menos eu pensava assim. Era a combinação ideal de enfeites caseiros e daqueles bonitos e tradicionais que a família Channing possuía havia anos.

— Mia, *está* perfeito. A única coisa com que a minha mãe se preocupa é estar com a família no Natal. Tudo isso — ele apontou para a árvore, a decoração, os presentes que eu tinha arrumado cuidadosamente — é um bônus.

Inspirei e expirei lentamente.

— Se você diz... Eu só quero que ela saiba que eu sou capaz de cuidar bem de você. Que o nosso Natal vai ter um clima familiar maravilhoso.

Ele riu em meu ombro e beijou meu pescoço.

— E vai mesmo. Você fez um trabalho incrível. — Segurei seus braços e, em seguida, o apertei ao ouvir a porta se abrir, seguido por passos no hall de entrada. — Eles chegaram. — Wes sorriu e deu um beijo no meu pescoço antes de perseguir um foguetinho loiro pelo corredor para cumprimentar sua família.

Esperei alguns minutos, ajustando os enfeites da mesa de centro uma última vez, conforme todos eles entravam.

Weston Channing Segundo apareceu primeiro, os braços abertos quando me puxou para um enorme abraço de urso.

— Mia, feliz Natal. Onde está a bebida? Vamos precisar depois dessa aterrisagem. Juro por Deus, o piloto deve ter tirado o brevê por correspondência, a julgar pela maneira como manobrou na turbulência. Miserável.

Max levantou uma garrafa de vinho e uma cerveja.

— Está na mão, sr. Channing — falou.

— Essa é a minha deixa — Weston Segundo disse, depois de beijar meu rosto e sair para encontrar meu irmão. Não havia necessidade de fazer as apresentações. Max podia se virar sozinho.

Claire entrou na sala, empurrando o cabelo loiro-claro para trás.

— Mia, que bom ver você. — Ela se aproximou e me abraçou. O cabelo dela estava frio em meu nariz, e eu inspirei seu cheiro familiar de pêssego, damasco, rosa e musk. Quando se afastou, seus olhos estavam arregalados. Lentamente, ela caminhou pela sala. Seus dedos delicados tocaram um laço brilhante, acariciaram a guirlanda acima da lareira, até que ela parou abruptamente na frente da árvore, pegando um enfeite caseiro. — Incrível. O chalé não ficava assim, tão alegre, há anos. Onde você arranjou tempo para fazer tudo isso? — ela perguntou.

A tensão que eu estava sentindo aumentou e entrou em erupção quando contei a ela que Wes tinha me levado para cortar minha primeira árvore.

— Sua primeira árvore de Natal? Não acredito.

Mordi o lábio e desviei o olhar, sem saber como lidar com minha criação fajuta. Maddy se aproximou, passou o braço ao redor do meu ombro e estendeu a outra mão.

— A nossa família não ligava para o Natal, mas nós duas ligamos. Eu sou a Madison, irmã da Mia. Ouvi tantas coisas maravilhosas sobre você, sra. Channing.

Madison Saunders, sua amiga, vai salvá-la do perigo! A velha música do *Super*

Mouse soou em minha mente. Apertei a cintura da minha irmã, agradecendo-lhe em silêncio pela mudança de assunto. Eu não gostava de falar sobre o que não tivemos na infância, especialmente com alguém que sempre teve tudo. Isso me fazia sentir diminuída, embora eu soubesse que não deveria. Eu nunca tive escolha.

Claire e Maddy trocaram algumas palavras, até minha sogra olhar mais de perto para a prateleira acima da lareira. Ela tocou os castiçais de prata com a ponta dos dedos.

— Meu Deus, era aqui que eles estavam! — Ela ofegou. — Weston, lembra desses castiçais? — falou, alto o suficiente para o grandalhão ouvir.

Ele veio para o lado da esposa e colocou o braço em volta da sua cintura.

— Presente de casamento dos meus pais. Eu me perguntava por que nunca mais os tinha visto. Agora me lembro. Nós os trouxemos pra cá para celebrar o nosso primeiro Natal com as crianças, lembra?

Ela levou a mão à testa.

— Ah, querido, agora me lembro. Passamos anos procurando e eles estavam aqui o tempo todo.

— Eu encontrei esses castiçais com alguns outros enfeites numa caixa de torradeira. — Sorri.

— Bem, isso explica tudo. — Ela revirou os olhos e encarou o marido. — Quem poderia imaginar que castiçais inestimáveis estariam em uma velha caixa de torradeira? — Riu e bateu no ombro dele, claramente o culpando pelo contratempo.

— Você acha que fui eu que fiz isso? — ele riu, a culpa nítida em seu tom.

— Quem mais? As crianças eram bebês. — Ela balançou a cabeça e olhou para os objetos decorativos. — Independentemente de como aconteceu, estamos muito felizes por você ter encontrado esses castiçais.

— Eu acho que eles deviam ficar expostos o ano todo. Se são tão importantes para vocês, fazem vocês se lembrarem de um dia ou de pessoas especiais, por que não enfeitar a casa com eles o tempo todo? — Dei de ombros, seguido por uma sensação instantânea de calor que deslizou pela minha coluna quando percebi o que havia dito. Merda. Mia sem filtro, a seu dispor. — Quer dizer... hum, se vocês quiserem.

Fechei os olhos e senti o rubor invadir meu peito, pescoço e bochechas.

— Você tem toda razão. Quando nós formos embora, vamos levar os castiçais e colocá-los em cima da lareira em casa, Weston.

— Como você quiser, querida. — Ele beijou sua testa.

Ufa! O tiro desviou.

Claire se virou e entrelaçou o braço no meu.

— Você é uma moça muito inteligente. Agora, será que essa moça esperta pode conseguir uma taça de vinho para esta velha aqui? O voo foi um pesadelo absoluto. — Ela fez uma careta. Até sua carranca era refinada e bonita. Provavelmente porque era de brincadeira e não durou muito.

Wes estava certo. Eu tinha me preocupado em impressioná-los, o que consegui, mas não foi isso que eles vieram procurar aqui. Eles queriam conhecer nossa família, tanto quanto nós queríamos nos conectar com a deles.



Duas horas e algumas taças de vinho mais tarde, o jantar foi servido. Cyndi e Max se superaram. Um prato estava melhor que o outro. O peru estava suculento, e o molho, sublime. Tenho certeza de que comi meu peso em peru recheado.

A mesa estava alegre e animada. Exatamente do jeito que eu queria. Eu me sentei entre Maddy e Wes. Juntos, vivemos a magia de estar com os entes queridos.

— Temos uma família agora, Mads — sussurrei para ela.

Sua voz soou baixinha quando ela se inclinou para mim.

— Eu nunca pensei que teríamos algo tão bonito. Nunca vou esquecer.

Apertei sua mão.

— Nem eu.

— Ei, o que vocês duas estão cochichando aí? — Wes perguntou, brincando.

Balancei a cabeça.

— Nada. Só estamos adorando a noite.

Ele se inclinou e roçou os lábios nos meus. Cada beijo de Wes queria dizer alguma coisa. Este, porém, foi o melhor. Porque foi durante a ceia de Natal, com nossas famílias reunidas pela primeira vez.

Peter, o marido de Jeananna, pigarreou alto e ficou de pé, segurando sua taça de vinho, então bateu gentilmente com a faca no cristal.

Todos os olhares se voltaram para ele, que colocou a taça sobre a mesa e a mão no ombro de Jeananna.

— Nós queremos fazer um anúncio.

Os olhos de Claire imediatamente se encheram de lágrimas. Jeananna abriu um sorriso tão grande que deu para ver sua gengiva.

— Vá em frente — sugeriu ao marido, com a voz embargada, enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto.

— Nós estamos esperando um bebê! — Peter disse.

Antes de a palavra "bebê" ser totalmente pronunciada, Wes e Claire se levantaram e correram até o outro lado da mesa.

— Que legal! — Maddy falou, erguendo o champanhe. Encostei a taça na dela e nós duas bebemos.

— Parabéns, pessoal. Isso é incrível! — eu disse.

Wes abraçou a irmã e a levantou do chão.

— A Mia e eu estamos muito felizes por você.

Naquele momento, percebi todo o significado do "Mia e eu". Nós não estávamos apenas juntos. Éramos parte de um *nós*, uma equipe. Assim que nos casássemos, na próxima semana, seríamos referenciados como "os Channing". Eu nunca tinha sido parte de algo assim. E precisava admitir, enquanto observava Wes abraçar sua família e acariciar a barriga, ainda lisa, da irmã, que ser parte de algo maior, uma família amorosa, realmente era o que importava. Eu entendia agora.

Na véspera de Natal, estar com Max e sua família, Maddy com o noivo e a família de Wes, me abriu os olhos. Eu já não estava nadando em uma lagoa pequena com apenas duas pessoas para alcançar. Agora eu estava num oceano de possibilidades, e todos ao meu redor estavam dispostos a dar uma mão ou jogar uma boia salva-vidas quando as águas ficassem muito difíceis de atravessar.

Eu estava feliz. Verdadeira, maravilhosa e absolutamente feliz.



Na manhã seguinte, todos nos sentamos ao redor da árvore de Natal, vendo Isabel enlouquecer com a montanha de presentes que o Papai Noel tinha trazido. Isso para não falar daqueles que Maddy e eu havíamos comprado para ela, assim como Claire e Jeananna. Elas estavam loucas para ter um pretexto para comprar presentes para uma garotinha, e mergulharam nisso de cabeça.

— Ainda bem que você tem um avião particular, Max. — Eu ri, vendo Isabel abrir mais uma parafernália da Barbie e gritar de alegria, do mesmo jeito que fez com cada presente.

Max soltou um longo suspiro.

— Mana, você tem razão. Vamos lotar o compartimento de bagagens só com os presentes dela.

Em seguida, fomos surpreendidos por um grito alto.

— Papai! Eu ganhei uma coroa de verdade, que nem a da princesa! — Isabel correu e exibiu seu mais novo presente.

— Uau, é muito bonita, Bell. — Os olhos de Max se estreitaram. — Espere um minuto, me deixe ver isso. — Ele pegou o objeto. Era uma tiara, não uma coroa, mas isso não fazia diferença para uma criança de quatro anos. Max a estudou à luz das janelas. — Quem te deu isso, meu amor?

Balancei a cabeça, porque eu tinha dado as coisas barulhentas da banda de rock da Barbie. Maddy apontou para o cavalete de pintura e as aquarelas. Claire indicou um presente ainda fechado, assim como Jeananna.

— Me deixe ver, lindinha — eu disse, e ela me entregou a tiara, dando pulinhos em seu macacão de dormir.

A tiara era incrustada de cristais. Olhei para o interior e notei a marca. Swarovski. Puta merda. Eram cristais *verdadeiros*. Mulheres ricas usam tiaras desse tipo em casamentos ou em bailes à fantasia; não era uma daquelas de mentira que se encontram na área de fantasias infantis de lojas de departamentos.

— De quem era o nome no pacote, meu amor? — perguntei.

Isabel deu de ombros e colocou a tiara na cabeça, os dentes de metal afundando em seus cachos. Ela levou as mãos ao peito e girou, como só uma princesa de verdade pode fazer. Se ela estivesse usando um vestido de baile, eu mesma teria acreditado.

Wes se sentou no braço do sofá e me entregou uma xícara de café. Ele estava delicioso de calça de flanela xadrez e camisa térmica branca. Se eu não o tivesse devorado na noite passada, estaria babando agora. A pontada de dor entre minhas pernas me fez lembrar da força com que ele me tomou, mas isso não mudava nada em meus planos. Ele podia ter conseguido me fazer desistir de tentar banir o sexo até esta noite, mas hoje eu sairia vencedora.

— Estou vendo que você encontrou o meu presente. Ficou linda em você, Bell — ele disse para nossa sobrinha.

Max e eu olhamos feio para Wes. Maddy riu e balançou a cabeça. Claire sorriu docemente.

— Que foi? — Wes perguntou, absolutamente alheio ao choque que seu presente ridiculamente caro tinha causado.

— Você comprou uma tiara de cristal Swarovski *original* para uma menina de

quatro anos? — perguntei.

Ele olhou de um lado para o outro. Ninguém falou nada.

— Bom, sim... Ela adora ser princesa. E uma princesa de verdade precisa de uma coroa apropriada. As das lojas de brinquedos eram medonhas. Dava até pra ver a cola. Já essa — ele apontou para a tiara brilhante da Bell —, o joalheiro me garantiu que não desmonta. Foi feita pelo artesão mestre.

— Você não tem jeito. — Eu ri e balancei a cabeça. Podia apostar que a coroa custava mais do que uma passagem de ida e volta para a Europa.

Ele deu de ombros, não concordando muito.

— Olha pra Bell. Ela adorou. Você só está com inveja porque o meu presente é mais legal que o seu.

Dei um tapinha na coxa dele.

— Isso mesmo, baby. Eu estou com inveja — falei, em tom apaziguador.

Wes sorriu, ficou de joelhos e remexeu entre os presentes. Encontrou o restante do que havia comprado e passou um para cada pessoa. Achei que os presentes que eu comprei fossem de nós dois, mas aparentemente não. Ele resolveu fazer suas próprias compras. *Anotação mental: discutir as compras de Natal com o marido no próximo ano, para não comprarmos dois presentes para a mesma pessoa*.

— Não fique com ciúme. Eu comprei uma coisa brilhante pra você também.

Levantei a mão direita, mostrando meu anel de noivado.

— Eu já tenho uma coisa brilhante.

— Esse aí não foi presente de Natal. Vamos, abra.

A caixinha estava embrulhada em papel vermelho e dourado. Eu o rasguei e encontrei um estojo de joia. Olhei para Wes e franzi a testa. Ele sabia que eu não sou o tipo de garota que espera um monte de joias, nem as deseja.

— Confie em mim. — Ele traçou a lateral do meu rosto com o dedo e ajeitou meu cabelo atrás da orelha, como sempre fazia.

Dentro do estojo havia um colar com um coração de platina. O pingente não era completamente reto, mas inclinado nas bordas. O centro era vazado, de modo que a pele ou a roupa ficava visível. A peça era deslumbrante.

— Vire e leia o que está escrito. — Seu joelho balançava para cima e para baixo, por animação ou nervosismo. Eu me atreveria a apostar que era animação.

Você é a dona do meu coração.

A frase fluía ao longo da linha fina do coração. Simples, mas com um significado muito profundo. Engoli em seco, e meu coração de verdade ficou apertado.

— Gostou? — ele perguntou.

Fechei os olhos e tentei não chorar. Eu não queria que o restante da família me visse em lágrimas, toda sentimental. Em vez disso, me levantei, segurei suas bochechas e grudei a boca na dele. Por alguns minutos, nós nos beijamos na frente de uma sala cheia de gente. Nossa família. E foi bom para eles irem se acostumando, porque Wes e eu ainda iríamos fazer muitas demonstrações públicas de afeto. Em momentos como aquele, eu não era capaz de me segurar.

— Guardem isso para o casamento! — Max gemeu, alto o suficiente para me lembrar de onde eu estava.

Eu me afastei. Os olhos de Wes estavam num tom de verde brilhante.

— Ela gostou — ele sussurrou.

Tentando controlar as emoções, pedi ajuda a Isabel para encontrar, entre o monte de embrulhos, o presente de Wes.

Entreguei a ele a caixa um pouco maior do que a que tinha me dado. Ele sorriu e rasgou o papel da mesma forma que Isabel fizera. Isso me esclareceu algo mais sobre aquele homem: ele adorava ganhar presentes. Tomei nota disso para referência futura, já que planejava mimá-lo absurdamente em seu aniversário, se isso lhe proporcionasse aquele nível de alegria.

Ele abriu a caixa e encontrou um relógio banhado a ouro branco com pulseira marrom grossa.

— Mia, que incrível. Vou usar muito! — ele falou, entusiasmado.

— Vire — ordenei.

Na parte de trás, em uma letra caprichada, havia três linhas de texto.

Porque você se lembrou de mim...
Eu sou sua.
Mia

Ele engoliu tão lentamente que eu não tinha certeza de como interpretá-lo.

— Só ganhei um presente até hoje que considero melhor do que este. — Ele inspirou e levantou a cabeça. Seus olhos estavam suaves e cheios de alegria. — O presente do seu amor.

Sorri e o beijei novamente.



Muito mais tarde naquela noite, abri a porta do banheiro, vestindo o último presente de Natal de Wes. Meus seios estavam envoltos num sutiã meia-taça de veludo vermelho com bordas brancas e felpudas. A parte de baixo era uma saia minúscula com pelinhos brancos que não cobriam minha bunda completamente. Enfiei as pernas em uma meia-calça sete-oitavos vermelha e calcei sapatos pretos envernizados de salto agulha. Não eram sapatos para caminhar, e sim para trepar. Meu cabelo era um aglomerado de cachos negros caindo pelas costas, chegando quase até a lombar. Para completar o visual, eu havia colocado um gorro de Papai Noel.

Encostei na porta do banheiro, a luz atrás de mim brilhando sobre a cama. Wes estava deitado ali, completamente nu, com o pau já duro e úmido.

Porra! Eu queria lamber aquela ereção da base à ponta. Levá-la fundo dentro de mim e mostrar quanto o dia de hoje tinha significado para mim. Quanto ele havia mudado minha vida para melhor. Fazê-lo *sentir* isso com cada impulso, cada beijo, cada toque, do mesmo jeito que eu o sentia até a medula.

Tentando me manter sã, arqueei as costas de um jeito provocante.

— Você foi um menino bonzinho ou levado este ano? — baixei a voz, me certificando de que ele ouvisse o desejo em cada palavra.

Ele ofegou ao me ver.

— Puta merda...

— Hummmm... se comportou mal, então? — sorri, maliciosa.

Ele estendeu os braços e cerrou os punhos, como se não conseguisse se conter.

— Os dois! Agora venha aqui que eu quero desembrulhar o meu presente — ele grunhiu enquanto acariciava seu pau grosso. Eu queria ficar de joelhos e engatinhar até ele, então fiz exatamente isso. Ele perdeu a cabeça... e eu perdi a minha.

No fim das contas, meu namorado era definitivamente levado, mas, ah... tão bom.

10



Minha querida Mia,

Desculpe-me por não ter atendido suas ligações no último mês. Não quero que os meus problemas afetem mais a sua vida do que já afetaram.

Eu sou um homem destruído, Mia. Eu sabia que tinha problemas com a bebida. Entendia que o caminho que estava seguindo não era saudável e poderia acabar me matando. Nesta mesma época, no ano passado, eu não me importava com nada. Já tinha perdido a sua mãe. E perdi vocês, minhas meninas, ao afastá-las de mim. Acabar com tudo teria sido simples. Eu sei agora que esse era o caminho mais fácil.

Você e a Madison nunca deveriam ter tido que enfrentar o que eu as fiz passar. A ideia de ver você trabalhando para a Millie para me salvar e pagar a minha dívida me dá arrepios. Nunca mais quero ser esse tipo de peso para você ou para sua irmã. Então, por enquanto, vou tirar um tempo para descobrir o que eu preciso fazer. Como eu posso mudar, se é que ainda posso.

Entro em contato quando descobrir. Viva para você agora. Não se preocupe comigo. Eu pediria que você ficasse de olho na sua irmã, mas seria um pedido idiota. Você tem sido uma família melhor para ela do que eu e a sua mãe jamais fomos.

Espero que este homem e a sua vida na Califórnia a façam feliz, Mia. Isso é o que eu quero para você. Felicidade. Você, mais que qualquer outra pessoa, merece um final feliz.

Eu te amo mais do que você pode imaginar.

Seu pops

Lágrimas escorriam pelo meu rosto enquanto eu relia a carta, recebida alguns dias antes. Sentimentos conflitantes inundavam minha mente, provocando muita confusão. Como eu poderia desligar isso? Depois de anos cuidando do pops, eu deveria simplesmente parar de me importar? Esquecer que tinha um pai?

Talvez fosse essa a ideia. Definitivamente, foi o que ele afirmou em sua carta. Que eu vivesse a minha vida. Que seguisse em frente sem me preocupar com ele. Da última vez que fiz isso, o homem acabou com uma dívida de um milhão de dólares, e eu tive que ir para a agência da tia Millie vender minha companhia pelo maior lance. Eu não era mais aquela garota. Não poderia ser, nunca mais.

No dia seguinte eu me casaria com Weston Charles Channing Terceiro. Não deixaria de ser Mia Saunders, mas seria uma mulher casada. Uma pessoa melhor, porque teria a força do amor de Wes a meu lado em todas as situações. E ele me ajudaria a lidar com meu pai no futuro.

Quanto mais eu pensava nas palavras dele, mais irritada ficava. Como ele ousava pedir que eu me afastasse? Aliás, a carta chegava a ser cômica, mas também era apropriada, já que eu tinha usado esse mesmo *modus operandi* com a maioria dos meus clientes. Acho que herdei essa característica passiva do meu querido papai.

Isso ainda me incomodava. Eu ia me casar no dia seguinte. Sabia que viajar seria difícil para o meu pai, mas esperava que ele fizesse um esforço. Wes ia mandar um avião particular buscá-lo e pagaria as enfermeiras para virem com ele, apenas para que eu pudesse ter meu pai no meu casamento. Seria um dia único na minha vida, em que eu precisava que ele estivesse presente. Precisava que ele se importasse mais comigo do que consigo mesmo. Queria que ele vivesse por mim pelo menos um dia em toda a minha existência, mas ele não podia fazer isso. Ele sabia que eu ia me casar em 1º de janeiro. Nós tínhamos discutido o fato de que ele talvez não estivesse pronto para viajar tão cedo depois de ter tido alta no hospital. Ele jurou de pés juntos que nada o impediria de ver a filha se casar. E, então, eu recebi a carta.

Olhei para a vastidão do mar pela varanda do nosso quarto. Pessoas andavam para lá e para cá na parte mais plana da praia, preparando as coisas para a cerimônia do dia seguinte. Uma plataforma de madeira suspensa e um gazebo tinham sido montados. O evento aconteceria na parte privada da praia, que ficava na propriedade de Wes, e nós tínhamos criado um caminho de pedras até lá. De manhã, flores da estação preencheriam o cenário da nossa pequena cerimônia. No futuro, colocaríamos um banco ali, para nos sentar e admirar a vista incrível do oceano.

— Ei, vadia, o que você está fazendo?

Pulei na cadeira com o susto.

— Jesus! Seria bom se você anunciasse a sua presença da próxima vez, tá?

Ginelle se sentou na cadeira em frente à minha e apoiou os pés em cima da grade.

— Por que você está tão nervosa? — Ela baixou os óculos aviador para me olhar por cima do aro. — Tá batendo medo?

Sorri e me inclinei para trás.

— Nem próximo disso. — Cruzei as pernas, com os pés quentinhos em minhas botas Ugg.

Ginelle fez uma careta.

— Essas botas são tão feias. Ninguém nunca te disse isso? É por isso que elas se chamam Ugg. Deviam se chamar Ugly, porque são horrorosas. Quem quer andar por aí parecendo estar prestes a atravessar um monte de neve? — Ela empurrou o cabelo loiro para trás. — Eu não entendo o apelo.

— Eu quero!

Apoiei o pé na grade e inspecionei minhas botas. Elas eram feias mesmo. Se não fossem tão confortáveis, eu já teria jogado fora. Infelizmente, no momento em que enfiei os pés nelas e vi a luz, ou, devo dizer, *senti* a luz — como se estivesse caminhando sobre nuvens macias —, fui conquistada.

— E aí, vai me contar o que colocou esse olhar no seu rosto? Quando eu cheguei aqui, parecia que você estava sentindo cheiro de cocô de cachorro e não conseguia encontrar a merda.

Suspirando, entreguei-lhe a carta.

Ginelle a pegou e leu rapidamente. Seus lábios se curvaram e ficaram brancos.

— Filho da puta egoísta. — Sua voz subiu uma oitava. — Eu não *acredito* que ele fez isso com você na véspera do seu casamento. Depois de tudo... — Ela balançou a cabeça. — É isso aí. Eu mesma vou matar o seu pai. Ele não pode sacanear a minha melhor amiga depois do sacrifício que você fez. — Ela se levantou e colocou as mãos nos quadris. — Sabe de uma coisa? Vou ligar pra ele. Dizer que ele é um covarde, imprestável...

Eu a detive com a mão em seu pulso.

— Isso não vai ajudar. Aliás, vai fazê-lo se sentir pior e garantir que ele volte a beber pra esquecer os problemas. Apesar de eu achar que ele vai de qualquer jeito. O tom dessa carta não me passou muita confiança. Mas sabe de uma coisa, Gin?

Ela bufou e se sentou.

— Eu não posso me importar mais. Estou cheia. Claro que eu sempre vou amar

o meu pai. Ele é o pops. Nenhuma boa ação que ele faça ou merda que jogue em cima de mim vai mudar isso. Eu não tenho espaço dentro do meu coração neste momento pra deixar que ele me derrube, nem a minha mãe. Dói? Claro que dói. Muito. Mas amanhã é um novo dia. — Pensei no sorriso de Wes, na maneira como ele me tocava, me olhava com adoração. — O Wes faz tudo ficar bonito. Até eu. Vou focar nisso e viver a minha vida mergulhada na beleza que ele é e na nossa vida juntos.

Gin assentiu.

— Em primeiro lugar, você sempre foi bonita. Incrivelmente linda. Em segundo lugar, eu te entendo. Não concordo, porque por mim daria um chute no saco do seu velho, mas vejo que é isso que você precisa fazer pra seguir em frente. Já é hora. Além disso, todos nós estamos seguindo em frente. — Ela olhou ao longe, para as ondas que quebravam na praia intocada.

Eu teria aquela vista para admirar todos os dias. Era uma mulher de sorte e precisava parar de sentir pena de mim mesma e começar a apreciar tudo que tinha. No entanto, antes, havia algo que Ginelle dissera que nós precisávamos esclarecer.

— Pelo que você disse, devo entender que você vai seguir em frente... tipo, no Havaí?

Ela sorriu com tristeza.

— Não, não. Eu não vou. Vou ficar aqui mais um tempo. Se vocês não se importarem que eu continue na casa de hóspedes.

— De jeito nenhum. Fique o tempo que quiser. Fique pra sempre. Eu já disse que te quero aqui. Se eu vou morar aqui, preciso da minha melhor amiga por perto. Mas tenho que dizer que estou um pouco surpresa. Você e o Tao estavam se entendendo, não?

Ela assentiu.

— Sim, ele é tudo que eu poderia querer em um homem. Só que ele não me quer. Bem... — Ela sorriu ironicamente, mas o sorriso não alcançou os olhos. — Ele quer algumas partes minhas.

Bati em seu braço.

— Para de brincadeira. O que você quer dizer com isso?

Ginelle encolheu os ombros e cruzou os braços, num movimento claramente defensivo.

— Ele gosta de ficar comigo, se divertir comigo, e o sexo é fenomenal...

— Parece perfeito — interrompi, sem querer que ela começasse a dar detalhes. Quando se tratava de sexo, minha melhor amiga não era tímida. De modo algum.

Ela gostava de compartilhar todos os pormenores, e às vezes eu queria ouvi-los, mas não na noite anterior ao meu casamento. Pelo menos pelas próximas horas, eu queria manter uma aura sagrada ao redor desse assunto.

Ela inclinou a cabeça para trás e olhou para o céu.

— Ele quer uma esposa e mãe de família. Alguém que ele possa sustentar, não uma mulher que trabalhe. Passei anos cuidando da minha carreira. Ainda tenho anos pra viver de dança antes de precisar parar. E, quando isso acontecer, eu sempre sonhei em abrir uma escola de dança para crianças. E aí sim poderia até pensar em ser mãe. Mas eu quero ter a liberdade de decidir. Eu poderia ter um estúdio e levar os meus filhos comigo. A minha primeira professora de dança fazia isso, deixava os bebês no chiqueirinho enquanto dava aula. Ela devia cobrar menos pelas aulas, já que havia interrupções de vez em quando, mas na maior parte do tempo era legal. Eu cresci com aquelas crianças, dancei com elas em apresentações tempos depois. É pedir demais querer isso pra mim?

Seus olhos se estreitaram quando ela apoiou os cotovelos nos joelhos e a cabeça nas mãos.

— Não, não é pedir demais. Se é o seu sonho, você tem que lutar por ele, a menos que uma oportunidade melhor apareça. Você conversou com o Tao sobre seus planos?

Ela suspirou.

— Sim, e ele disse que a mulher dele não iria trabalhar, a menos que fosse no show da família.

— Bom, eles são dançarinos. Talvez você pudesse...

Ela revirou os olhos e olhou para mim como se eu tivesse acabado de dizer que o Brad Pitt estava na porta da frente se oferecendo para ser o pai dos seus filhos.

— Certo. — Deixei escapar uma respiração lenta. — Não é exatamente o seu estilo de dança.

Ginelle se encolheu.

— Não.

— Mas... o Tao é o seu tipo de homem. Será que ele não vale a troca de um sonho por outro?

Depois de fechar os olhos, ela respirou fundo.

— Eu seria uma péssima pessoa se dissesse que não? Pelo menos não agora. Eu só tenho vinte e cinco anos. Daqui a algum tempo, talvez eu pense diferente. Mas até lá...

— Ele não vai mais estar disponível. Não, eu entendo. Então foi um

rompimento tranquilo?

Ela bufou e se recostou na cadeira.

— Nem um pouco. Embora eu tenha esperança de que ele entenda a mensagem.

Eu ri.

— Você quer dizer, antes que ele pegue um avião pra te sequestrar?

Um dos seus braços se abriu, apontando para o meu nariz.

— Bingo! A vencedora faz o jantar.

Gemi.

— É a minha última noite de solteira.

— Ei, não é culpa minha que ele gostou tanto que colocou um anel aí. Isso é com você. Agora levanta, mulher. Já pra cozinha me fazer um sanduíche.

Ela usou de muita força para me levantar da cadeira.

— E não se preocupe mais com esse lixo. As próximas vinte e quatro horas vão ser as mais felizes da sua vida, e, como sua madrinha, vou garantir isso. — Ela amassou a carta do meu pai e a jogou por cima do ombro, para fora da varanda. Não olhei para ver onde caiu.

— Você sabe que a Maddy é a minha madrinha, né? — perguntei.

Ela levou as mãos aos ouvidos.

— Lá-lá-lá lá-lááááá lá-lá-lá lá-lááááá.

É, acho que a Maddy daria um jeito nela.

As cobertas se mexeram tão suavemente que eu não teria notado se um joelho não tivesse movimentado o colchão. Inspirei lentamente, mantendo a respiração regular, assim ele não saberia que eu estava acordada. O cheiro do meu homem e do mar invadiu meus sentidos, enviando uma onda de luxúria e desejo por todo o meu corpo. Ainda assim, fingi dormir, mais interessada em saber como ele planejava esse ataque-surpresa do que em anunciar que eu sabia que ele estava lá.

Algo fresco, mas não frio, tocou minha nuca e deslizou numa carícia lenta ao longo de cada ondulação em minha coluna. Não pude evitar o arrepio.

— Eu sei que você está acordada, linda — Wes resmungou e depois mordeu minha bunda através da calcinha de algodão. Eu não esperava ver o meu noivo na noite anterior ao nosso casamento, porque tínhamos concordado em não dormir

juntos, como era tradição com noiva e noivo normais. Eu não era muito de seguir tradições, mas pareceu significativo quando Claire Channing sugeriu essa.

E ali estava o meu homem, quebrando as regras.

— Nós ainda nem casamos e você já está quebrando a tradição?

Seus dedos deslizaram para as laterais da calcinha, que ele puxou pelas minhas pernas. Permaneci de bruços, o rosto de lado, à espera da próxima jogada. Se ele ia mesmo quebrar as regras, faria todo o trabalho. Então eu poderia alegar que fui apenas uma vítima indefesa.

— Como se você se importasse — ele caçoou, esfregou aquela coisa fria em meu bumbum nu e a forçou entre as minhas coxas.

— Ah! — pulei quando a sensação atingiu a entrada do meu sexo. A coisa desapareceu e eu fui deixada com o tesão formigando entre as pernas e o som da inspiração profunda de Wes.

— Rosas misturadas com o seu mel... Linda, eu estou salivando — ele disse com um gemido. Eu me apoiei no quadril e deitei de costas. Wes estava cheirando uma rosa vermelha. No momento em que nossos olhares se cruzaram, ele lambeu uma pétala. Minha boca se abriu, imaginando o que ele estava provando na flor. — Delicioso, mas não o suficiente. — Sua garganta se moveu, e seus olhos queimaram mais que o fogo.

Observei enquanto ele montava em mim. Eu estava vestindo apenas uma regata branca canelada, já que ele havia tirado minha calcinha.

— Wes, você não devia estar aqui — avisei sem vontade. Ondas de calor arrepiaram meu ventre e se espalharam, cobrindo minhas coxas com desejo, mesmo enquanto eu falava.

A julgar pela maneira como Wes me encarava, como se eu fosse uma fonte de água cristalina e ele estivesse morrendo de sede, ele não pretendia estar em qualquer lugar que não fosse enfiando seu pau grosso profundamente em mim, permanecendo por tempo suficiente para encontrar o êxtase. Eu sabia, e ele também. Por que mesmo eu estava lutando contra isso?

Ah, certo. A mãe dele. A sugestão dela, segundo a qual o segredo para o início de um bom casamento era se abster na noite anterior. Não ver a noiva antes da cerimônia. Havia um bocado de tradições idiotas que pareceram boas quando ela mencionou. Mas, quando um homem gostoso como Wes quer fazer o que ele queria fazer comigo — coisas que me fariam cantar em louvor e me reconectar com o Todo-Poderoso —, essas tradições soam como folclore.

Havia ferocidade no corpo de Wes enquanto ele pairava sobre mim. Vestindo

apenas a cueca boxer e uma camiseta, ele levantou um braço forte e puxou a camiseta sobre a cabeça, revelando o peitoral rígido para meu prazer visual. *Não, o peitoral não.* Eu não tinha como ganhar diante das ondulações intermináveis que me faziam desejar lamber a extensão de pele à minha frente. Não era possível ganhar. Eu já tinha percorrido essa estrada antes. Era rochosa, irregular e cheia de picos. Uma vez que eu colocasse os lábios em seu peitoral, em um único gominho de seu abdome... a porra do jogo acabaria.

Você tem a vontade de um guerreiro, eu me lembrei. Eu tinha ouvido essa frase em um comercial ou em algum programa de TV, e a repetia agora.

— Você vai me negar o que é meu? — Wes perguntou, colocando as mãos no decote da minha regata. Seus dedos se enroscaram no tecido e, com um movimento rápido, ele rasgou o algodão bem no meio.

Puta merda. *Você tem a vontade de um guerreiro*.

Ele se inclinou para a frente enquanto eu fazia que não com a cabeça. Não conseguia pronunciar as palavras. Sua boca quente envolveu um mamilo e ele sugou com força e por bastante tempo.

Você tem a vontade de um guerreiro.

— Wes... — eu me ouvi sussurrar.

— Diga que não quer e eu vou embora. — Ele cuidou primeiro de um mamilo e depois do outro, com voltas ásperas da língua e pequenas mordiscadas. Enquanto torturava um deles com a boca, puxava, acariciava e torcia o outro, até meus quadris estarem se movendo por vontade própria. Buscando, procurando, tentando encontrar algo para aliviar a sensibilidade extraordinária.

— *Argh.* Eu não posso — ofeguei, envolvendo os braços em sua cabeça e arqueando em sua boca.

— Essa é a minha garota — ele grunhiu e sugou o máximo que pôde do meu seio em sua boca quente. Eu o encorajei, gemendo e o segurando ali. Querendo que ele continuasse, ávida por isso.

Wes deslocou o joelho entre minhas coxas e empurrou minhas pernas para o lado, se encaixando ali. Era um movimento a que eu estava acostumada, depois de tantos meses experimentando todas as formas de o meu homem fazer amor comigo. Esta noite ele queria estar perto, o mais perto que pudesse. Ele grudou o corpo ao longo do meu, nossa pele se tocando o máximo possível.

Sem mais rodeios, ele levantou meus quadris e afundou o pau grosso em mim com tudo. Ofeguei, meu sexo apertando seu membro com o impacto.

— Ah, caramba — gritei quando ele se afastou e me penetrou novamente.

— Eu vou te amar assim pra sempre, Mia. — Ele recuou e meteu mais uma vez. — Todos os dias da minha vida... — Recuou, seguido por uma estocada firme. — Sem falta... você vai ser amada — Wes prometeu e, em seguida, aumentou o ritmo.

Eu me agarrei a ele e sussurrei promessas de amor eterno em seu pescoço, lábios, peito, o que eu podia alcançar, até que a pressão se tornou intensa demais. Ela começou a pulsar na parte inferior da minha coluna e se espalhou, com ondas de calor correndo pelos meus membros, fazendo cada terminação nervosa coçar. Ele metia seu pau grosso dentro de mim, uma, duas, três vezes, até que a centelha que ele havia começado entrou em chamas e eu disparei, subindo em labaredas tão brilhantes que ofuscavam tudo no caminho.

Em cima de mim, o corpo de Wes era uma máquina de músculos e ossos, cada centímetro dele focado na necessidade diante de si, acelerando com todo o prazer que meu corpo recebia. Ele continuou, implacável, até eu gritar novamente. Sua boca abafou meu segundo orgasmo, saboreando meu desejo por ele. Mordi seu lábio enquanto seu corpo se apertava, cada partícula dele me agarrando forte, como se ele fosse voar para longe se não fizesse aquilo. Com movimentos rápidos e firmes, ele se esfregava em mim, estimulando meu clitóris e enviando uma última tremulação de prazer através do meu corpo enquanto ele gozava.

Momentos se passaram enquanto respirávamos pesadamente contra o pescoço um do outro. Isso me mostrava com que intensidade ele precisava de mim. Quando sua mãe sugeriu que não dormíssemos juntos naquela noite, ele havia aceitado quase sem resistência. Talvez já não planejasse seguir o combinado.

Levantei o queixo de Wes, afastando seu rosto do meu peito. Seus olhos imediatamente se prenderam aos meus.

— Você está bem? — perguntei, minha voz rouca e saciada.

— Eu estou com você. É claro que estou bem — ele respondeu.

Boa resposta, pensei e me mexi alguns centímetros para que pudesse beijá-lo antes de me afastar.

— Alguma razão especial para quebrar a tradição?

Ele riu e fez uma pausa. Seus olhos se iluminaram com malícia quando respondeu:

— Na verdade, eu mantive a tradição.

Franzi a testa.

— Como assim?

— Bom, existe uma tradição que diz que, se você quer ficar com a pessoa que ama durante todo o ano que se inicia, deve beijá-la à meia-noite.

Olhei para o relógio. Marcava meia-noite e quinze.

— Mas já passou da meia-noite.

Ele sorriu.

— Ah, eu estava beijando você à meia-noite. Quando deu a hora, você estava tendo não o primeiro, mas o segundo orgasmo da noite. E eu o engoli inteirinho.

— Seu depravado. — Eu o empurrei de brincadeira, mas ele se moveu apenas o suficiente para deitar ao meu lado.

Suas mãos deslizaram pelo meu corpo, como se ele estivesse gravando o momento na memória.

— Pronta pra amanhã?

— Nunca estive mais pronta na vida.

Ele abriu um sorriso enorme, e ver aquilo quase fez doer meu coração.

— É essa a verdadeira razão de você estar aqui? Pra ter certeza de que eu não vou dar uma de *Noiva em fuga* pra cima de você? — perguntei, aconchegada a ele.

— Não, eu confio no nosso amor. Só não sinto necessidade de ficar longe de você. Já ficamos separados por tempo suficiente, você não acha?

Beijei-o sobre o coração.

— Acho. Esta é a nossa tradição: um beijo à meia-noite no Ano-Novo e passar a véspera do nosso casamento nos braços um do outro.

— Não tem nenhum outro lugar onde eu preferiria estar. Agora vamos dormir. Amanhã vai ser um dia cheio. — Ele deu uma piscadinha e me beijou na testa.

EPÍLOGO

Weston

No momento em que você olha nos olhos da pessoa com quem vai passar o resto da vida, a ficha cai. Essa é a última mulher que você vai beijar. A última com quem você vai se deitar em uma cama com lençóis macios. Aquela que vai seguir a seu lado por todos os dias que te restam neste mundo. Há algo muito definitivo nisso. Só que não parece o final. É mais um alívio. Como se você tivesse trabalhado por um milhão de dias seguidos e finalmente percebesse que alcançou seu objetivo. Esse é o objetivo. Esse momento é o final feliz. Para nós dois.

Mia. Quando ela pisou no deque de madeira, de braços dados com o irmão, tudo desapareceu...

O som das ondas do mar... não estava mais lá.

Os convidados olhando para ela, vestida de branco, descendo as escadas descalça e iniciando a caminhada pelas pedras... não estavam mais lá.

Minha irmã parada ao meu lado... não estava mais lá.

O padre... não estava mais lá.

Não havia nada além da Mia. Nunca vai haver nada além dela. Ela é a minha razão de existir. Eu não estaria aqui hoje se não fosse por ela.

Seus passos eram determinados, acompanhando a música, que eu já não podia ouvir. Um passo à frente do outro. Seu vestido era simples e elegante. Não muito diferente da mulher que o vestia. Tinha alças finas que delineavam o V do decote e uma linha de cristais nas bordas. Eu amava o porte dela. A forma de ampulheta com curvas suculentas. O vestido se ajustava à cintura fina e descia abrindo, ondulando na brisa de janeiro. O tempo em Malibu estava ameno, um dia incrivelmente bonito e ensolarado, com vinte e cinco graus. O dia mais importante da nossa vida.

Seus ombros, braços, pernas e pés estavam à mostra. Os únicos pontos de cor eram as ondas negras do cabelo, o cor-de-rosa das unhas e o vermelho dos lábios deliciosos. E, claro, havia os olhos.

Meus amigos brincavam dizendo que era o corpo da Mia que me deixava de quatro, mas não era. Eram seus olhos. O tom mais claro de verde, como ametista, se eu tivesse que escolher uma pedra para comparar.

Aqueles olhos me hipnotizaram desde o primeiro dia, assim que ela tirou o capacete sobre a moto e o sol atingiu suas íris. Eu soube então que ela poderia ser o meu fim. O que eu não sabia, porém, era que ela também era o início e o meio. Eu não queria viver num mundo em que a Mia não existisse. Ela iluminava os dias sombrios, transformava os difíceis em fáceis e os bons em maravilhosos. Não havia nada que eu não fizesse pela mulher que caminhava em minha direção, pronta para me aceitar em sua vida, como seu marido. Eu só podia esperar ser tudo que ela precisava. Agora e em todos os dias que estavam por vir.

— Weston Charles Channing Terceiro, você... — o padre começou e Mia repetiu "Terceiro" com os lábios. Disfarcei o riso fingindo tossir enquanto o sacerdote continuava.

— Comporte-se — sussurrei, baixo o suficiente para que só ela pudesse ouvir.

Ela piscou para mim quando o padre chegou à minha parte.

Olhei fixo nos olhos da minha garota e disse a palavra do fundo do coração:

— Aceito.

Assim que terminei, ela me presenteou com um de seus largos sorrisos. Do tipo que não é planejado ou pensado. Eu vivia para testemunhar esses sorrisos inesperados e maravilhosos.

— Mia Saunders, você... — o padre repetiu a pergunta, agora para ela, mas era um ruído de fundo. Até que a boca da Mia se moveu.

— Aceito — ela disse, umedecendo os lábios e mordendo o inferior.

Eu queria apressar o homem para chegar à parte boa. A parte em que ele a fazia minha. Legalmente.

Como prometido, trocamos alianças simples de platina. Mia não era o tipo de mulher que gosta de exibir diamantes. Não. A minha garota queria viver com o vento no rosto e o velocímetro se elevando a níveis assustadores. Como eu era o tipo de homem que dá à sua mulher o que ela quer e não deseja nada além de fazê-la feliz, seu presente de casamento estava estacionado na calçada.

Não economizei e comprei a MV Agusta FCC na qual ela vivia babando. Sim, eu fucei o histórico dela na internet. Uma coisa engraçada sobre essa mulher. Você

esperaria ver links para sites como Victoria's Secret e Bloomingdale's, mas a minha garota não. A maioria de suas pesquisas era sobre destinos de lua de mel e motos.

Sorri conforme o padre continuava falando. Meus dedos tremiam de antecipação enquanto eu segurava as mãos dela, esperando a parte que selaria o nosso "para sempre".

— Pode beijar a noiva.

Ele nem bem terminou de falar e eu já estava segurando as bochechas da minha garota e devorando sua boca. Tinha gosto de menta e champanhe. Absolutamente deliciosa. Inclinei a cabeça e lambi seus lábios, brincando com sua língua na minha. Um gemido suave lhe escapou conforme ela derretia com o beijo, agarrando meus ombros, se aproximando mais. Eu vivia para experimentar o momento em que ela me agarrava forte. Provava que cada beijo significava tanto para ela quanto para mim.

Eu não queria soltá-la nunca mais. E a melhor coisa de se casar com a mulher que você ama é saber que nunca vai precisar fazer isso.

Durante o ano que se passou, ao lado da Mia e com a influência dela, eu também aprendi a confiar na jornada. Só que, pensando bem, a jornada nunca termina de fato. Cada dia pode ser o início de uma nova jornada. Uma nova vida. Com Mia, nossa família e os amigos que fizemos ao longo do caminho... nossa jornada estava apenas começando.

Fim

Mais ou menos...

ONDE ELES ESTÃO AGORA?

Alec DuBois: o artista mundialmente renomado e pra lá de safado está morando em sua França natal, onde suas pinturas continuam a reinar no mundo das artes. Alec atualmente divide seu tempo entre duas *femmes fatales* francesas que, igualmente, afirmam estar grávidas de um filho seu.

Hector e Tony Fasano: os dois estão bem, vivendo o sonho americano. Eles se casaram logo após Mia e Wes e contrataram uma universitária para ser sua barriga de aluguel. Ela doou dois óvulos para serem fertilizados com um espermatozoide de cada um, assim ambos teriam um filho biológico. Hector e Tony a ajudaram a pagar a faculdade, e ela está feliz trabalhando para eles na sede da empresa. A marca Fasano chegou aos supermercados e superou todas as outras marcas de congelados como líder em "alimentos congelados gostosos", como diz o slogan. Os Fasano são agora multimilionários, incluindo a *mamma* Fasano.

Mason e Rachel Murphy: como planejado, eles se uniram numa cerimônia grandiosa que a revista *People* descreveu como "o casamento do século". Mia foi uma das madrinhas do noivo e arrasou de smoking. Mace e Rach têm três filhos, que a mantêm ocupada enquanto o marido continua batendo recordes no beisebol, tanto para si como para o Red Sox. Eles têm planos de um dia comprar um time.

Tai e Amy Niko: tiveram um exuberante casamento havaiano, com direito a dança do fogo, hula e as vestes tradicionais samoanas. Amy vem parindo mini-Tais desde então. Depois de quatro meninos, ela finalmente concebeu uma deusa de cabelo loiro e olhos azuis, que eles batizaram de Natia, nome samoano que significa "tesouro escondido".

Warren e Kathleen Shipley: estão passando a segunda metade da vida viajando pelo mundo. O projeto filantrópico de Warren recebeu muitos elogios ao longo dos anos, fornecendo recursos para países de terceiro mundo e/ou afetados pela guerra. Ele ganhou o Prêmio Humanitário do Ano da Cruz Vermelha Americana pelo empenho nas contribuições para a caridade.

Aaron Shipley: foi cassado pelo Congresso e condenado no Senado pouco tempo depois do incidente com Mia. Perdendo o acesso à fortuna do pai, Aaron passou a desviar grandes somas de contribuintes da campanha e a prometer favores a conglomerados empresariais por meio de votos no Senado. Atualmente, cumpre pena numa prisão federal de segurança mínima em Bakersfield, na Califórnia.

Anton Santiago e Heather Renee: passaram os últimos dez anos no topo de todas as paradas de hip-hop. Juntos, eles gerenciam a Lov-us Produções, a produtora mais procurada por artistas de pop e hip-hop na indústria da música. Os dois trabalham muito e cuidam da filha, apropriadamente batizada de Fate, que significa destino. Anton e Heather são e sempre vão ser melhores amigos, o que os levou a tomar a decisão de terem um filho juntos antes de ficarem muito velhos para isso. A criança é fruto de fertilização *in vitro*. Ambos estão felizes em dividir a casa com a filha enquanto se revezam à frente dos negócios.

Maxwell e Cyndi Cunningham: vivem no mesmo rancho no Texas, com os cinco filhos. Infelizmente para Max, Jackson é o único menino, e Cyndi se recusa a engravidar mais uma vez. Uma das meninas recebeu Mia como segundo nome, e outra, Madison. A quinta criança foi batizada em homenagem à mãe de Cyndi. Max está ocupado como sempre, dirigindo a Cunningham Óleo e Gás ao lado da irmã caçula.

Blaine Pintero e sua equipe de capangas felizes: estão cumprindo pena de prisão perpétua em um presídio de segurança máxima em Nevada, por plantarem uma bomba que matou dez pessoas. As dez vidas eram todas de traficantes de drogas, cafetões e assassinos com mandados de prisão. Foi realmente uma situação em que todos saíram ganhando.

Michael Saunders: nunca superou a partida da esposa, que finalmente se divorciou dele, quinze anos depois. Permanece em Las Vegas e arrumou emprego como zelador de uma pista de boliche. Embora já não jogue nem pegue empréstimos de agiotas, ainda passa a maior parte dos dias entrando e saindo de programas dos Alcoólicos Anônimos. Mia e Madison têm pouco contato com o pai ultimamente.

Dr. Drew Hoffman: ainda é o médico das estrelas de Hollywood. Se casou e

divorciou seis vezes.

Kathy Rowlinski: subiu na vida corporativa e agora é CEO da Century Produções. Tem uma mansão em Beverly Hills e se casou com seu assistente sexy.

Kent e Meryl Banks: estão vivendo a vida como sempre. Kent desenvolve projetos de chalés modernos em todo o mundo, enquanto sua esposa — agora oficialmente — pinta e administra a galeria. Eles fazem visitas regulares ao Texas, onde passam o tempo mimando os netos.

Millie Colgrove ("sra. Milan"): continua a gerenciar a Exquisite Acompanhantes de Luxo. Sua clientela faz parte da elite, e suas meninas são conhecidas por serem bonitas e discretas. Millie namora um distinto cavalheiro que veio até ela originalmente como cliente, em busca de uma mulher mais madura. Em vez de contratar uma acompanhante, ele começou a cortejá-la. Eles estão juntos há vários anos. Millie se recusa a chamá-lo de qualquer outra coisa além de "cara-metade", já que acredita que rotular o relacionamento dá azar.

Ginelle, também conhecida como Vagaba Sem-Vergonha: dirige uma escola de dança de elite no centro de Los Angeles, que atende celebridades e atores aspirantes que precisam aprender a arte da dança. Teve relacionamentos bons e ruins até finalmente encontrar um homem de quem não pôde fugir ou se esconder. Sua história de vida está sempre em movimento, mas ela está mais feliz do que nunca.

Madison e Matt Rains: Madison terminou o doutorado e é a cientista-chefe da Cunningham Óleo e Gás. Matt e seus pais cuidam das terras dos Channing, dos Cunningham e dos Rains. O casal tem um filho chamado Mitchell e atualmente está esperando o segundo. A criança ainda não tem nome, já que o casal está brigando a respeito de usar mais um com a letra M. Maddy quer manter a tradição, enquanto Matt quer quebrá-la e começar uma nova.

Wes e Mia Channing: nosso herói e nossa heroína vivem felizes em Malibu durante o ano letivo e no Texas durante os feriados, férias e por seis semanas a cada verão. Eles têm dois filhos — o menino recebeu o nome de Marshall Jackson, e a menina se chama Madilyn Claire. Juntos, marido e mulher escrevem, produzem, escalam o elenco e dirigem seus próprios filmes. O último, *A garota do calendário*, foi um sucesso de bilheteria, arrecadando trezentos milhões de dólares na primeira semana. O casal passa os dias surfando, brincando com os filhos, trabalhando no mais novo filme e fazendo amor ao som do mar sob o anoitecer. Confiando na jornada que os uniu, eles agora caminham lado a lado.

Fim de verdade

Por enquanto...

AGRADECIMENTOS

A Sarah Saunders, a musa original da nossa Mia Saunders. Em janeiro de 2017 você vai dar à luz a verdadeira Mia, e eu tenho que dizer quanto isso honra a mim, ao meu trabalho e a esta longa jornada. Espero que um dia, quando ela ler esta série, adore a Mia tanto quanto nós. Sou grata pelo presente que é você na minha vida.

Ao meu marido, Eric, por sobreviver a um ano inteiro enquanto eu escrevia esta série. Não há ombro mais confortável nem mais disponível que o seu. Você é o homem com quem eu quero passar todos os dias da minha vida. Vou te amar para sempre, cada vez mais.

À minha editora, Ekatarina Sayanova, da Red Quill Editing, LLC (www.redquillediting.net). Gostaria de ter conhecido você no início da minha jornada no mundo da escrita. Por outro lado, se não tivesse experimentado diversos editores, talvez eu não soubesse do que gosto e quão especial você é. Você me deixa empolgada para ler cada edição que faz, enquanto, com os outros, minha vontade era me encolher em posição fetal e morrer quando recebia as edições de volta. Obrigada.

À minha assistente pessoal extremamente talentosa, Heather White (conhecida como "A Deusa"). Você me levanta quando estou para baixo, me faz companhia, fica com raiva por mim quando eu me sinto ofendida e celebra cada conquista minha, não importa quão pequena seja. Obrigada por me dar o braço e caminhar a meu lado quando eu me atrapalho. Te amo, garota.

Qualquer autor sabe que não é nada sem o apoio de leitores beta incríveis. E eu tenho as melhores!

Jeananna Goodall, adoro o fato de você enxergar o que eu escrevo como se os personagens fossem entidades vivas. Isso me dá esperança de que outras pessoas se conectem com os meus livros da mesma maneira. Obrigada por torcer por mim ao longo do caminho. *Besos*.

Ginelle Blanch, é um pouco surpreendente que, depois de tantos volumes, você ainda encontre os mesmos erros. Você deve pensar que eu já deveria ter aprendido. Pelo menos eu tenho você para salvar a minha pele. Adoro você e seu comprometimento com o trabalho da minha vida. Você é encantadora e sempre será.

Anita Shofner, espero que você tenha gostado da personagem que é sua xará. Era o mínimo que eu poderia fazer depois de você ter sido minha beta por tanto tempo. Obrigada, minha querida, por estar ao meu lado, por dedicar um tempo da sua vida me passando conhecimento e fazendo minha história brilhar. #muitoamor

Christine Benoit, meu francês seria absolutamente horrível se não fosse por você. Até agora, não ouvi um único falante de francês se queixar de que minhas frases estão incorretas, e tudo isso por sua causa, gata! Muito obrigada por estar disposta a ajudar e a ser minha beta quando necessário. Você é demais!

Obrigada às moças do Give Me Books e a Kylie McDermott, por divulgar muito esta série no mundo das redes sociais!

Preciso agradecer à minha incrível e fabulosa editora, a Waterhouse Press. Obrigada por ser uma editora tradicional não tradicional!

Ao Audrey Carlan Street Team of Wicked Hot Angels. Juntas nós vamos mudar o mundo. Um livro de cada vez. *Besos* para a vida, moças encantadoras.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

A garota do calendário – Dezembro

Skoob do livro
https://www.skoob.com.br/a-garota-do-calendario-dezembro-601231ed601357.html

Skoob da autora
https://www.skoob.com.br/autor/15764-audrey-carlan

Site da autora
http://www.audreycarlan.com/

Goodreads da autora
http://www.goodreads.com/author/show/7831156.Audrey_Carlan

Facebook da autora
https://www.facebook.com/AudreyCarlan/

Twitter da autora
https://twitter.com/audreycarlan

Vídeo sobre a série no Youtube
https://www.youtube.com/watch?v=CjCo6E20uHw

Instagram da autora
https://www.instagram.com/audreycarlan/